



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



JEANE FRÓES DE FREITAS FERREIRA

**LEITURA DE POESIA E CORDEL NA ESCOLA:
PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EXPERIÊNCIA DA LITERATURA
COMO HUMANIZAÇÃO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO**

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA

2015

JEANE FRÓES DE FREITAS FERREIRA

**LEITURA DE POESIA E CORDEL NA ESCOLA:
PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EXPERIÊNCIA DA LITERATURA
COMO HUMANIZAÇÃO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Proletras – na Área de concentração Linguagens e Letramentos, do Departamento de Ciências Humanas – Campus V, em Santo Antônio de Jesus, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Ferreira da Silva

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Ferreira, Jeane Fróes de Freitas

Leitura de Poesia e Cordel na Escola: uma proposta pedagógica para a experiência da literatura como humanização, memória e pertencimento / Jeane Fróes de Freitas Ferreira. – Santo Antônio de Jesus, 2015.
142 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosemere Ferreira da Silva
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) –
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus V.
2015.

Contém referências.

Leitura literária. 2. História local. 3. Cordel. I. Silva, Rosemere da. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD:

808.3

JEANE FRÓES DE FREITAS FERREIRA

LEITURA DE POESIA E CORDEL NA ESCOLA:

Uma Proposta Pedagógica para a Experiência da Literatura como Humanização,
Memória e Pertencimento

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras –
Profletras – na área de concentração em Linguagens e Letramentos, da
Universidade do Estado da Bahia, Campus V, como requisito para obtenção do grau
de Mestre em Letras.

Santo Antônio de Jesus-Ba, 21 de Agosto de 2015

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosemere Ferreira da Silva
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Examinadora: Prof^a Dr^a Lígia dos Santos Ferreira
Universidade Federal de Alagoas

Examinadora: Prof^a Dr^a Priscila Peixinho Fiorindo
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

AGRADECIMENTOS

A Deus pela certeza de caminhar sempre ao meu lado.

Ao meu marido Marlei André pelo apoio incondicional, companheirismo, compreensão e amor nas horas difíceis em que o tempo se fazia curto para tantas tarefas.

Ao meu filho Arthur, razão da minha vida, pela paciência e carinho nos momentos de ausência da mãe.

Aos meus pais pelos ensinamentos, pelo incentivo e por terem criado condições para que eu estudasse sempre. Mesmo não tendo estudado, ensinaram-me a importância da escola, do conhecimento e de como é importante ter autonomia na vida.

A minha orientadora Professora Doutora Rosemere Ferreira da Silva, pelos seus ensinamentos, pela paciência, em todo o percurso da pesquisa, além das preciosas e sábias intervenções e do incentivo constante.

Às Professoras Doutoradas Lígia dos Santos Ferreira e Priscila Peixinho Fiorindo, pelas inestimáveis contribuições feitas por ocasião do Exame de Qualificação.

Aos Professores do Mestrado Profissional em Letras – Profletras – pelas contribuições e, muitas vezes, acalanto em nossas dificuldades e incertezas.

A meus professores do ensino básico e da graduação que me ensinaram a ler e amar a literatura, contribuindo para minha formação pessoal e profissional.

Às gestoras, professores e alunos do oitavo ano da escola pesquisada, pela colaboração generosa à esta pesquisa.

Aos amigos do curso de mestrado Profletras que compartilharam saberes, alegrias e angústias em momentos de conquistas, dúvidas, dificuldades e descobertas. Juntos, estudamos, escrevemos, apoiamos-nos e aprendemos.

Aos familiares e amigos que, direta ou indiretamente, me incentivaram nessa caminhada.

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver (...). Não creio ser o único a vê-la assim. Mais densa e eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2009, p. 23).

RESUMO

É papel fundamental do ensino de Língua Portuguesa e da formação escolar a ampliação e o aprofundamento da convivência dos educandos com os gêneros da literatura, estabelecendo meios para o letramento literário. Este trabalho propõe um debate sobre o ensino de literatura e pretende contribuir com as investigações no campo da Educação. O objetivo é abordar a interlocução entre texto literário, história local e memória a partir do desenvolvimento da proposta de intervenção pedagógica, buscando novos caminhos para o ensino literário na escola. Com base na teoria sobre o papel humanizador da literatura, proposta por Antonio Candido (2004), bem como no letramento literário apresentado por Rildo Cosson (2009), discute-se a importância e a necessidade da manutenção e da ampliação da prática de leitura literária na escola, visando uma melhor apreensão das peculiaridades e subjetividades do texto literário. Também é enfatizada a contribuição que o estudo do texto literário pode trazer à formação global do sujeito enquanto agente social, político e cultural. Nesta perspectiva, o trabalho discute o problema do esquecimento e/ou negação da literatura na educação escolar, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental; os valores da literatura; e a importância do professor enquanto agente mediador de leituras literárias, rompendo com a ideia do ensino de literatura abstrato, fragmentado e desvinculado das vivências do aluno. Neste sentido, por meio da interlocução com outras linguagens (fotografias, música, vídeos, painéis, filme), apresenta-se a proposta de leitura significativa de textos literários (poema e literatura de cordel) de “escritores da terra”, contemporâneos e de geração anterior, enfatizando a relação do leitor com o texto literário e sua realidade. A partir das referidas leituras, buscou-se possibilitar diversificadas atividades – como encenação, dramatização, recitais, diálogos com escritor local e docentes de áreas afins (História e Arte) – aproximando o educando do contexto social, histórico e cultural de sua cidade.

Palavras-chave: Leitura Literária. Humanização. Memória. História Local. Poema. Literatura de Cordel.

ABSTRACT

It is a fundamental role of the Portuguese Language teaching and school education the expansion and the deepening of students' interaction with the literary genres, establishing means for literary literacy. This work proposes a debate on teaching literature and intended as contribution to investigations in the field of literature and education. Its goal is to address the interaction between literary text, local history and memory from the development of pedagogical intervention proposal seeking new ways for the literary education at school. Based on the theory about the humanizing role of literature, proposed by Antonio Candido (2004), as well as in literary literacy presented by Rildo Cosson (2009), discusses the importance and necessity of maintenance and expansion of the practice of literary reading in school, aiming at a better apprehension of the peculiarities and subjectivities of the literary text. Also emphasizing the contribution that the study of the literary text can bring to the global training of the subject while social, historical and cultural agente. In this perspective, the work discusses the problem of forgetfulness and/or denial of literature in school education, especially in the final years of primary school; the values of literature; and the importance of the teacher as mediator of literary readings, breaking with the idea of teaching literature fragmented and released from experiences of the student. In this sense, through the use of motivating tools (pictures, music, videos), presents proposal for significant reading literary texts (poem and cordel literature) of "writers on Earth", contemporary and previous generation, emphasizing the relationship of reader with the literary text and its reality. From these readings, sought to enable diverse activities-like theatrics, drama, recitals, dialogues with local writer and Faculty of related areas (story and art) – approaching the raising of socio-historical and cultural context of their city.

Keywords: Teaching Literature. Humanization. Memory. Local History. Poem. Cordel Literature.

SUMÁRIO

1 PARA COMEÇO DE CONVERSA.....	8
2 LITERATURA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS QUE SE CRUZAM	15
2.1 DESAFIOS, DIÁLOGOS E CAMINHOS POSSÍVEIS.....	15
2.2 VALORES DA LITERATURA NOS CONTEXTOS ESCOLAR E SOCIAL.....	25
2.3 O EDUCADOR COMO MEDIADOR DA LEITURA LITERÁRIA	30
3 A EXPERIÊNCIA DA LITERATURA COMO HUMANIZAÇÃO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO	34
3.1 CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE LOCAL E UM SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO	35
3.2 MEMÓRIAS REVISITADAS PELA VIA LITERÁRIA.....	41
4 DEFININDO A TRAJETÓRIA	46
4.1 O CAMINHO PERCORRIDO PARA ABORDAR A QUESTÃO	47
4.2 O PÚBLICO ALVO E A ESCOLA PARTICIPANTE	53
4.3 PROPONDO UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: APRENDIZAGEM PELO PERCURSO LITERÁRIO	54
4.3.1 Apresentando a Proposição	60
5 VIVENCIANDO PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA.....	70
5.1 RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA	69
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICES	109
ANEXOS.....	121

1 PARA COMEÇO DE CONVERSA

Esta dissertação – vinculada à interlocução entre a aprendizagem da literatura no Ensino Fundamental e a aproximação das vivências dos educandos – pauta-se no desenvolvimento de práticas de leitura e compreensão de textos literários (poema e cordel), produzidos por escritores locais. É um trabalho que nasce como fruto da nossa experiência e das observações enquanto profissional da educação pública no ensino básico sobre a necessidade de ressignificar a prática pedagógica por meio da inserção ou ampliação da presença da literatura na escola. É perceptível, no contexto da sala de aula, a necessidade de repensar a relevância da leitura do texto literário na esfera educativa, visto que a escola pública demonstra dificuldade em formar leitores literários críticos, mesmo quando estes têm acesso a livros e a algumas tecnologias.

Nossa trajetória docente se alicerça em experiências advindas inicialmente do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, no qual trabalhei por quatro anos, e, em seguida, do Ensino Fundamental – Anos Finais – e também Ensino Médio. Essas vivências de trabalho na educação apontaram para uma consternação cada vez mais crescente: o fato de que a escola não tem conseguido fazer a diferença na vida do educando, principalmente no que concerne à leitura literária, por negligenciar a relevância da literatura como recurso de formação intelectual, cultural, política e humanística.

Dessas observações, percebemos como o trabalho com a literatura tem sido renegado ou exercido apenas como pretexto para a análise gramatical e/ou linguística. É urgente a mudança do pensamento pedagógico que caracteriza a literatura como utilitária aos extremos, como um conjunto de informações narradas. Essa visão impede a concretização de seu papel essencial de propor a pluralidade de sentidos e o prazer fruidor. No curso pessoal, como educanda, educadora e ser humano, sempre consideramos a literatura como libertação, condição para a criação, para o protagonismo, como espaço para a produção de subjetividades.

Em incursão escolar, ainda criança, foi possível experienciar a força e a alegria da literatura. Sendo muito tímida e submissa aos dogmas comportamentais do ‘bom aluno’, era na e pela literatura que se conseguia a libertação das imposições e das amarras de um processo de ensino e aprendizagem que estava

marcado pela reprodução do conhecimento. Nas vozes literárias lidas e, às vezes, escritas, fazia reverberar o grito dos pensamentos e sentimentos, podia-se encontrar a ousadia para transpor os crivos e as barreiras de um contexto educacional em que a criticidade e a subjetividade não eram bem aceitas. Apesar desse contexto, os textos literários estavam presentes na dinâmica pedagógica e a leitura deles era a oportunidade de um encontro com um mundo repleto de possibilidades e realidades.

Atualmente, pertencemos ao quadro do magistério público estadual, sendo educadora em exercício há quinze anos. Temos participado de momentos de atualização e aperfeiçoamento pedagógicos, buscado qualificação com as leituras, trabalhos e discussões desenvolvidos em programas e cursos. Porém, é realmente a partir das experiências e reflexões acerca da prática, da relação com os educandos e com o espaço da escola, que temos alcançado as aprendizagens mais significativas.

Como educadora, temos observado que a presença do texto literário tem sido cada vez mais reduzida nas salas de aula, nas escolas, em substituição ao trabalho com gêneros textuais do cotidiano. É notório que o ensino de Língua Portuguesa tem expandido de modo expressivo a compreensão dos objetos que se dão à leitura, a partir do desenvolvimento de novas concepções teóricas do âmbito do letramento e das teorias sobre gêneros discursivos, ampliando a abordagem da leitura.

Entretanto, neste contexto, verificamos que o espaço para a abordagem do texto literário é esquecido. Não se percebem nos livros didáticos de Língua Portuguesa considerações significativas sobre a literatura e suas peculiaridades. Além disso, quando há literatura na escola, são apresentados textos distantes da realidade do educando. E, muitas vezes, por isso, esses textos são considerados enfadonhos ou não compreendidos pelos alunos. Na escola, as estratégias de abordagem ao texto literário, geralmente, não se apresentam diversificadas. Visitas às bibliotecas, leitura de poemas, contos ou romances são práticas quase inexistentes.

Mesmo em nossa trajetória docente, percebemos que a alegria e o entusiasmo de práticas pedagógicas de leitura literária eram, cada vez mais, ausentes e descontextualizadas. Não via nos educandos o desejo de subverter conceitos, fronteiras, ideias. Mas também constatamos, tristemente, que pouco havia oportunizado a eles a vivência humanizadora e subversora da literatura.

As dimensões da prática pedagógica precisam estar vinculadas às competências de autogestão dos modos de ser e de fazer-se educador no espaço da escola pública. Em nossa concepção, o professor deve ser visto como profissional aprendiz, e, ao mesmo tempo, protagonista de suas próprias ações.

Percebemos, então, a urgência de reflexões sobre a experiência docente; de posicionamento ativo no fazer pedagógico, através do desenvolvimento de estratégias e de propostas didáticas de práticas de leituras, especialmente literárias, visando à formação do leitor crítico. A literatura caracteriza-se por uma especificidade no tratamento da mensagem, sendo inegável a sua relevância para a formação leitora mais refinada e para a constituição de um leitor mais atento e capaz de se posicionar ativamente na sociedade. Portanto, acreditamos e buscamos pela ampliação e conservação da leitura literária, na escola, enquanto força que humaniza e forma leitores reflexivos e autônomos.

Neste sentido, a participação em um Mestrado Profissional em Letras surgiu como oportunidade de alcançar objetivos, de vivenciar o diálogo entre as práticas pedagógicas desenvolvidas nas séries do Ensino Fundamental e as discussões teóricas propostas pela Academia, de emancipação no processo educacional. O processo de formação em um curso de mestrado profissional possibilita ao educador a ressignificação de seu percurso profissional, propondo uma visão crítico-reflexiva sobre seus próprios projetos e trajetórias formativas, configurados como espaços em que pode implementar um conhecimento intrapessoal, consubstanciado pelas capacidades de se autocriticar e modificar as atitudes profissionais, de construir dinâmicas e estratégias importantes na definição das atividades educacionais desenvolvidas nos contextos escolares.

Assim, este estudo aborda uma forma particular de leitura: a literária, com as suas especificidades. A realização desta pesquisa de natureza investigativa e interventiva planeja iniciar uma mudança sobre a realidade em que se encontra o ensino de literatura nas escolas de ensino fundamental, incorporando práticas significativas e enriquecedoras de leitura do texto literário e construção de identidades de cidadão engajado e crítico. Os sujeitos envolvidos são adolescentes na faixa etária de 13 a 14 anos de idade, de uma escola pública da rede estadual de ensino, no município de Santo Antônio de Jesus, estado da Bahia.

Na segunda seção, a qual constitui o aporte teórico desta pesquisa, as considerações são a respeito das concepções de literatura e seu ensino, propondo

uma reflexão acerca do lugar (ou não lugar) que a literatura ocupa nas práticas escolares. Além disso, problematiza as possíveis relações estabelecidas entre literatura e educação, destacando a contribuição que a leitura e o estudo do texto literário podem trazer à formação global do sujeito, enquanto agente social, político e cultural.

Intencionamos, de uma maneira geral, enfatizar a função humanizadora da literatura, bem como revelar a interação necessária e urgente entre o ensino de literatura e as práticas de letramento no ambiente escolar. Destacamos, ainda, a relevância do papel do educador como um mediador, um “andaime” para a formação de educandos como leitores literários. A metáfora do “andaime” é trazida por Isabel Solé (1998) para explicar que o professor conduz os estudantes a novos desafios no processo de ensino e aprendizagem, mas não o controla ou o oprime.

Deste modo, essa seção apresenta as estratégias de leitura literária como condições importantes para a concretização desse novo posicionamento da literatura na escola, com vistas à ampliação do repertório cultural dos educandos, consolidando sua formação básica. As concepções teóricas difundidas por Antonio Candido, Compagnon e, recentemente, Márcia Abreu demonstram a necessidade da leitura literária enquanto fonte de humanização. Zilberman, e Cosson, dentre outros, apontam as possibilidades pedagógicas da presença literária intensa no ensino básico.

Para aproximar a literatura da sala de aula, este trabalho apresenta, na terceira seção, a história local e o cotidiano presentes em textos de gêneros literários como a literatura de cordel e o poema, produzidos por “gente da terra”, propiciando meios para a apropriação dos elementos característicos dos gêneros, da linguagem, da história local e, sobretudo, da literatura enquanto fonte de fruição estética, mas também de conhecimento e posicionamento social e político. Ao inserir a história local e o cotidiano, através da linguagem e dos recursos literários, o educador consegue aproximar a realidade e a história do contexto da sala de aula, trazendo significado para o educando, contribuindo na formação para a vida, respeitando e resgatando as diversas culturas existentes na comunidade, construindo sentimentos de pertencimento e valorizando as identidades locais.

A seção seguinte apresenta o percurso metodológico da pesquisa-ação. A proposta de pesquisa deste trabalho demanda uma opção metodológica alternativa que torne possível a consideração e o respeito necessários às propriedades

fundamentais da condição humana tanto na sua ordem criativa quanto em seu caráter flexível. A alternativa que se configura mais adequada é a pesquisa-ação por ser uma metodologia dialética, que prognostica, em princípio, a construção do conhecimento e o planejamento de ações necessárias à consecução dos objetivos propostos pelos participantes da pesquisa, numa relação dialogal e dialética.

A seção traz a análise dos dados obtidos com base em aplicação de questionários a educandos e educadores de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental. Os questionários norteiam a investigação sobre o gosto e o conhecimento da leitura literária e problematizam a utilização do texto literário nas aulas de língua materna.

Expomos ainda, nesse ponto, o relato de uma proposta didática de intervenção, aplicada em uma turma de 36 alunos do 8º. ano do Ensino Fundamental, em um colégio da rede estadual de ensino¹, da cidade de Santo Antônio de Jesus, para enfrentar o problema de abandono e/ou esquecimento da literatura na escola. Apontamos instrumentos convidativos à aventura da interpretação (evitando uma subjetividade desenfreada), ao posicionamento crítico e participativo do educando, enquanto leitor e possível produtor de texto, ao mergulho nas questões éticas e estéticas textuais, à apropriação de uma linguagem que permite a transgressão.

A intervenção proposta apresenta esse encontro entre educação, literatura e história local, fundamentando-se no pensamento de teóricos que discutem essa relação, bem como de obras literárias propícias para o conhecimento e o aprofundamento dessa temática. Objetivamos, também, estabelecer o diálogo entre a leitura e o mundo do educando, seu espaço de vivência, sua história e cultura, estimulando, ampliando e qualificando as relações entre a escola e a comunidade em que se insere.

É importante salientar que o percurso escolhido não se encontrava pronto e dado. Ao contrário, esteve sempre em processo de construção e de ressignificação pela educadora e pelos educandos que se fazem protagonistas numa trajetória estabelecida durante o caminho e, por isso mesmo, assinalada pela incerteza, mas também pela autonomia e condições de mudanças e melhorias do processo educacional.

¹ O nome da escola não foi identificado para garantir a privacidade e a não exposição dos sujeitos da pesquisa, conforme exigência do Comitê de Ética / Plataforma Brasil (Aprovação em Anexo G).

Por meio do contexto e do recorte específicos propostos neste trabalho, indicamos algumas possibilidades para que a literatura seja trabalhada na escola como arte, mas, sobretudo, como conhecimento sociocultural e político que permite ao sujeito o letramento.

Na última seção, trazemos o relato da aplicação da proposta de intervenção pedagógica realizada no 8º. ano da escola mencionada e discutimos os resultados obtidos a partir desta aplicação. A pesquisa realizada, de caráter intervencionista, faz uma abordagem qualitativa, valorizando o contexto em que as práticas escolares ocorrem. Desta forma, procuramos compreender o fenômeno em estudo a partir da perspectiva dos educandos envolvidos e do seu contexto, almejando analisar detalhadamente as informações coletadas.

Desse modo, a concepção exposta neste trabalho, sobre a literatura, é que ela deve ser tomada como peça chave no ensino de Língua Portuguesa, visto ser o grande difusor da cultura letrada em nosso país, não sendo possível se furtar à utilização do texto literário, em sala de aula, quando se contesta uma formação leitora integral. Assim, a ideia de uma intervenção pela inserção da literatura e pelo contato com o texto literário, no contexto escolar, surgiu como forma de romper a fragmentação do processo pedagógico. Também como possibilidade de superação das concepções tecnicistas de formação docente, de rompimento das tensões entre atenção e controle, brincadeira e ensino, fruição e aprendizagem, espontaneidade e intervenção pedagógica.

A conclusão do trabalho promove a reflexão sobre práticas cristalizadas pela tradição pedagógica, em torno do ensino de literatura, que se dispõe sobre um ensino fortemente historiográfico e mais preocupado com a memorização de características e de categorias homogeneizadoras, que suprimem os conflitos de forças do tempo histórico.

Considerando os resultados obtidos, percebemos que o revigoramento do ensino da literatura requer maior aproximação entre as pesquisas acadêmicas e as práticas pedagógicas nas escolas. Assim, ponderamos necessário refletir sobre os objetivos de ensinar e estudar literatura, rever as teorias literárias norteadoras do material didático voltado para a disciplina, a pertinência da educação literária e ainda o meio de fortalecer sujeitos sociais através do estudo dos gêneros literários e do respeito à pluralidade cultural.

Para isso, foram imprescindíveis a implantação e o desenvolvimento de práticas que estimularam a leitura do texto literário, mais especificamente que promoveram o contato com manifestações culturais que expressam tensões características da vida social e política local, sem esquecer que o principal argumento para se continuar a ensinar literatura na contemporaneidade é o de que a leitura literária é um direito de todos desde a infância.

Como assegura Cosson (2009, p. 29), “se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler”, o texto literário deve ser vastamente explorado, por meio da criação de espaços para reflexões, permitindo ao leitor o entendimento de si mesmo, a ampliação da visão do mundo. No ambiente escolar, a leitura literária precisa ser favorecida enquanto prática social, entendida como um processo de interação, que envolve não somente o texto, mas o leitor e seu contexto.

Assim, o uso inadequado do texto literário – em especial o popular – deturpado, fragmentado, necessita ser superado. Neste contexto, competiu-nos o desafio de ultrapassar as fronteiras impostas pela didatização da literatura, procurando meios que contribuam para que a leitura literária seja uma prática prazerosa, reconhecendo a leitura como um instrumento de humanização.

2 LITERATURA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS QUE SE CRUZAM

A literatura e a educação têm na palavra seu espaço de encontro. Por isso, a busca pela aproximação entre ambas se norteia pela produção pedagógica que toma a substância literária como gênese de reflexão e de inspiração e, ao mesmo tempo, produto de experiências pessoais, sociais, culturais, políticas, configurando a emergência de caráter humanizador.

Educação e Literatura têm em comum uma função humanizadora e são direitos universais de todo indivíduo². A educação humaniza pelo conhecimento, pela capacidade de inserção social e cultural, pela formação e não somente pela informação. A literatura, por sua vez, promove uma vivência particular e libertadora pela subjetividade, pois pela leitura e escrita do texto literário, encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. Integradas, elas podem desalienar e reverter a suposta tradição no ensino, da qual também nós educadores somos produto.

2.1 DESAFIOS, DIÁLOGOS E CAMINHOS POSSÍVEIS

A interlocução entre literatura e educação não é algo novo, pois relações sempre foram mantidas entre ambas. Todavia, as condições pedagógicas e socioculturais que alimentavam o espaço da literatura na sala de aula, e garantiam sua função humanística, sofreram alterações com o passar do tempo, cedendo lugar à formação técnica e científica. Com isso, o lugar social da leitura literária fica apagado no processo de aprendizagem, já que a tradição escolar do ensino de literatura não conseguiu acompanhar as transformações da sociedade na contemporaneidade: desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, formação profissionalizante, priorização da leitura de gêneros do cotidiano etc.

Para Silva (1997), sempre houve na sociedade brasileira uma insuficiência de incentivo sociocultural para a leitura literária. Historicamente, constata-se que grande parte da população brasileira esteve marginalizada do processo de fruição da cultura letrada, pois essa se constituía privilégio apenas das elites dominantes. Em pleno

² A concepção de literatura como forma de humanização e direito universal de todos é defendida por Antonio Candido em **O direito à literatura** (2004).

século XXI, infelizmente, ainda há uma camada da sociedade que se encontra marginalizada em relação à prática social da leitura literária, o que nos leva a crer em uma necessidade latente da concretização de políticas públicas para o estímulo do hábito da leitura e, conseqüentemente, para a formação de sujeitos leitores.

A retomada de uma relação eficiente e representativa entre literatura e educação que assegure não apenas um letramento, mas, sobretudo, uma formação social, cultural e humanizadora, é algo imperativo para a vivência da aprendizagem significativa. E, nesse diálogo, as experiências com a leitura do texto literário são determinadas por duas dimensões primordiais: a da sensibilidade para o estético e a do conhecimento. Conforme Cademartori (1986) a literatura é condutora do patrimônio cultural da humanidade e se distingue pela conjectura de novos conceitos que geram uma subversão daquilo que está estabelecido.

A literatura também fornece condições para a formação da personalidade do indivíduo, através da possibilidade do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, permitindo uma reflexão sobre seus valores, atitudes e da sociedade a que pertence. Assim, Cosson (2014) explica que a leitura literária é campo rico para o acesso à multiplicidade de formas e à pluralidade de temas, tendo como limite a capacidade humana de significar:

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos (COSSON, 2014, p. 50).

Dessa forma, o texto literário é matéria imprescindível ao educando do ensino básico. O exercício da leitura do texto literário, em sala de aula, confere à leitura uma vivência significativa, auxiliando o sujeito, em seu desenvolvimento pessoal e educativo, a adquirir mais segurança em relação a suas próprias experiências. Portanto, a interlocução entre educação e literatura tem se tornado uma necessidade cada vez mais perceptível, já que a ausência de práticas de leitura do

texto literário – silenciadas ou corrompidas no contexto escolar – não possibilita a inventividade e a renovação do processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Esse diálogo, todavia, ainda não se estabeleceu como efetivo, não tendo sido alimentado na sala de aula. O que se observa é que a escola não favorece o exercício da leitura literária, senão pelo condicionamento a tarefas de ordem pragmática. Na maioria das vezes, as propostas para o uso do texto literário, em sala de aula, não promovem um encontro verdadeiro e significativo entre leitor e texto. São empregadas técnicas e fórmulas que criam uma aparente harmonia entre literatura e língua, mas que propõe um lugar de pretexto ou suporte da língua ao texto literário.

A esse propósito, Cosson (2009), acerca do tratamento dado à literatura nas vivências escolares, aponta situações problemáticas provocadas por visões equivocadas sobre a literatura no processo de ensino e aprendizagem. Elas dizem respeito a posicionamentos de arrogância, que consideram a literatura como “apêndice da disciplina Língua Portuguesa”, reduzindo o trabalho literário à simples motivação de leitura e/ou análise sintática; de indiferença, que não reconhecem o sentido e o valor do texto literário na escola; ou mesmo de desconhecimento sobre a literatura.

Há que se observar que o trabalho com o texto literário nas escolas, por décadas, não vem acompanhando o desenvolvimento das novas tecnologias e mesmo do ensino de língua. O que se percebe é que ensino de literatura está previsto insuficientemente nas propostas e textos dos livros didáticos, bem como no planejamento pedagógico de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. Quando empregada no trabalho em sala de aula, a literatura funciona como instrumento “decorativo”, pretexto ou suporte apenas para avaliar questões gramaticais.

Isso porque o ensino de literatura nas escolas ainda resiste às mudanças e, conseqüentemente, não se configura como conhecimento relevante na formação educacional. Por muito tempo, nos escassos momentos em que a literatura fez parte do trabalho em sala de aula, priorizou-se um estudo distante das vivências dos alunos, descontextualizado das experiências significativas, elevando-a a um patamar inalcançável. A esse respeito, Silva endossa:

A maneira como a literatura aparece nos currículos escolares da educação básica compromete, em demasia, não só as articulações linguísticas do

texto por parte do aluno, mas, categoricamente, todo um processo de leitura do texto literário com vistas à formação de um sujeito autônomo, em relação às suas próprias capacidades interpretativas de leitura e escrita. O cerne da questão envolve a dinâmica estabelecida entre o conhecimento adquirido na leitura e a transformação desse conhecimento para o amadurecimento dos caminhos que indicam os significados da condição humana (SILVA, 2014, p. 2).

Na trajetória docente vivida nos anos iniciais do Ensino Fundamental, foi possível averiguar que as experiências com gêneros literários são mais comumente difundidas. Há as rodas de histórias, os contos de fadas, as fábulas, entre outros, e as interpretações são mais livres, não havendo intimidações nos percursos de leitura e de expressões das ideias sobre o texto. Nos anos finais do Ensino Fundamental, porém, percebe-se que as vivências com a leitura literária são mais limitadas. Há uma predominância do trabalho com textos não literários, sendo praticamente abortadas as propostas de leitura literária iniciada no ciclo anterior. Nessa fase, também se observa que os posicionamentos de interpretação ou análise dos textos literários são tímidos e superficiais.

Com base na observação e reflexão sobre a experiência direta do contexto da sala de aula, pode-se afirmar que a presença/ausência da literatura representa a influência de concepções pedagógicas que permanecem, até hoje, e que se configuram pela sacralização ou banalização da literatura. No primeiro caso, os textos literários são introduzidos desde as primeiras lições dos livros didáticos, mas sem que suas singularidades sejam observadas; no segundo, esses textos, quase não figuram nos livros de Língua Portuguesa, são desconsiderados enquanto textos de grande relevância para o desenvolvimento integral do aluno. Desse modo, nota-se que essa oscilação da relevância dada a literatura no ensino denota uma indefinição no que se refere ao real valor desses textos no ensino e aprendizagem da língua.

Outro aspecto que merece ser problematizado é a utilização do livro didático como principal recurso (às vezes, único) de trabalho no ensino de língua e, conseqüentemente de ensino (ou não ensino) de literatura. Por exercer um caráter de autoridade na transmissão de saberes e de conteúdos para professores e alunos, o livro didático é considerado um suporte que merece ser pensado para compreendermos como a literatura é por ele introduzida.

Nesta perspectiva, Cosson (2009) verifica, em suas trajetórias por escolas e depoimentos de alunos, que as aulas de literatura se limitam a uma aula semanal de

Língua Portuguesa (ou menos), reduzida ao que é proposto pelo livro didático. O trabalho normalmente consiste em aulas informativas, com leitura de fragmentos de obras. Para muitos professores, no exercício de docência, esse aspecto também é evidenciado, visto que a leitura do texto literário só acontece por meio da análise de fragmentos impressos no livro didático.

Por ocupar um lugar central na sala de aula, o livro didático pode influenciar, por meio do uso que faz da literatura, sua utilização ou não na aprendizagem. Além disso, é preciso interrogar-se também se o tipo de aproveitamento da literatura feito pelos autores do livro didático pode de alguma maneira servir de modelo para os professores, em outras circunstâncias de ensino que não utilizem material didático. O tratamento dado ao texto literário, nos livros didáticos, quase sempre foi superficial e pouco criativo no sentido do diálogo entre contextos distintos, trajetórias literárias e condição política de quem escreve.

Além disso, muitas vezes, a abordagem ao literário esteve baseada em algum pressuposto teórico em voga em determinadas épocas. As posturas críticas que prevaleceram ao longo do século XX, bem como as mudanças pelas quais passaram, demonstram maneiras diversas de conceber e lidar com o objeto literário. Em diferentes décadas do século XX, nota-se que aspectos que eram valorizados para a discussão de textos literários deixaram de ser, dando espaço a outros elementos, antes desconsiderados ou simplesmente ignorados.

Por exemplo, a crítica biográfica³ mostrou o quanto as relações entre autor e obra ultrapassam a simples análise biográfica, evidenciando que dados biográficos e trajetórias são basais para uma leitura mais política da obra literária. Contudo, é importante destacar que a leitura não deve apenas obedecer a essa relação, deve suplantar para contextos que são relacionais ao texto escrito.

O estruturalismo⁴, por sua vez, vinculava-se às atividades voltadas para a estrutura do texto. Sua prática no campo da literatura demanda um distanciamento

³ A crítica biográfica, de natureza compósita, inclui a natureza complexa entre obra e autor, permite a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, através da construção de elos entre fato e ficção, da articulação entre obra e vida do autor. Ao unir produção ficcional e documental do autor, desloca o lugar da literatura como *corpus* de análise e expande o feixe de relações culturais. Cf. SOUZA, 2007. Cf. TELES, 2009.

⁴ De um modo geral, o estruturalismo procura explorar as inter-relações (as "estruturas") através das quais o significado é produzido dentro de uma cultura. Propunha-se a abordar qualquer língua como um sistema no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais elementos. Esse conjunto de relações forma a estrutura. Cf. DOSSE, 1983. Cf. TODOROV, 2010.

de qualquer tópico exterior a este domínio. Isto é, a análise literária não pode ser corrompida com temas que não conformem a obra em si. A intervenção estruturalista despe a literatura, levando-a a ser vista como um simples produto da linguagem, produzido e passível de ser inserido em categorias classificatórias.

Com o modelo estruturalista, apagou-se a relevância da contextualização da obra/texto literário, desvalorizando sua relação com o mundo, ou seja, a principal argumentação dessa corrente estava situada na imanência do texto, distanciando toda e qualquer relação com o mundo, com a realidade e, principalmente, com a vida. A verdade estaria no texto e, conseqüentemente, seria apreendida apenas por meio dele, que se instituiria como um mundo à parte, afastado do mundo real.

Muitas vezes, a presença da literatura, em livros didáticos e em aulas de Língua Portuguesa, tem como função apenas ilustrar um tema de estudo ou fenômeno de sociedade. Dividindo espaço com outros textos no livro didático, a literatura começa a perder seu caráter estético, já que sua literariedade não é considerada. Quando a literatura está inserida no processo de aprendizagem da língua, essa presença se dá por meio de análise de fragmentos literários expostos em seções nas unidades do livro didático.

Diante de uma prática que apresenta a fragmentação do texto literário, não se estabelece condições para a troca de experiências, as discussões e as interpretações dos alunos. Mesmo com a introdução dos textos literários no ensino de línguas, a literatura parece ainda ser empregada sem que suas especificidades sejam valorizadas.

Por outro lado, apesar de na prática a interlocução entre literatura e educação ainda não ter se concretizado, já se percebe entre alguns teóricos uma preocupação com a realidade do ensino de literatura no ensino básico. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (a partir de agora designados PCNs), por exemplo, têm tratado, ainda que de forma tímida, da importância da implementação dos estudos de literatura nas aulas de Língua Portuguesa, apontando para o fato da literatura ter seu potencial ativado nas práticas escolares.

Conforme os PCNs referentes ao segundo ciclo do Ensino Fundamental, um dos modos de construção da competência em relação ao domínio da linguagem - tratando do processo de intervenção, dialogicidade e criticidade - é a valorização da leitura, como fonte de conhecimento, e possibilidade de fruição estética via de acesso aos mundos criados pela literatura. A compreensão da perspectiva de

competência de leitura literária. O valor da literatura – seja estético, social, político, cultural ou histórico – é um fator capaz de contribuir para a ampliação vocabular cognitiva e senso crítico do sujeito no mundo em que está inserido.

Dessa forma, em bloco específico, intitulado “A especificidade do texto literário”, os PCNs de Língua Portuguesa abordam a necessidade da incorporação do trabalho com o texto literário às práticas diárias de sala de aula, sendo articulado como forma particular na composição do conhecimento. Nesta perspectiva, o texto literário possibilita ao leitor e/ou produtor uma apropriação e mesmo uma transgressão do plano da realidade, conforme observamos a seguir:

A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (PCNs, 1996, p. 36).

Além das proposições orientadas pelos PCNs, observa-se o início de um movimento de resgate da leitura literária na escola, através da implantação de programas e projetos como o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) e disciplinas voltadas para o ensino de literatura em cursos de atualização pedagógica, especialização ou mesmo de mestrado profissional. No entanto, outras ações ainda são necessárias para que a leitura literária seja uma realidade concreta e efetiva no contexto da sala de aula. Especificamente, é necessário o envolvimento da comunidade da escola como uma medida que transforme a literatura numa vivência significativa.

É pelo estreitamento da relação entre literatura, educação e realidade do aluno que condições são criadas para instigar o pensamento e ampliar os horizontes do conhecimento do sujeito, implicando responsabilidade com a cultura universal. E, à proporção em que a literatura é empregada na relação direta com os conteúdos disciplinares, possibilita a reflexão crítica e o maior discernimento destes. Entender o significado político-pedagógico da obra literária é a condição essencial para compreender as condições que a literatura oferece à formação intelectual e humanista, seja qual for a área de conhecimento.

O texto literário apresenta um potencial inesgotável para expandir o universo de significados do aluno sobre os dois planos de realidade – seja o social, que inclui tanto a sociedade em geral, quanto o espaço particular de relações pessoais; seja o interno, constituído por suas emoções subjetivas – e, por isso, deveria ocupar um lugar privilegiado na formação integral do aluno.

Neste sentido, a literatura se configura como um possível agir político-pedagógico que permite a compreensão dos conteúdos e uma formação humanista e crítica do educador e do educando, proporcionando a superação dos estreitos limites dos conteúdos determinados e consagrados na matriz curricular.

Sendo a obra literária representativa de um significado político pedagógico, sua leitura e análise se constituem em participação relevante à ilustração e à reflexão da realidade social, histórica, política e cultural. Assim, o uso da literatura se revela um importante recurso pedagógico, sociológico e cultural. Dessa forma, o ensino da literatura pode colaborar com a formação intelectual dos educadores e educandos, numa perspectiva que supere o ensino conteudista e, portanto, não se despreze sua dimensão cognitiva, sensível e estética.

Deste modo, o trabalho com o literário deve se caracterizar como parte fundamental no processo de ensino e aprendizagem, determinando que a entrada da literatura como “disciplina escolar teve um papel decisivo na difusão da ideia de que a Literatura [...] não é algo particular e historicamente determinado, mas sim um bem comum ao ser humano, que deve ser lido por todos” (ABREU, 2000, p. 58). Ela possui uma capacidade de ação transformadora do sujeito, pois imprime no indivíduo a alteridade, proporcionando a vivência de novos sentimentos ao caminhar por mundos distintos do tempo e espaço em que vivem.

Seguindo esse pensamento, Gonçalves Filho afirma que “de todos os meios de ação que a classe dominante dispõe para determinar o funcionamento do fenômeno literário, o mais importante é a escola” (2000, p. 26). Em seu livro **Educação e literatura**, ele explora o que a literatura pode abranger como instância educativa e formadora de valores. O autor investe no *logos* social do discurso literário em vez de se enclausurar no texto em si e para si, explorando-o como documento de cultura. Para o autor, a literatura se configura como “exercício de liberdade, de inquietação e de perplexidade”; é conhecimento construído historicamente e culturalmente, ou seja, faz-se necessário explorá-la enquanto

instância educativa e formadora de valores de cultura, como uma das mais significativas dimensões de cultura a serviço da educação do homem. Assim:

Ao reconhecer o papel de destaque do ensino [...] da literatura, os legisladores da educação evocam a ideia de que, sobretudo, a literatura tem a 'missão' de civilizar o homem na medida em que vai insinuando melhores formas de vida. A literatura não só se nos oferece como objeto de conhecimento ou, como na prática pedagógica, como uma estratégia aberta para educar o homem, ela também se nos oferece como objeto de interrogação, de dúvida e de pesquisa (GONÇALVES FILHO, 2000, p. 13-4).

Entretanto, há que se cuidar para que no contexto escolar, a literatura deixe de se colocar como prática social, que se desvincula da função de “construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” e descaracteriza-a e transforma-a “em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização” (COSSON, 2009, p. 23). Assim, o lúdico, o sensorial, o emocional, devem estar na essência da proposta de trabalho, nas mediações e no emprego de estratégias diversificadas do professor de Língua Portuguesa.

A proposta pedagógica de intervenção pela leitura literária há de prover seus alunos, numa ação efetiva e afetiva, com dramatização, contação de histórias e apreciação de filmes baseados em narrativas literárias, leitura entusiasmada de passagens de romances, contos e poemas, além de vivências, discussões e reflexões acerca das questões sócio-políticas e culturais suscitadas pelo texto.

É preciso salientar que, neste trabalho, não há oposição ao estudo de análises linguísticas e/ou gramaticais nos textos literários. O que é preciso é que o estudo da gramática do texto seja realizado como forma de compreender as nuances, os caminhos, as vozes que o texto literário traz. O léxico, a linguagem e a estrutura gramatical podem fornecer pistas para um entendimento mais amplo do texto literário. Neste contexto, a argumentação de Márcia Cabral da Silva e Milena Ribeiro Martins no ensaio “Experiências de leitura no contexto escolar” presta a devida relevância ao texto literário, como observamos:

Os gêneros literários talvez sejam dos mais significativos para a formação de um acervo cultural consistente. De um lado, como os textos literários costumam propositadamente trabalhar com imagens que falam à imaginação criadora, muitas vezes escondidas nas entrelinhas ou nos jogos de palavras, apresentam o potencial de levar o sujeito a produzir uma forma qualitativamente diferenciada de penetrar na realidade. De outro, podem provocar no leitor a capacidade de experimentar algumas sensações pouco

comuns em sua vida – caso em que se identifica com um personagem, (...) e passa a enxergar além de suas experiências cotidianas (SILVA; MARTINS, 2010, p. 32).

Com isso, a literatura apresentada na escola deve explorar a experiência humana e dela extrair conhecimentos simbólicos que possibilitam ao ser humano ser transformado pelo ato da leitura literária. Assim, a literatura deve estar caracterizada como um instrumento motivador e desafiador, capaz de levar o indivíduo a pensar politicamente o contexto em que vive. O texto literário é concebido como patrimônio cultural, situação privilegiada para o exercício imaginário humano, devendo ter espaço reivindicado nas atividades didáticas de escrita e leitura de textos. O educando, nesta concepção, é parte de um contexto social e deve ter iniciativa para questionar, descobrir e compreender o mundo através da interação dialógica entre o sujeito e os diversos gêneros textuais.

Nesta perspectiva, o redimensionamento da prática pedagógica na abordagem do texto literário deve se pautar na concepção da experiência do literário como centro do ensino de literatura, sem reduzir-se somente ao sistema canônico. O texto literário de autor local, por exemplo, deve ser considerado como forte aliado ao revigoração do ensino de literatura. A organização de feiras literárias no espaço escolar, pesquisas biográficas sobre autores em que as trajetórias sejam, de fato, associadas ao engajamento literário, socialização da leitura com mediação do professor, produção de textos dos alunos inspirados nas obras lidas são experiências interessantes para a inserção do estudante no mundo da literatura.

Além do já exposto, é importante pensar sobre os objetivos de ensinar e estudar literatura em uma sociedade marcada pela cultura do entretenimento e da tecnologia, discutir as teorias literárias norteadoras do material didático, a pertinência da educação literária e ainda o meio de fortalecer sujeitos sociais através do estudo dos gêneros literários e do respeito à pluralidade cultural. Para tanto, há que se enfatizar os valores da literatura na formação do leitor literário crítico e do indivíduo.

2.2 VALORES DA LITERATURA NOS CONTEXTOS ESCOLAR E SOCIAL

As discussões estabelecidas sobre a relação entre literatura e educação possibilitam entrever a literatura com um valor humanizador e motivador para uma

vivência social e cultural expressiva. Muitos teóricos percebem na literatura valores diversos e, algumas vezes contraditórios, que condicionam ou constroem práticas pedagógicas exitosas ou não. Como destaca Lajolo, “o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, tornar-se seu usuário competente” (LAJOLO, 2001, p. 106).

É, portanto, preciso garantir o acesso a essa produção política e cultural. É importante lembrar que “muitas vezes a escola é o único lugar em que a criança tem acesso ao livro e ao texto literário” (WALTY, 2001, p. 54). Dessa forma, Candido, no clássico ensaio “O direito à Literatura”, focaliza a relação da literatura com os direitos humanos de dois ângulos diferentes:

Primeiro verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. A organização da sociedade pode restringir ou ampliar a fruição deste bem humanizador. O que há de grave numa sociedade como a brasileira é que ela mantém com a maior dureza a estratificação das possibilidades, tratando como se fossem compressíveis muitos bens materiais e espirituais que são incompressíveis (CANDIDO, 2004, p. 186).

Ao defender o direito à igualdade de acesso aos bens culturais, o referido autor destaca a importância da comunicação entre as esferas da produção literária. Sendo assim, é importante que a literatura chamada erudita deixe de ser privilégio de pequenos grupos, da mesma forma que é relevante que a literatura chamada popular, folclórica, seja também conhecida e valorizada por esses grupos, que costumam discriminá-la. Para Candido (2004), em uma sociedade estratificada, como a nossa, “a fruição da literatura se estratifica de maneira abrupta e alienante” (p. 187).

Caminhando na direção contrária ao processo de exclusão sofrido pela literatura nas escolas de Ensino Fundamental, Compagnon expõe uma série de valores da literatura, especialmente seu poder emancipador. Para ele, ela “nos liberta de nossas maneiras convencionais de pensar a vida – a nossa e a dos outros –, ela arruína a consciência limpa e a má-fé” (COMPAGNON, 2009, p. 64). Segundo

o autor, ela se estabelece como um exercício de reflexão e responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo.

Dessa forma, o supracitado estudioso da Literatura apresenta uma reflexão acerca da importância e da necessidade da retomada da leitura literária nas escolas, especificamente nas aulas de Língua Portuguesa, bem como dos usos da literatura pelo ambiente escolar: os valores criados e transmitidos ao mundo atual pela literatura; o espaço público como lugar da literatura; sua utilidade para a vida; a importância de sua presença na escola. Por isso, o autor argumenta que:

[...] o espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade há uma geração: na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram; na imprensa, que atravessa ela também uma crise, funesta talvez, e onde as páginas literárias se estiolam; nos lazeres, onde a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros. Tanto que a transição entre a leitura infantil – que não se porta mal, com uma literatura para a juventude mais atraente que antes – e a leitura adolescente, julgada entediante porque requer longos momentos de solidão imóvel, não mais está assegurada (COMPAGNON, 2009, p. 25).

O texto literário precisa ser focalizado como recurso didático, como instrumento capaz de levar o aluno a uma ação reflexiva sobre si mesmo e sobre o mundo. A literatura veicula a cultura de um grupo social, sendo o trabalho com leituras literárias um forte aliado à produção e divulgação do conhecimento, da herança e dos traços culturais da sociedade.

Candido (2004), nesse contexto, determina como valores da literatura a manifestação da emoção por uma forma particular de expressão, associando-a à capacidade e à necessidade que o ser humano tem de fantasiar; a formação ou educação, ligada à produção de conhecimento e ao real; a identificação do leitor e de seu universo vivencial representados na obra literária.

O crítico ainda nos adverte que “a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2004, p. 191). Acrescente-se a isso o seu potencial de criticidade e reflexão. Associada como elemento indispensável de humanização, a literatura se estabelece não apenas como um direito, mas, sobretudo, como uma necessidade de equilíbrio do homem e da sociedade. A noção de humanização, defendida pelo autor, nos permite refletir sobre o valor essencial da literatura, base teórica deste trabalho:

Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p.180).

Esses valores confirmam que a literatura se ajusta na categoria de bem de direito de todo ser humano, pois fazem referência à formação intelectual do indivíduo e seu bem estar psicológico, permitindo ao homem o desenvolvimento de um equilíbrio moral e psicológico, bem como uma maior integração com a realidade que o cerca. O autor torna perceptível, portanto, a relevância exercida pela literatura no meio social: “a Literatura não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1972, p. 806).

Apesar da literatura não ter na escola seu espaço privilegiado, o exercício pleno de seus valores apenas se tornarão possíveis se lhe for dada a importância merecida no processo de ensino, buscando compreender seus sentidos através das práticas de leitura. Nesta perspectiva, Zilberman esclarece:

O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor (ZILBERMAN, 1991, p.16).

O que se percebe, pois, é que a escola não tem tornado a literatura presença no ensino de Língua Portuguesa; e, ao fazê-lo, trabalha a leitura literária desvinculada da realidade e das expectativas e das necessidades dos alunos. Por longos anos, as práticas de ensino de literatura foram reduzidas a uma visão historicista e/ou biográfica, concentrando-se no estudo de estilos literários sem a vivência com a obra literária. Quando muito, os alunos liam fragmentos trazidos pelos manuais didáticos. Este tipo de ensino privilegiou a informação em detrimento da formação.

A partir deste contexto, Todorov (2009) enfatiza o fato de que há o perigo do esquecimento rondando a literatura: o acesso dos educandos à literatura não se dá pela leitura de textos literários, mas pela forma disciplinar e institucional, pois, nesse

contexto, a literatura se configura muito mais como uma matéria escolar do que um agente de conhecimento sobre o mundo e os homens.

Com base nesse pensamento e ainda na formulação de Candido (2004) sobre a literatura como elemento de humanização, fica clara a necessidade urgente de valorizar o ensino da literatura no Ensino Fundamental, por meio da leitura do texto literário, incentivando a formação de leitores e a formação humana desses educandos.

Com isso, a aproximação do aluno com poemas e cordéis escritos por autores locais, que trazem as marcas da memória e da história nativas como aspectos temáticos, possibilita aos educandos a oportunidade de exercitar uma leitura mais envolvente e comprometida com uma condição de inserção desses indivíduos num universo onde a literatura pode provocar transformações sociais, políticas, culturais etc. Compreende-se, portanto, que:

A literatura é um discurso carregado de vivência íntima e profunda que suscita no leitor o desejo de prolongar ou renovar as experiências que veicula. Constitui um elo privilegiado entre homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia nossas emoções, ativa o nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento. Ela é a criação, uma espécie de irrealidade que adensa a realidade, tornando-nos observadores de nós mesmos. Ler um texto literário significa entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação (BRANDÃO; MICHELETTI, 2001, p. 22-3).

A prática social da leitura literária propicia em nossa sociedade o acesso ao conhecimento e, principalmente, o poder sobre a palavra e sobre as variadas formas de manipulá-la e àqueles que não detém esse poder. Sendo assim, promove o desenvolvimento humano, nas dimensões éticas e estéticas, através da Arte e da Educação, contribuindo para a transformação social e política, pautada nas relações entre expressão, ludicidade, conhecimento e cidadania.

Ao entrar em contato com novas “realidades”, o leitor adquire novas experiências, podendo refletir sobre sua *praxis* de vida, compreender sua própria realidade de outra maneira. Por isso, é importante investigar se a forma como a literatura é trabalhada na escola considera esses importantes aspectos da leitura literária.

Ao remeter à vida, a literatura trata da existência humana, dos problemas vividos por todos nós, das contradições existenciais. Então, o texto precisa ter uma significação na vida do educando/leitor, que precisa se ver reconhecido na obra em

um processo de identificação. A literatura apresenta essa particularidade de abertura, ao promover o encontro com outras formas de arte ou conhecimento, abrindo-se para outras formas de experiência humana.

Cabe, pois, compreender que, no fazer pedagógico, é preciso permitir ao educando a apropriação do que é literário, bem como a conscientização de sua história e identidade. Assim, cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, histórico-políticas ou existenciais, fornece um significado aos textos de que se apropria. O grande desafio posto hoje para os educadores é trazer a realidade para dentro da sala de aula, utilizando textos que se aproximem dela, pensando em propiciar o desenvolvimento nos educandos da capacidade de ler e escrever bem como formas de apreensão do mundo.

2.3 O EDUCADOR COMO MEDIADOR DA LEITURA LITERÁRIA

A influência do educador é um fator que contribui positivamente em relação à leitura literária. Ele exerce o relevante papel de ensinar o educando a ler e a gostar de ler; deve estimular, fazendo boas mediações e oferecendo textos literários com qualidade. Para isso, é necessário oferecer uma certa diversidade de textos literários e observar o estágio de desenvolvimento do indivíduo, já que o oferecimento de pequenas doses diárias de leitura agradável, desenvolverá no educando um hábito que poderá acompanhá-lo pela vida afora.

Dessa forma, no trabalho de mediação, o educador precisa utilizar estratégias para explorar a sensibilidade dos alunos como leitores, pois, ao ser fruída em contínua convivência, coloca-se como uma possibilidade muito concreta de ver e sentir a realidade de uma maneira inusitada. Dessa forma, as rodas de leitura, a leitura compartilhada, são instrumentos mediadores importantes para a formação do leitor.

Todavia, nem sempre os textos literários selecionados pelo educador correspondem à abrangência e à diversidade culturais existentes nas escolas, nem tampouco promove uma interação com o leitor. É, pois, uma das tarefas do educador, enquanto mediador de leitura literária, motivar os alunos a construir uma relação afetiva com a literatura, aprendendo o valor intelectual, estético, político e cultural que cada obra tem.

Nesta situação, possibilitar o desenvolvimento do gosto pelas histórias, poesias, entre outros gêneros literários, consiste na determinação do professor em agenciar momentos apropriados ao ato de contar ou ler histórias. Portanto, não se pode propor conhecimentos utilitários à literatura na sala de aula; o que importa é o desenvolvimento de uma oralidade expressiva e a experiência com a leitura.

Alguns aspectos são fundamentais e necessitam ser considerados ao fazer referência às mediações do educador para a formação de leitores: a história de leitura e a qualificação profissional são situações que exercem influência na atuação do docente. Professores que não se interessam por ler ou contar histórias para seus alunos, ou o fazem de maneira descontextualizada, podem ter sido cerceados, de alguma forma, pelo pouco contato com os livros na infância. Além disso, a qualificação docente pode também não ter proporcionado ao profissional a possibilidade de recuperar essa experiência através do contato com a literatura. Desse modo, é interessante ressaltar que:

O papel do professor não é mais transmitir uma interpretação produzida fora de si, institucionalizada. [...] O professor é um sujeito leitor que tem sua própria leitura do texto. É também um profissional que precisa vislumbrar, em função de diferentes parâmetros (idade dos alunos, expectativas institucionais), que leitura do texto poderá ser elaborada na aula. Sua ética profissional o impede de expor sem mediação sua própria leitura (ROUXEL, 2013, p.28-29).

Desse modo, como mediador da leitura e da leitura literária, o professor tem o papel de provocar o contato dos alunos com obras literárias, tendo em vista a sua formação e desenvolvimento como leitoras proficientes.

Também é importante considerar o professor como agente cultural e mediador entre os objetos e eventos culturais. O livro literário está entre esses objetos culturais, pois proporciona socialização, informação, formação de opinião e desenvolvimento da capacidade criadora e inventiva sobre variadas temáticas e contextos. Ele se caracteriza como um modelo de comportamentos, atitudes e expressões de um leitor que dirige e regula seu próprio processo de leitura e ensina a ler.

Ao se manifestar como um entusiasta da leitura e expressar esse entusiasmo aos alunos, o educador seduz seus educandos para a aventura da literatura. Assim, é de extrema relevância que o educador seja visto lendo pelos educandos e que compartilhe algumas de suas leituras com eles. É interessante que o educador

participe dos momentos de leitura silenciosa, sendo referência para a classe, transformando o ambiente escolar em um lugar aprazível do exercício da leitura para ambos.

O educador como mediador precisa conhecer, selecionar e indicar livros para o educando, e que ele próprio seja um usuário assíduo da literatura. Portanto, é preciso coerência no processo de mediação do desenvolvimento intelectual do aluno que estiver sob a responsabilidade do docente, visto que ele assume a função de responsável pela interação entre o educando e o livro.

Assim, tendo em mente que os valores éticos e morais do ser humano são sempre resultado de sua formação ao longo da existência, a seleção de textos e material a ser trabalhado em classe deve ser cuidadosa. No entanto, diante do surgimento de textos preconceituosos – que não respeitem as etnias, os gêneros humanos, os portadores de necessidades especiais, os analfabetos, a variação linguística, o comportamento regional, o meio ambiente e os diferentes grupos sociais –, o educador necessita se posicionar, questionando e criticando essas visões.

Considera-se, assim, que o educador media a compreensão de um texto quando formula perguntas interessantes sobre ele, quando escuta e reage às respostas dos alunos, na forma como conduz a conversa sobre o texto, até mesmo a maneira como apresenta para a sala a proposta de leitura de um livro. A experiência pessoal do professor com a literatura exerce influência na condução de suas práticas pedagógicas e na motivação que desperta nos alunos para a leitura.

Dessa maneira, entende-se a importância do educador mediador em tornar a prática de leitura algo prazeroso e não mecânico, já que pode criar o gosto pela leitura em seus alunos por meio de atividades significativas, estratégias motivadoras e diversificadas. Como explica Solé (1998), o interesse pela literatura depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar.

Esse trabalho de mediação do educador para a abordagem do texto literário necessita de uma pedagogia que realize a passagem do autoritarismo e da imposição para o compartilhamento das significações e para o esclarecimento das razões e importância da literatura. Leite (1983, p. 29) afirma que “o professor de literatura não pode subscrever o preconceito do texto literário como monumento, posto na sala de aula apenas para reverência e admiração do gênio humano”. Ao

contrário disso, ainda segundo a autora, sua função é explorar junto aos educandos as potencialidades do texto literário.

A mediação é, portanto, conjecturada com base no planejamento de atividades diárias que o educador organiza para estimular um espaço de aprendizagem. Ela pode englobar momentos coletivos que ocorrem de várias formas. Porém, a organização do espaço e das estratégias precisa garantir a autonomia do leitor em fazer suas próprias descobertas.

Torna-se perceptível que os hábitos e os interesses de leitura dos professores contaminam seus alunos. Em seu papel do mediador de leitura na formação de novos leitores, o educador pode influenciar destinos, possibilitando mudanças na maneira de se conceber e compreender o mundo. O educador é o intelectual que demarca todos os limites do espaço da leitura escolar, pois sem a presença atuante e o trabalho competente do educador, dificilmente se consegue produzir o benefício que a sociedade espera e deseja: leitura e leitores assíduos e maduros.

Nesta perspectiva, Giroux (1997) argumenta que o intelectual se define, social, política e historicamente, segundo o papel das ideias em uma dada sociedade. Por isso, suscita a defesa dos educadores como intelectuais transformadores que associam a reflexão sobre a experiência pedagógica e a prática acadêmica a serviço dos educandos para que sejam cidadãos reflexivos, críticos e ativos.

Em conformidade a esse pensamento, Silva (2010, p. 18-9) define o intelectual como “aquele que usa as suas elaborações intelectuais como uma atividade profissional específica direcionada a cumprir funções na sociedade, assume que esta especificidade pode trazer maneiras diferentes de formulação do pensamento”. Destaca que o mais importante é que o intelectual seja crítico da própria atividade que desempenha, revelando que ele opta como protagonizar as suas funções, sendo estas determinadas pela coerência das formulações de trabalho construídas nos seus projetos intelectuais.

Nesta perspectiva, o educador enquanto mediador da leitura deve estabelecer estratégias orientadoras dos procedimentos, como, por exemplo, proporcionar aos sujeitos a seleção de obras que desejam compartilhar com os demais. Para Fernandes (2007), ao dar prioridade à formação e ao fortalecimento do leitor, a escola precisa favorecer oportunidades aos educandos de trocas de experiências de

leitura, tornando essa atividade plural, instigante e significativa, tanto para educandos como para o educador.

O estabelecimento dessa condição de autonomia e protagonismo do educando releva as escolhas do educando e favorece sua aproximação às práticas de leitura literária, mediante a troca da construção de sentidos. Conseqüentemente, a experiência com o texto literário se torna condição de humanização, memória e pertencimento. Isso porque a vivência da leitura literária cria condições para a passagem de uma consciência ingênua a uma consciência crítica, possibilitando tornar os educandos sujeitos do processo educativo, bem como de sua própria história.

3 A EXPERIÊNCIA DA LITERATURA COMO HUMANIZAÇÃO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO

A obra literária compõe de forma interdisciplinar caminhos que nos conduzem a uma compreensão mais segura de nossa formação cultural e, por extensão, de nossa cultura. A literatura tem o poder de nos ligar à vida, à sociedade, pois ela “emerge das fronteiras visíveis e invisíveis do mundo social” (GONÇALVES FILHO, 2000, p. 32).

De acordo com os PCNs (1996, p. 36), a língua, especialmente a literária, é um “veículo de representações, concepções e valores socioculturais”, e transmissão de cultura. Por isso, a parceria com outros saberes e áreas é capaz de produzir uma aprendizagem real e eficiente. Conforme Ferreira (2013, p.11-2):

[...] cada página literária é um tributo à inteligência, à sensibilidade e à capacidade que as pessoas têm de entender a si e aos outros e de compartilhar. Quem lê/escuta um texto também lê/escuta a si mesmo, porque tem a oportunidade de descobrir-se e reconhecer-se nessa experiência que fundiona afeto, emoção, imaginação, memória, criatividade, lógica, razão e crítica.

Nesta perspectiva, Chartier (1996, p.235) argumenta que “a leitura também faz história”, visto que as obras retratam o contexto de produção, possibilitando o leitor vivenciar o tempo passado, o presente ou sonhar o futuro junto com as personagens ou com os versos de um poema. Por isso, enfatiza-se a importância da construção da identidade individual e social, bem como do sentimento de pertencimento a partir da relação estreita com a memória e a história local, pelo viés da literatura.

Sabe-se que a literatura é uma forma de linguagem artística e, como todas as artes, não tem a obrigatoriedade de representar os fatos. No entanto, não se pode ignorar que por meio da verossimilhança a literatura nos remete à realidade. De modo que, nas especificidades da literatura local, são tratados temas de fundamental importância relativos às identidades culturais, às memórias e suas reverberações no presente.

Levando-se em consideração esses aspectos, é importante confrontar o aluno com uma literatura viva, que lança um olhar sobre o local, sua cultura, sua história, sua linguagem. O conhecimento da história local permite ao aprendiz compreender

as transformações ocorridas nos planos nacional e global e cria a possibilidade de se tornar um membro ativo da sociedade civil, fazendo prevalecer seu direito de acesso aos bens culturais. Ainda favorece a conservação e a valorização do patrimônio histórico e cultural de sua cidade e/ou região.

3.1 CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE LOCAL E UM SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Estudar e pesquisar a história de sua cidade, seu povo, são exercícios de preservação e de memória, além de contribuir para o desenvolvimento da comunidade, já que conduz o educando à construção de sua identidade, pois descortina as singularidades do lugar, da comunidade e, com isso, torna possível a aproximação com uma história que ele vivencia e conhece, desenvolvendo o sentimento de pertencimento.

As identidades são configuradas como um conjunto de elementos culturais atribuídos aos grupos humanos. Elas concebem um fenômeno que se desenvolve a partir de particularidades específicas da história, cultura, religião dos sujeitos.

O educando alcança o entendimento do lugar onde vive, passando a valorizá-lo e também a se valorizar. Na identificação com o local, o sujeito tende a buscar condições para seu desenvolvimento, cria raízes e valoriza essas raízes. Por isso, percebe-se a relevância da memória na construção da história local e o valor de suas peculiaridades e a possível implicação destas na formação das identidades e, conseqüentemente, no desenvolvimento de uma consciência cidadã, isto é, no estabelecimento de uma atitude reflexiva da nossa realidade.

O trabalho com a história local e com a memória promove uma consciência cidadã em relação à participação e à interatividade nos problemas sociais mais próximos, haja vista que as sociedades modernas assemelham-se em características estruturais, porém elas permanecem significativamente diferentes em cultura. Cada povo traz na sua constituição especificidades culturais que o conformam e que são características de sua identidade. Logo, tornaram-se mais evidentes as questões relacionadas às localidades.

Convergindo com esse pensamento, nota-se a necessidade de refletir sobre a importância dos valores culturais implícitos nas localidades e que, nesse momento atual, estão sendo solapados pelo efeito homogeneizador cultural da globalização e

provocando mudanças estruturais nas identidades culturais. A esse respeito, Paulo Freire explica que, como sujeitos históricos e sociais:

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós [...] (FREIRE, 1992, p.33).

Dessa forma, ressalta-se a necessidade de que o entrelaçamento entre global/local e a constituição da identidade estejam vinculados à instituição escola, pois ela personifica a condição de melhoria na formação de uma cidadania mais crítica e edificada na conscientização do indivíduo como sujeito histórico. Na esfera desse vínculo, é necessário que a escola agencie uma análise sobre novos caminhos por onde poderá estender-se a pluralidade do conhecimento cotidiano.

Enquanto conceito, a identidade pode ser entendida em dois níveis distintos: o interno, que implica na percepção de si como parte de uma comunidade; e o externo, que se refere ao reconhecimento desse pertencimento como identidade social. O reconhecimento de si como pertencente a um grupo consiste no compartilhamento de uma língua, de costumes, de vivências.

Neste estudo, a menção à história local está associada à ideia de cultura como terreno real, das representações, saberes, crenças, valores e costumes da sociedade histórica específica, e transmitida de geração em geração. Dessa forma, o estudo do lugar possui uma função fundamental no ensino escolar, já que propicia a construção de um espaço aberto ao conhecimento de referenciais mais próximos do educando que, por meio de manifestações do cotidiano e de atividades que possibilitem o respeito necessário à constituição de uma identidade fundada na diversidade cultural, leva-o a refletir sobre a sua própria historicidade.

Configurando a história local como lugar de práticas sociais peculiares de um contexto com as quais nossas identidades culturais estão intimamente e culturalmente associadas e enraizadas, este trabalho destaca a relevância de se ter um espaço maior no ensino escolar para a reflexão sobre a realidade e o cotidiano vivenciados pelos educandos.

Em virtude disto, a memória coletiva tem um valor não somente como matéria-prima da construção do conhecimento histórico, mas, principalmente, como aspecto preciso à formação da identidade e da historicidade dos sujeitos. Por isso,

ela deve ser ressaltada como matéria essencial ao trabalho com a história local por transcender o próprio indivíduo ao revelar aspectos da família, das instituições, dos grupos de convívio, da classe social.

A partir disto, o sujeito transpõe elementos do momento histórico em que vivenciou determinado acontecimento para o presente. Assim, mergulhar nesse universo é primordial para se compreender todo conjunto de percursos realizados por um indivíduo enquanto cidadão e agente social. Logo, entendemos que a memória se relaciona à formação de identidades pessoais e sociais, visto que, nos planos individual e coletivo, ela possibilita que cada geração institua conexões com as gerações antecedentes. A preservação do passado tem o papel de guia orientador no enfrentamento das incertezas do presente e do futuro.

O ensino de história local se manifesta como parâmetro para a aprendizagem histórica, pela condição de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se constituem entre educador / educando / sociedade e o círculo em que vivem e atuam. Desse modo, o ensino-aprendizagem da história local é conformado como um espaço-tempo de conscientização acerca da realidade social e de referência para o processo de edificação das identidades destes sujeitos e de seus grupos de pertença.

Desta forma, esse processo se ressignifica no Ensino Fundamental, precisamente, pela possibilidade de inserir no processo de ensino e aprendizagem, a formação de um raciocínio de história que contemple não só indivíduo, mas a coletividade, apresentando as relações sociais que ali se estabelecem na realidade mais próxima. Identificando passado e presente, nos vários espaços de convivência, a história local permite a captação do entorno do educando, pois torna possível partir das histórias individuais e dos grupos, inserindo o aluno em contextos mais amplos.

Com isso, os alunos passam gradativamente a observar e perceber o significado de outras matérias construídas no passado; a entender que as realidades históricas de uma localidade específica e de seus habitantes no tempo não se dão isoladas do mundo, mas como parte do processo histórico em que populações locais constroem suas identidades culturais e sociais, que são diversas e merecem respeito.

Como afirma Circe Bittencourt, “a memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores quanto para o ensino” (BITTENCOURT, 2009, p.168). Por isso, é importante avaliar a introdução desse

debate em sala de aula para que se compreenda o papel da memória na vida da população, das ligações que cada geração constrói com outras, das raízes culturais e históricas que marcam a sociedade humana.

Dado o exposto, o trabalho com as histórias locais desempenha um papel relevante na formação da cidadania, devendo envolver a reflexão sobre a atuação do indivíduo em suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades e sua participação no coletivo.

Portanto, valorizar memórias por meios de histórias de seus moradores, e pelos próprios acontecimentos locais, é uma forma importante de recuperar a história de vida individual e coletiva. É preciso defender ações possíveis de serem realizadas com base no patrimônio pessoal e da história local. Supera-se, dessa forma, a antiga prática de análise somente de patrimônios canônicos, distantes da realidade de muitas pessoas e que não as representam bem, muito menos sua comunidade.

O trabalho com a memória, a fim de percorrer os caminhos da história local, é um passo de suma importância, pois sua concepção, enquanto processo de construção social, é fundamental não apenas para a formação da identidade de um grupo, como para a integração social do indivíduo na coletividade, uma vez que ele busca, em um grupo, sentimentos de continuidade e coesão de acordo com a sua cultura e suas tradições.

Tratando de memória, Ricoueur (2007) infere que ela pode ser abordada sob dois vieses: como matriz da história ou como caminho da reapropriação do passado histórico, tal como nos é narrado pelos relatos históricos. Para o autor, o lembrar-se é uma experiência de ressignificação, reconhecimento e recriação das coisas e de si.

Estamos a par de que a memória, entendida como um fenômeno construído coletivamente e submetido a mudanças constantes, muitas vezes está repleta de uma carga emocional em cuja origem está implicada a cultura, pois na base da formação da memória encontram-se as negociações entre as lembranças do sujeito e as lembranças e valores culturais do grupo ao qual pertence. Por isso, devemos lembrar que a memória também se mantém em bens tangíveis que um grupo construiu e, desse modo, cria-se um vínculo de pertencimento entre a sociedade e a cultura material. A memória torna-se um indício histórico das representações da sociedade.

A memória acaba trazendo para si os bens materiais que a compõem, o que faz com que uma sociedade reconheça esses bens como patrimônio. Em suma, devemos dar ênfase a atividades envolvendo a memória e a história local, nas quais os indivíduos são estimulados a reconhecerem-se e agirem como cidadãos, valorizando-as e entendendo-as como uma parte essencial na formação cultural e intelectual de todo aluno.

No fazer pedagógico, é preciso permitir ao aluno a apropriação do que é literário, bem como a conscientização de sua história e identidade, conforme argumenta Chartier (1996, pp. 20-21) “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria”.

Assim, o estudo da história local e do cotidiano revela-se como motivação para o aluno posicionar-se criticamente diante da realidade que vivencia, participando, intervindo e avaliando aspectos históricos e culturais de seu lugar. Mostrar ao educando que o mesmo é participante da história e torná-la importante é o principal desafio do professor. Faz-se necessário desmitificar o ensino de história, desconstruindo o tradicional de simples memorização sistemática de datas e fatos ocorridos, para construção de um estudo participativo, investigativo e crítico da realidade histórica das comunidades e seus membros.

Ao fazer um estudo da história local, o ensino de língua (também de história) ganha um novo sentido, e o envolvimento da comunidade e dos alunos faz com que aja um maior interesse, pois estarão redescobrando sua própria história e cultura. A introdução da história como objeto de estudo escolar requer que se explorem as possibilidades inerentes do cotidiano, sem se limitar a constatar o real ou as motivações possíveis para alunos pouco sensibilizados com a história escolar mais tradicional.

A localidade e/ou o cotidiano são eixos em que são trabalhados conteúdos com base na relação do aluno com seu espaço, no seu e em outros tempos. Ao conhecer a sua cidade, os aprendizes não percebem a história apenas como um acumulado de datas e fatos. As aulas fazem parte de um processo de formação de sujeitos mais conscientes e críticos, preparados para a experiência e a prática da cidadania.

Este estudo, então, faz com que os indivíduos se compreendam como parte integrante da História, por meio das vivências pessoais com sua comunidade. Tendo

em vista os aspectos observados, ele deve ser concretizado na escola pela possibilidade de observar as transformações realizadas por homens comuns. A história local se liga à história do cotidiano ao fazer de pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância.

Percebemos, assim, que a concepção de leitura se configura como uma operação muito mais complexa, que envolve transações contínuas entre pensamento e linguagem, entre o universo psicossocial do leitor e o texto, e que, assim sendo, exige muito mais envolvimento do educando do que o mero domínio de habilidades para decodificar os signos escritos.

Logo, para que o estudo da história local não se limite a repetir a história do poder local, das classes dominantes e fazer com que os alunos apenas conheçam nomes de personagens políticos etc., faz-se necessário identificar o enfoque e a abordagem de uma história local que crie laços com a memória familiar, do trabalho, da migração e das festas. A memória impõe-se por ser o fundamento da identidade, por qual se chega à história local.

Segundo Bittencourt, o cotidiano deve ser empregado como componente de estudo escolar “pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida cotidiana é repleta e permeada de alienação” (BITTENCOURT, 2002, p.168). Portanto, ao inserir a história local através do estudo do cotidiano, o professor consegue aproximar realidade com a história, trazendo significado para o aluno, contribuindo na sua formação para a vida, valorizando, respeitando e resgatando as diversas culturas existentes na comunidade.

Sendo assim, a literatura inserida no cotidiano de sala de aula é reconhecida e trabalhada como modo de produção humana, já que, como discurso escrito, ela manifesta, registra e trabalha formas e normas do discurso social. Além disso, instaura e expande o espaço interdiscursivo, na proporção em que abrange outros interlocutores, de lugares e de tempos diferentes, possibilitando trocas de saberes, convidando a participar como protagonista ouvintes/leitores na interação que se constrói.

O trabalho com a literatura pode proporcionar a relação dos alunos com aspectos fundamentais como sua situação histórica, seu valor estético, seu modo de criação. Essa perspectiva de compreensão da leitura de textos literários como prática discursiva redimensiona e potencializa o trabalho cotidiano na escola.

Por meio da escrita de memória, muitos poetas reafirmam a ideia de pertencimento ao lugar, carregando uma dimensão afetiva pela qual são construídas as relações entre os membros do grupo, as quais são permeadas pelas lembranças do passado e realimentadas pelo sentimento de pertencimento. No contato com as lembranças, as experiências, o sentimento em relação ao lugar onde se nasce e se vive, e as identidades, pode-se constatar que a memória provoca sentidos orientadores das escolhas do presente e das expectativas do futuro.

3.2 MEMÓRIAS REVISITADAS PELA VIA LITERÁRIA

As relações entre lembrar e contar são algumas das diversas possibilidades de refletir memória e literatura. Havendo neste trabalho um destaque da literatura como prática discursiva e social, é válido ressaltar o diálogo criado entre linguagem, memória e história, pois o texto literário sintetiza condições especificamente humanas como narrar, recordar e reconhecer.

Percebemos nos poemas trabalhados na aplicação da proposta de um sentimento pelo local, pelas raízes, pelas memórias de um espaço com que o eu lírico se identifica mesmo quando há uma crítica, revelando uma forte ligação com o lugar. Tal associação sugere que eles estão se construindo discursivamente como pertencentes a este lugar e parece haver uma estreita ligação entre suas configurações identitárias e sua experiência do lugar.

Pesquisamos e selecionamos os textos trabalhados na intervenção a partir dos gêneros literários poema e cordel e, também, da temática da memória, história/identidade local e pertencimento. São textos de autores locais, como já explicado. Alguns contemporâneos, outros não mais entre nós.

Nesses textos, o que se observa é a promoção de uma representação das inter-relações entre memória e identidade no âmbito da formação histórica e cultural da cidade. Ao abordar questões do desenvolvimento local, os poemas agenciam uma reelaboração dos fatos históricos e, paralelamente, enfocam a relação entre memória individual e memória cidadã.

Assim, tratando-se do discurso literário, também verificamos que alguns desses escritores recorreram à memória a fim de estabelecer uma aproximação com suas origens identitárias e culturais. Por meio do mecanismo de rememoração, eles

entrecruzam o passado e presente em suas tessituras, construindo um novo discurso, por assim dizer, um discurso (re)inventado.

Bosi (2004, p. 46-47) esclarece que “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações”. Dessa forma, por meio da literatura esses escritores estabelecem um diálogo entre o passado e o presente, pois ao sustentar questões sociais, o discurso literário funciona como um espaço onde se estabelecem novas memórias culturais.

A poética desses escritores reflete a história e o cotidiano que a cidade Santo Antônio de Jesus vivenciou nos tempos passados, sinalizando através dos poemas em estudo a questão da identidade local, a memória, com suas figuras, tradição, festas e ritos. Por exemplo, o poema “Voz do Sino” de Flavio Jarbas, extraído de “O Paládio” em 1942, lembra a figura do sino da Igreja Matriz de Santo Antônio, um rito e uma herança cultural da cidade. O poeta usa a metáfora do sino para estabelecer uma comparação entre os dobres do sino e o coração do eu lírico.

Em “Saudando os Ispidicionaro de Santo Antonho” (de Lixandre Liveira Lima, retirado de “O Paládio”, publicado em 1945), empregando uma linguagem regional, o eu lírico saúda o heroísmo de dois expedicionários santo-antonienses que se fizeram componentes da tropa brasileira, parte nos últimos combates ao lado dos aliados contra o nazi-fascismo. O texto do ex-prefeito Ursicino Pinto de Queiroz, por sua vez, extraído de “O Padroeiro” – folhetim anual da Festa de Santo Antônio, do mês de junho de 1969 – traz um relato poético, mas também histórico e político, da constituição da cidade.

“As Palmeiras” de Roberto Santos do Vale, publicado em 2002 no livro **Quintais**, enfatiza as memórias do poeta sobre suas experiências na terra natal, valorizando-as: “Sou lá de casa”. Recorda não apenas a figura da palmeira – símbolo da cidade –, como também de outras imagens presentes em sua infância (quintal de gangorra e fogo de lenha da avó) e identitárias da cidade em que nasceu (São João, fogueteiro, o poeta Kilkerre⁵ etc.).

⁵ Pedro Militão dos Santos Kuilkuery nasceu em 1885, em Santo Antônio de Jesus, Bahia. Não chegou a publicar livro em vida. Faleceu em 1917. Sua obra foi disseminada em jornais e revistas, até ser recolhida na antologia Panorama do movimento simbolista brasileiro (1952), de Andrade Muricy. Considerado por Augusto de Campos como um dos precursores de nossa modernidade, é reconhecido na Revisão de Kilkerry (1970).

Ao reconstituir aspectos da história local e da memória, o escritor não apenas o recorda, como também reflete sobre fatos, pessoas, momentos cruciais de sua existência, apropriando-se significativamente da sua história e ressignificando a si mesmo em função dela. Com isso, o texto literário se constrói como uma totalidade plena de sentidos.

“Seu João”, “Minha terra, minha cidade” e “Reminiscências” são de José Carlos Souza de Jesus – Joscár. No primeiro, o eu lírico lamenta a ausência/morte de um sujeito animado, Seu João, que acendia fogueira todos os anos durante as festas juninas. Mais uma vez, configuram-se imagens da memória do poeta representativa da identidade de Santo Antônio de Jesus. Nos outros dois poemas, observa-se no eu lírico o saudosismo em relação à cidade onde nasceu em detrimento da cidade grande onde mora atualmente. Em “Minha terra, minha cidade”, há a possibilidade de uma leitura intertextual com a “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias. A intertextualidade se nota não apenas no verso “a minha cidade também tem palmeiras / aqui canta também o sabiá”, mas sobretudo no sentimento de idealização e saudosismo do eu lírico.

Em “Terra inculta” de José Antonio Tibério, por outro lado, o eu lírico manifesta sua insatisfação com a situação de abandono e descaso em que a cultura da cidade se encontra(va). O texto foi publicado em 2014, no livro **Nas sílabas da poesia**, porém foi escrito em ano anterior. Na voz de protesto, observa-se a presença de elementos históricos, políticos, socioculturais que fazem parte da memória afetiva e pessoal do poeta, mas também coletiva e identitária da cidade. O poeta se humaniza ao tecer esteticamente suas insatisfações e o leitor, no processo de construção de sentidos do texto poético e na alteridade, encontra o terreno propício para sua humanização.

Moita Lopes (2001), por sua vez, explica que pela organização do nosso discurso, por meio de nossas narrativas, edificamos o conhecimento sobre quem somos na vida social. Este processo é constantemente atualizado e construído conjuntamente, nos discursos, nas configurações identitárias a que estamos vinculados. Nesse sentido, esses escritores nativos buscaram desenvolver o seu discurso literário através de sua sensibilidade diante das coisas que viram e viveram, bem como pela memória, compreendida como uma reconstrução que toma por referência os contextos sociais locais.

Assim, acessar as recordações e vivências de poetas nativos favoreceu o fortalecimento das identidades locais, bem como para a ressignificação da cidade, de modo a propiciar a inserção social aos escritores enquanto habitantes desse espaço. Através do relato de sua experiência, esses escritores buscaram resgatar uma identidade local, social e cultural. Como a memória é uma forma discursiva que fixa vivências, eles a ficcionalizam em interpretações que cruzam momentos, desdobram a realidade e valorizam múltiplos registros narrativos.

Do mesmo modo como os hábitos e costumes instituem um sentimento de identidade com o lugar, a terra nos traz o sentimento de pertença, de fazer parte da realidade vivenciada no contexto histórico. O sentimento de pertença nos identifica com o “lugar”, o que segundo Hall (2002), é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado. Quando a identidade não é lembrada, ela precisa ser narrada como expressão de vida de um povo no tempo e no espaço através da história ou da literatura.

Nos poemas trabalhados pode-se observar quão forte é esse sentimento de pertença à terra que representa as memórias locais e constitui patrimônio cultural imaterial. Os autores recordam com saudade o tempo em que viviam na terra ou interrogam a despreocupação com aspectos da memória da cidade.

É essencial explicar que a leitura desses textos não pode ser entendida como mero reconhecimento de palavras ou mesmo com a compreensão superficial que se alcança com a decodificação literal, por meio de perguntas descontextualizadas de compreensão do texto ou apenas na identificação de estruturas linguísticas, pois isso não assegura ao educando o papel ativo que deve ter na construção dos múltiplos sentidos que o texto literário comporta. O trabalho aliou à competência linguística a própria experiência de vida do educando, conduzindo-o à atuação na construção dos significados e dos sentidos possíveis.

Esta perspectiva pedagógica enxerga a leitura como um processo de interlocução, em que leitor e texto, mutuamente dependentes, são sucessivamente transformados. Em relação ao texto literário, essa noção é fundamental, pois sua potencialidade de sentidos é múltipla.

Envolvendo-se por esse sentimento de pertença, de identidade e de valorização dos aspectos locais presente nos poemas trabalhados, consideramos a relevância da aplicação de uma proposta de intervenção em uma turma do 8º. ano de uma escola pública da rede estadual de ensino de Santo Antônio de Jesus,

visando possibilitar aos educandos a vivência desse sentimento e as condições para o desenvolvimento de uma postura cidadã, mas, sobretudo, a experiência libertadora e humanizadora que a literatura pode proporcionar.

4 DEFININDO A TRAJETÓRIA

A investigação sobre o letramento literário no contexto escolar se pautou na averiguação do modo como a leitura literária é concebida e desenvolvida nesse espaço. Por isso, algumas questões emergiram sobre o tratamento dado ao texto literário pela escola: Podemos afirmar que, no Ensino Fundamental, leitores de literatura estão sendo formados? Que textos literários são trabalhados na escola? Com que finalidade são trabalhados? De que forma são trabalhados? Que mecanismos interpretativos estão sendo apreendidos pelos educandos? Esses mecanismos desenvolvidos na escola são utilizados para as leituras realizadas fora desse ambiente?

A confirmação de que a literatura não está incluída nas atividades pedagógicas e de que os textos literários são trabalhados apenas com o intuito de estudar análise sintática determina a condição deste trabalho: textos literários devem ser lidos de forma literária. Neste sentido, fruto de inquietações e da percepção sobre uma questão problemática percebida na escola básica (a ausência do trabalho com o texto literário nos ciclos finais do Ensino Fundamental), apresentou-se uma necessidade de refletir e intervir, através de uma forma diferenciada, e quebrando padrões anteriores, sobre a realidade vivida.

O fato de ter a experiência como ponto inicial do movimento da pesquisa direciona o caminhar para o compromisso de a ela retornar para intervir, munido de maior base teórica e alternativas inovadoras e dinâmicas para a construção de estratégias de ação. Compreendemos que, na intervenção, o processo seguido interfere no desenvolvimento do sujeito, com o intuito de entendê-lo, explicitá-lo ou corrigi-lo, através da introdução de novas posturas e novos elementos para o alcance de um resultado positivo.

Agir para o estabelecimento de uma medida de teor pedagógico como a do ensino e da aprendizagem de leitura literária em classes de 8º. ano do Ensino Fundamental significa participar de uma ação complexa, que apresenta possibilidades de acertos e erros em sua aplicação. O projeto de intervenção pedagógico na escola implica a interferência na realidade observada por esta pesquisa.

Trata-se, dessa forma, de uma proposta elaborada em consonância com o curso de Mestrado Profissional – Proletras – do Campus V da Universidade do Estado da Bahia, que buscou contemplar subsídios teóricos para a discussão da problemática anunciada, indicando uma possibilidade de produção didático-pedagógica desenvolvida na escola Pública no município de Santo Antônio de Jesus/ BA.

4.1 O CAMINHO PERCORRIDO PARA ABORDAR A QUESTÃO

Uma vez especificada a questão investigada, apresenta-se a trajetória da pesquisa em que o trabalho se dá: a pesquisa-ação, processo que se situa entre a prática rotineira e a pesquisa acadêmica qualitativa, já que o trabalho desenvolvido se caracteriza como uma tentativa continuada, sistemática e empiricamente abalizada de aperfeiçoar a prática do ensino de literatura, em séries finais do Ensino Fundamental, por um viés de reflexão crítica e discursivo, bem como pela valorização da inventividade e da subjetividade do indivíduo.

A escolha pela metodologia da pesquisa-ação educacional justifica-se, principalmente, por esta ser uma estratégia para o desenvolvimento de pesquisas que intencionam aprimorar o ensino e o aprendizado. Este modo de pesquisar apresenta-se mais adequado para as questões humanas por adicionar novas perspectivas e expandir o universo do conhecimento. Essa abordagem procura reintegrar o mundo da ciência ao mundo da vida. A pesquisa-ação é proativa com respeito à mudança, e sua mudança é estratégica, visto que é ação fundamentada na compreensão obtida através da análise de informações de pesquisa.

Ao investigar um fenômeno partindo das experiências vividas pelos sujeitos da pesquisa, obtivemos informações e aprendizagens corroboradas com o aporte teórico de estudiosos como Cosson (2009) e Zappone (2007), especificamente sobre o paradigma do letramento literário. Para tanto, o trabalho pedagógico proposto segue um ciclo que se pauta nas ações de identificação do problema, planejamento de uma solução, sua implementação, seu monitoramento e a avaliação de sua eficácia.

O primeiro passo foi o reconhecimento prévio e a análise da situação-problema, investigando as práticas atuais, o caráter dos participantes e envolvidos. Partindo dessa perspectiva, e ao conjecturar sobre a questão que provocou a

inquietação na prática pedagógica – o letramento literário e de que maneira ele intervém na aprendizagem –, buscamos a compreensão do vivido pelos educandos, e também educadores, num universo já dado, focalizando as percepções do processo de intervenção, dos significados atribuídos nesta experiência.

A questão problema foi identificada a partir da experiência docente pessoal e do relato de professores e de estudantes sobre sua interação com a literatura no ambiente escolar. Estava perceptível que nas práticas diárias, ou mesmo no desenvolvimento de projetos temáticos e interdisciplinares, o letramento literário não se fazia presente, não era uma realidade concreta. Após ter percebido o processo de esquecimento da leitura literária nas atividades cotidianas escolares, e com o intuito de construir um perfil de prática de leitura literária na escola pesquisada, aplicamos questionários (Apêndices A e B) com a intenção de averiguar entre educadores da área de linguagens e educandos, oriundos do ciclo final do Ensino Fundamental, o nível do aspecto investigado.

Como instrumento de coleta de dados, foi aplicado um questionário para alunos e outro para professores, com objetivo de comparar a percepção do ensino da literatura a partir de uma ação pedagógica diferenciada. Este questionário foi aplicado no início das atividades, intencionando averiguar o interesse pela literatura, gosto pela disciplina, dificuldades encontradas e percepção sobre a abordagem de ensino da literatura; comparando o ensino nas aulas regulares e as aulas com uso dos experimentos.

A aplicação de questionários pode ser extremamente favorável quando um investigador almeja obter informações sobre um determinado tema, visto que não há contato direto entre o investigador e os pesquisados. Nesta perspectiva, Amaro, Póvoa e Macedo (2005, p. 3) argumentam que os questionários se constituem em “um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquisição de um grupo representativo da população em estudo”. Dessa forma, recolhemos informações que nos admitiram conhecer melhor os participantes, e compreender qual a relação destes com o processo de formação de leitores literários.

Os questionários se estruturam conforme o público a ser alcançado: educandos e educadores. Vale ressaltar que os dados da pesquisa foram analisados qualitativamente, não sendo seu objetivo apontar estatísticas. A pesquisa foi realizada buscando valorizar o contexto em que as práticas escolares acontecem e,

nesse sentido, apresenta caráter etnográfico, bem como uma abordagem qualitativa. Desta forma, as informações obtidas com a pesquisa serão tratadas de forma qualitativa, partindo de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo, buscando entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, então, situar sua interpretação dos fenômenos estudados.

O questionário A, dirigido a educadores, foi respondido durante o segundo trimestre de 2014 por seis professores da área de Linguagens que lecionam Língua Portuguesa, em turmas regulares do 6º. ao 9º. anos do Ensino Fundamental, em uma escola pública da rede estadual de ensino, situada na cidade de Santo Antônio de Jesus. As questões foram organizadas objetivando uma investigação de como os docentes compreendem e desenvolvem o trabalho com a literatura, visando a formação do leitor literário.

O questionário B, por sua vez, direcionado a educandos, buscou também averiguar o gosto pela leitura literária no contexto da escola e fora dela, medindo a influência e a eficiência que as práticas escolares exercem sobre a construção desse gosto. Esse questionário foi aplicado a quarenta alunos oriundos de uma escola pública da rede estadual de ensino (a mesma em que a proposta de intervenção pedagógica foi aplicada). É importante ressaltar que os envolvidos neste projeto de pesquisa-ação foram convocados pelo pesquisador a participar voluntariamente, através de cooperação.

Com base na análise dos dados obtidos a partir da aplicação dos questionários, foi possível traçar um perfil das experiências de leitura literária vividas pelos educandos e educadores, e da relação que mantêm com a literatura em sua formação intelectual e pessoal. Percebemos que 70% dos professores participantes admitem não realizar atividades de fruição estética durante as aulas de Língua Portuguesa e utilizar o texto literário apenas como suporte para questões linguísticas, especificamente gramaticais. Dos alunos que cooperaram com o trabalho respondendo ao questionário, 80% afirmam que a escola pouco tem influenciado em suas escolhas de leitura, considerando as propostas de leitura enfadonhas e distantes de suas realidades.

Além disso, verificamos que muitos educadores abordados pelo questionário indicam como dificuldades para a promoção da leitura literária, entre seus

educandos, a falta de material disponível, do hábito de leitura na família e, principalmente, do interesse por parte do educando.

Esse aspecto ratifica ainda mais a necessidade de implementar práticas de leitura literária a partir de textos literários acessíveis financeiramente, bem como sendo associados ao mundo e à realidade em que vivem. Por exemplo, leitura de poemas e cordéis acessíveis que exploram a memória e a história local, proporcionando o florescer do sentimento de pertencimento e de fortalecimento da identidade cultural.

Foi possível averiguarmos também que a prioridade das aulas de Português é dada a atividades de análise linguística (sintaxe, principalmente), e, nas poucas vezes em que o texto literário é trabalhado, a seleção é baseada a partir do livro didático ou com base no que a biblioteca escolar dispõe. Também percebemos que os textos preferencialmente trabalhados são fragmentos de romances presentes nos livros didáticos e contos, por serem considerados mais fáceis de compreender em comparação a poemas.

Outra observação diz respeito às estratégias utilizadas para as aulas de leitura literária. A maioria dos educadores justifica que aplica atividades escritas de interpretação e/ou caracterização da obra trabalhada, como questionário ou ficha de leitura. Atividades de intervenção oral são pouco desenvolvidas. A voz do educando, seu posicionamento diante do texto apresentado, não é valorizada.

O questionário B, por sua vez, tornou perceptível que mais da metade dos educandos participantes leem apenas os textos indicados pela escola para avaliação, mas gostam de ler letras de música, postagens de redes sociais e também textos literários como poemas e contos. Porém, esses educandos também apontam o fato de que a escola pouco promove momentos de fruição estética ou qualquer outra atividade diferenciada com o texto literário. Esse aspecto levanta a hipótese de que há uma resistência revelada pelos jovens à leitura dos textos literários não apenas devido ao esforço que esse tipo de leitura confere, porém, sobretudo, à carência de experiências que possibilitem descobrir o que a literatura pode proporcionar.

Diante do exposto, notamos que a aplicação do questionário confirmou as expectativas com relação à proximidade entre educadores e educandos e o texto literário, desvelando a problemática: o apagamento da literatura nas práticas de ensino de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e a ausência de propostas

pedagógicas significativas e humanizadoras que vinculassem a leitura literária à vivência do aluno.

A análise desses questionários aponta para a premissa de que a diferença no processo de formação do leitor literário está nas atuações que a escola pode exercitar junto aos educandos, em favor dessa formação. Reafirmou-se, portanto a necessidade de que a escola promovesse espaços de interação mais espontânea com os textos literários e em práticas que agenciassem experiências intermediadas pelo educador, com o intuito de desenvolver as habilidades de leitura e, principalmente, de permitir descobertas que rompam com alguns equívocos que revelam na avaliação que os leitores dos ciclos finais do Ensino Fundamental fazem da literatura.

A partir dos dados obtidos, verificou-se a necessidade de planejar e efetivar ações para solucionar ou amenizar a problemática investigada. Objetivamos implementar e desenvolver atividades de leitura literária na escola, especificamente em uma turma de 8º. ano do Ensino Fundamental, como caminhos para a formação de indivíduos leitores conscientes e críticos sobre sua atuação no lugar em que vive. Além disso, buscamos desenvolver nos educandos participantes o gosto pela leitura do texto literário e, por meio da literatura, o sentimento de pertencimento e de responsabilidade social e política sobre sua cidade.

Desse modo, foi construída a hipótese de que a incorporação da leitura literária nas práticas pedagógicas, tematizando o cotidiano e as memórias do lugar em que se vive, possibilitaria um ensino significativo de Língua Portuguesa que forma um indivíduo não apenas informado, mas consciente e crítico da realidade em que está inserido.

A ação idealizada e efetivada foi, então, a aplicação de uma proposta pedagógica de caráter intervencionista, colaborativo e participativo que melhorasse a eficiência de práticas comuns de leitura literária e a introdução de novas estratégias, promovendo o interesse pela literatura por meio de novos itinerários de leitura. A partir disso, surgiu a proposta de intervenção pedagógica intitulada “Leitura de poesia e cordel na escola: uma proposta pedagógica para a experiência da literatura como humanização, memória e pertencimento”.

O projeto introduziu uma prática pautada especialmente nas concepções de letramento literário de Cosson (2009) e de literatura como direito inalienável, do escritor Candido (2004), preocupando-se em modificar a cultura existente na escola

pesquisada acerca do trabalho com a leitura literária e as limitações sobre a prática, criadas por essa cultura.

A intervenção pedagógica apresentou como percurso o diálogo entre Literatura, História Local e do Cotidiano, pautando-se no desenvolvimento de práticas de leitura e compreensão dos gêneros literários poema e cordel, voltados para o tema da história local e cotidiana da cidade em que se vive. O estudo destes gêneros textuais foi condição para o estabelecimento da interface entre a área de Língua Portuguesa e outras, como História e Artes, bem como para a efetivação de uma prática pedagógica fundamentada no texto, o literário em especial, como espaço de construção de sentidos e posicionamento crítico e autônomo diante da realidade que vivencia.

A aproximação do aluno com poemas e cordéis escritos por autores locais, que trazem as marcas da memória e da história local como aspectos temáticos, torna possível o engajamento dos educandos enquanto leitores de literatura e indivíduos que consolidam vivências sociais, históricas e culturais. Ao fazer um estudo da história local, o ensino de língua constrói um novo sentido, criando condições para o envolvimento da comunidade e dos alunos, pois estes redescobrem sua própria história e cultura. Também torna possível que os educandos reconheçam o texto literário como espaço de construção de sentidos e posicionamento crítico e autônomo diante da realidade que vivencia.

A intervenção se destinou a uma classe do 8º. ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da rede estadual de ensino da cidade de Santo Antônio de Jesus. Aplicamos a proposta em uma turma regular em que leciono Língua Portuguesa.

4.2 O PÚBLICO ALVO E A ESCOLA PARTICIPANTE

O colégio participante está localizado em área urbana da cidade de Santo Antônio de Jesus- Ba, no bairro São Benedito. No bairro em questão, atualmente, quase não há realização de eventos culturais. No entanto, é um bairro conhecido e visto como importante historicamente e culturalmente para a cidade.

A instituição é caracterizada como escola de médio porte que funciona em três turnos e atende uma clientela total de 970 alunos. Oferece as seguintes modalidades: Ensino Fundamental II (6º. ao 9º. Anos), nos turnos matutino e

vespertino, e Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Tempos Formativos II (6º. ao 9º. anos) e III (Ensino Médio), no turno noturno.

A seleção dos sujeitos foi motivada por estes serem alunos do último ciclo do Ensino Fundamental, etapa em que a leitura literária se dá de forma fragmentada, descontextualizada. Os sujeitos participantes da pesquisa são 36 alunos voluntários de turma de 8º. ano do Ensino Fundamental II de escola pública da rede estadual de ensino, turno matutino, da cidade de Santo Antônio de Jesus-Ba. São adolescentes, do sexo masculino e feminino, com idade entre 13 a 15 anos. Dentre os educandos participantes selecionados, um esteve ausente em muitos momentos da intervenção por ter abandonado as aulas regulares.

Os alunos são advindos, em sua maioria, do bairro onde a escola se situa, um dos mais populosos da cidade. Alguns residem em bairro vizinho ou zona rural. Em nossa pesquisa, verificamos que a maior parte desses educandos provêm de famílias de classe social menos favorecida economicamente. A maioria deles não tem acesso de forma regular a bens culturais, com exceção dos proporcionados pela escola. Não vão ao teatro e ao cinema já que essas atividades culturais ou não estão disponíveis na cidade ou são economicamente difíceis. O acesso aos livros ocorre especialmente por meio da escola, não são muitos os que dispõem deles em casa. O conhecimento do contexto socioeconômico dos nossos alunos reforça nossas expectativas na enorme responsabilidade social da escola, *locus* privilegiado para garantir a inclusão social e cultural.

É importante ressaltar que a escola e, especialmente, a classe participante da pesquisa e da aplicação da proposta são espaços de trabalho desta educadora-pesquisadora. Todos os participantes da pesquisa foram convocados como voluntários. A direção da escola colaborou com a aplicação e assinou termo de Autorização da Instituição Coparticipante (Apêndice C). Os alunos, por sua vez, também concordaram com a participação e preencheram e assinaram, com seus respectivos responsáveis, os Termos de Assentimento do Menor e de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndices D e E).

Grande parte dos educandos que respondeu o questionário dizia não gostar de ler textos literários, pois considerava a leitura literária como enfadonha e distante de sua realidade, afirmando realizá-la apenas por obrigação, porque a professora pedia ou para ser avaliado.

Após a aplicação do questionário e a análise dos dados e das observações realizadas era o momento de concretizar a proposta de intervenção pedagógica. Inicialmente duas turmas de 8º. ano do Ensino Fundamental foram selecionadas. Todavia, devido a questões de espaço e tempo reduzidos para a efetivação do projeto, apenas uma turma participou da intervenção.

4.3 PROPONDO UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: APRENDIZAGEM PELO PERCURSO LITERÁRIO

A literatura é uma manifestação intrínseca e necessária ao comportamento humano. Ela possibilita ao indivíduo uma educação humanizadora e do gosto artístico, além de uma formação estilística. Candido apresenta em “O Direito à Literatura” (2004), o poder de humanização da literatura que se explica pelo fato de que ela nos faz mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante. Como foi argumentado em seção anterior, a literatura possibilita ao ser humano o exercício da reflexão, a aquisição do saber, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres.

Candido associa a literatura a uma forma de humanização do sujeito, promovendo o questionamento de que a experiência da leitura literária nos faz mais humanos, amplia nossa solidariedade, nossa capacidade de admitir a existência de outros pensamentos além do nosso, nossa compreensão acerca da realidade social e humana. Talvez, a relevância do estudo da literatura resida no fato de que ela pode favorecer o encontro com a alteridade (de temas, de modos, de se expressar, etc.).

Cosson (2009), por sua vez, defende que é imprescindível proporcionar a chance de experimentar variadas formas de leitura, antecipando os fatos e fazendo inferências a partir do contexto e de um conhecimento prévio que os sujeitos já trazem de seus lares. Em virtude do mencionado, as atividades propostas neste projeto, enfatizaram o ensino da leitura de textos literários. Elas se organizaram em torno da leitura e da compreensão de textos literários para que o ensino da literatura se desse por meio de situações de uso efetivo, aprendendo a ler e compreender textos em situações contextualizadas. Optou-se, então, por trabalhar com o tema história local e do cotidiano, visando a inserção do aluno em eventos e práticas

reais, bem como sua participação e seu reposicionamento diante do lugar em que vive.

Em consonância com este pensamento, Leite (1983) afirma que o professor não pode subscrever a literatura como monumento, posto na sala de aula apenas para reverência e admiração do gênio humano. Ao contrário disso, sua função é explorar junto aos alunos as potencialidades do texto literário. A sobrevivência da escola enquanto instituição depende de seu posicionamento como condutora para manifestação pessoal do aluno, contribuindo com sua autoafirmação. E o ensino de literatura é fundamental neste processo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, a esse respeito, criticam o emprego do texto literário como um pretexto para a abordagem limitada de questões de sentimentos e valor ou de estudo de gramática. Ainda há a postura que atribui à literatura apenas um reforço das habilidades linguísticas; esta é uma visão de indiferença sobre as atividades que são realizadas no ensino de literatura. Em contrapartida, observa-se também a situação de desconhecimento da literatura por ausência de referências culturais ou pela maneira inacessível como ela é representada.

A devida relevância prestada ao texto literário está notória na argumentação presente no ensaio “Experiências de leitura no contexto escolar”:

Os gêneros literários talvez sejam dos mais significativos para a formação de um acervo cultural consistente. De um lado, como os textos literários costumam propositadamente trabalhar com imagens que falam à imaginação criadora, muitas vezes escondidas nas entrelinhas ou nos jogos de palavras, apresentam o potencial de levar o sujeito a produzir uma forma qualitativamente diferenciada de penetrar na realidade. De outro, podem provocar no leitor a capacidade de experimentar algumas sensações pouco comuns em sua vida – caso em que se identifica com um personagem, como a escritora Ana Maria Machado indicou no primeiro relato, e passa a enxergar além de suas experiências cotidianas (SILVA; MARTINS, 2010, p. 32).

Para Rangel (2007), a leitura deve ser tratada como um fenômeno cognitivo (o foco são as competências e habilidades implicadas no processo e as estratégias de abordagem e de processamento do texto), mas ao se referir à leitura literária, é importante considerá-la também como um fato histórico-cultural (a preocupação é com o resgate dos significados culturais historicamente atribuídos a certos autores, obras, gêneros, estilos etc.).

Desta forma, faz-se necessário que a literatura seja abordada na escola como um recurso didático melhor, motivador e desafiador, capaz de modificar o indivíduo, tornando-o um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, podendo compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade. O educando, nesta concepção, é parte de um contexto social e deve ter iniciativa para questionar, descobrir e compreender o mundo através da interação dialógica entre o sujeito e os diversos gêneros textuais.

Confirmando o exposto, Cosson (2012) argumenta que a literatura tem um papel importante na aprendizagem e no desenvolvimento do indivíduo, visto que na leitura e na escrita do texto literário, encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. Para o mencionado autor, a literatura é uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagem: da literatura (vivenciar o mundo por meio da palavra), sobre literatura (envolve conhecimentos de história, teoria e crítica), e por meio da literatura (os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários). Portanto, Cosson defende a literatura como prática necessária na escola.

No entanto, o processo de escolarização da literatura, muitas vezes, tem corrompido esse seu papel, pois ao fazê-lo, promove uma descaracterização do texto literário, transformando-o em simulacro de si mesmo. Nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, quando há o ensino da literatura, sua proposta oscila entre as duas últimas aprendizagens e a primeira, que deveria ser o centro das atividades voltadas para o texto literário, é ignorada.

É necessário considerar o texto literário indispensável para o ensino e aprendizagem da leitura, para a formação do gosto literário e este é um dever do Ensino Fundamental, previsto nos PCNs. A seleção dos textos para leitura e estudo deve considerar a relevância e o significado literário dos textos e de seus autores, devendo-se dar atenção aos “modos de dizer” que caracterizam os discursos literários.

Martins (2007) argumenta que não considerar as experiências prévias e imagens de leitura e de literatura dos alunos é uma violência. Sobre o tratamento dado ao texto literário, nas aulas de Língua Portuguesa, a autora critica aspectos como a fragmentação do texto, a seleção de mesmos autores, a descontextualização, o comprometimento da coesão e da coerência, o enfoque historiográfico, a preocupação com a localização de informação, a paráfrase, a

gramaticalização do texto e o uso do dicionário e do glossário como únicas fontes de significado de palavras. Também menciona o fato de que as experiências com a literatura, em sala de aula, têm desconsiderado a pluralidade semiótica de linguagens.

A motivação para o tema, bem como para a literatura, buscou a visualização da importância da história local para a construção da identidade de um povo e também a discussão da participação cidadã – social e cultural –, aspectos determinantes para o posicionamento diante do mundo. Assim, ao inserir a história local e o cotidiano através das ferramentas literárias – cordéis e poemas de escritores locais que trazem como matéria a história local, o cotidiano, as memórias da cidade de origem –, foi possível aproximar realidade e história do contexto da sala de aula, trazendo significado para o aluno, contribuindo na sua formação para a vida, respeitando e resgatando as diversas culturas existentes na comunidade, construindo sentimentos de pertencimento e valorizando as memórias e identidades locais. Como afirma Ferreira (2013, p. 9):

Cada página literária vai preenchendo dentro do pequeno leitor/ouvinte uma arca de ideias, paisagens, ardis, singelezas, bondades, encantamentos, sustos, indignações, ternuras – os ingredientes da aventura humana na Terra.

Cada página literária pega o leitor pela mão e o leva a passear, sem nada impor, pelo campo florido das questões fundamentais da humanidade – até mesmo dos erros, a coisa mais verdadeiramente humana dos humanos. A literatura enriquece pontos de vista; instiga a ouvir, a levar em conta e a dar valor à voz do outro; desperta a vontade de ultrapassar o próprio “mundinho” e alimentar-se de outras luzes. Um belo dia, quem sabe emerja uma percepção da vida ‘menos burocrática, mais amorosa’...

O redimensionamento da prática pedagógica na abordagem do texto literário deve se pautar na concepção da experiência do literário como centro do ensino de literatura, sem reduzir-se ao sistema canônico. Por isso, esta intervenção propõe uma literatura reveladora do cotidiano e da história local, buscando englobar os três tipos de aprendizagem citados por Cosson. Deste modo, o estudo da história local e do cotidiano, através do letramento literário, da abordagem de gêneros textuais da literatura, possibilita ao aluno: a) experimentar seu dia a dia, a história de sua cidade, de seu bairro e/ou escola por meio da palavra; b) conhecer poetas e escritores e textos locais; c) participar de práticas sociais de leitura e de produção de textos literários.

O conhecimento sobre o espaço onde se vive e o cotidiano é o eixo que norteia conteúdos trabalhados com base na relação do indivíduo com seu meio, no seu e em outros tempos. Ao conhecer aspectos diversos de sua localidade, os educandos não percebem a história apenas como um acumulado de datas e fatos. As aulas fazem parte de um processo de formação de sujeitos mais conscientes e críticos, preparados para a prática da cidadania, fazendo-os parte integrante do contexto, por meio das vivências pessoais com sua comunidade. Por isso, o cotidiano e a cultura, como objetos de estudo, devem ser usados na escola pela possibilidade de observar as mudanças e realizações concretizadas por sujeitos reais, levando o educando a perceber-se também como um agente de transformação social.

Convergindo com esse ponto de vista, Fiorindo (2012) explica que a mediação do professor e uma abordagem atualizada do texto literário são imprescindíveis para o desenvolvimento da competência leitora crítica do educando, no sentido de relacionar as informações do texto ao seu contexto diário e ser capaz de apresentar seus pontos de vista. Ao interagir com o texto, o educando, no processo de formação enquanto leitor crítico, adentra e desvenda os referenciais construídos pelo autor através dos aspectos da realidade por ele trabalhada, ao passo em que compreende os problemas e as necessidades de seu contexto. Assim:

[...] a literatura bem orientada aciona a inventividade de cada um porque valoriza a subjetividade do leitor. Assim, o estudante entrega sua imaginação, revela seu potencial criativo e descobre que é capaz de interpretar e produzir textos interessantes, a partir do contato com textos literários, estes mediados pelo docente, de forma interativa e contextualizada à realidade do educando, contribuindo para a formação do cidadão crítico (FIORINDO, 2012, p. 33).

Talvez a problemática que permeia o ensino de leitura literária resida no fato de que as práticas não focalizam o texto literário como recurso didático, como instrumento capaz de levar o educando a uma ação reflexiva sobre si mesmo e sobre o mundo. Os trabalhos de leitura com textos literários apresentam-se, muitas vezes, como irrelevantes pelo fato de que atualmente objetivam primordialmente atender às necessidades imediatas, práticas, do dia a dia. Não identificam a literatura como meio que veicula a cultura de um grupo social, sendo o trabalho com

leituras literárias um forte aliado à produção e perpetuação do conhecimento da herança e dos traços culturais da sociedade.

Levando em conta a proposta de abordagem da poesia e da literatura de cordel no Ensino Fundamental, Fiorindo (2012, p. 29) salienta a necessidade de considerar a oralidade, “uma característica histórico-social de um povo”, nas atividades desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa. Mesmo com fortes e históricas ligações entre oralidade e literatura, a escola ainda se constitui como lugar de expressão escrita, sendo a oralidade pouco considerada e o passado comum entre letra e voz quase que apagado.

Observa-se, diante das discussões teóricas, a necessidade de repensar e realinhar o trabalho com o texto literário nas turmas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, ressaltando sua importância, em seus variados gêneros, para o desenvolvimento social, cognitivo e também emocional dos alunos, e pautando a construção de uma ação pedagógica mais qualitativa e de um espaço educativo de vivência e apreciação das diversas formas de criação e expressão.

A literatura, porém, contrapondo o pensamento amplamente difundido no processo educacional das últimas décadas, deve ter seu potencial ativado nas práticas escolares. O valor da literatura – seja estético, social, cultural ou histórico – é um fator capaz de contribuir para a ampliação vocabular cognitiva, crítica do sujeito no mundo em que está inserido.

Objetivou-se, então, praticar a leitura como fonte de fruição estética e de conhecimento, via de acesso aos mundos criados pela literatura, tornando os educandos-sujeitos capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos. Para tanto, foram planejados e concretizados momentos de leitura literária na escola, de modo que a experiência de leitura escolar se desdobrasse em práticas sociais de leitura na vida dos jovens, estabelecendo condições para que os sujeitos participantes partilhassem suas leituras entre si e com a sociedade e, a partir dessas trocas e diálogos, constituíssem-se em comunidades de leitores de textos.

Também, considerou-se importante estimular a oralidade, a criatividade e a reflexão a respeito de fatos da vida, da história local e do cotidiano do aluno e, sobretudo, a leitura do texto vinculada à capacidade do indivíduo de compreendê-la e de aplicá-la às diferentes situações de sua rotina.

4.3.1 Apresentando a proposição

❖ 1º. Momento: (4 aulas)

1) Apresentação de slides com fotografias antigas da cidade de Santo Antônio de Jesus. Os espaços apresentados não serão identificados inicialmente. Estimular os alunos a expressar suas impressões pessoais sobre os espaços mostrados nos slides através de questionamentos sobre a aparência do lugar, as pessoas que vivem ali, as moradias etc. A exemplo disto, as questões:

- Essa seria uma boa cidade para se viver? Por quê?
- O que mais chamou a sua atenção?
- Quais as qualidades do lugar? O que lhe falta?
- Este lugar é parecido com a nossa cidade? Em que?

A produção de perguntas após a leitura das imagens possibilita a retomada da comunicação na interação com o texto visual como objeto do discurso, o que contribui decisivamente para formar leitores que buscam produzir significados nas ricas discussões sobre o texto.

2) Trabalho com a música “A Cidade Ideal” de Chico Buarque (Anexo A). Discussão sobre as ideias expressas pelos personagens de qual seria a cidade ideal. Verificar, com os educandos, o fato de que cada personagem tem um ideal de cidade, pois cada um se preocupa apenas com seus interesses particulares. Refletir sobre o fato de que é necessário a existência de espaços e serviços que beneficiem a toda a população para a configuração de uma cidade que se pretende real.

A partir da audição da música solicitar aos alunos que, em grupos, escrevam sobre como seria a cidade ideal, assumindo o ponto de vista de alguns membros representativos do espaço da cidade: policial, professor, estudante, dona de casa, ambulante etc. Leitura compartilhada dos textos representando os pontos de vista construídos.

❖ 2º. Momento: (4 aulas)

1) Apresentação de imagens atuais da cidade, através de slides. Compará-las com as imagens antigas mostradas no primeiro momento. Discutir com os alunos sobre as mudanças que se processaram com o passar dos anos:

- O que foi positivo?
- O que não foi benéfico?

2) Produção de painel pelos alunos mostrando as transformações sofridas com o passar dos anos.

3) Declamação dramatizada por um aluno do texto do ex-prefeito Ursicino Pinto de Queiroz, extraído de “o Padroeiro”, folhetim anual da Festa de Santo Antônio, do mês de junho de 1969 (Anexo B). O texto encontra-se no livro **Trilhos do Tempo Trilhas da História** (2012).

O aluno estará caracterizado como prefeito e, ao fundo, serão exibidas imagens da cidade, do passado para o presente.

Este texto apresenta em linguagem poética a história do surgimento da cidade Santo Antônio de Jesus. Destacar a memória como um elemento característico e relevante deste texto e de outros gêneros literários que abordam questões vinculadas ao passado, como a infância, o lugar onde viveu etc.

4) A partir da leitura do texto, e utilizando as imagens já apresentadas em slides, conversar com os alunos sobre a história da cidade. Nesse momento, o professor de história da escola pode ser convidado para um bate-papo.

5) Realização de pesquisa em sites, jornais e documentos de relatos de história local de Santo Antônio de Jesus (extraclasse).

6) Confecção de painéis em papel metro (extraclasse) pelos educandos (em grupos de cinco alunos). Os painéis deverão apresentar os dados da pesquisa: fundador, formação da vila, emancipação, designação do nome de um santo para designar a cidade, pessoas consideradas importantes, espaços de destaque, características da cidade etc. Trazer a pesquisa e os painéis na aula seguinte. Socializar os painéis. Deixar a pesquisa também registrada no caderno.

❖ 3º. Momento: (4 aulas)

1) Apresentação de vídeo do Hino de Santo Antônio de Jesus. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=K4mpp-3Z4QQ>>. Acesso em 10 mar. 2014.

2) Leitura da letra do hino (ANEXO C) e conversa sobre os elementos exaltados nela. Questionar os alunos sobre o que pensam a respeito desses elementos:

- São realmente aspectos de destaque da cidade?
- São importantes para a população?
- Que outros aspectos deveriam ser enfatizados no hino?

3) Produção de desenho pelos alunos, individualmente, retratando os aspectos sobre a cidade, até então, apresentados. Esta etapa visa uma retomada sobre as diferentes imagens, pensamentos que se tem sobre a cidade em que vivem, apresentando um posicionamento crítico diante da realidade que vivenciam.

4) Atividade extraclasse: a turma será dividida em grupos de 6 alunos para leitura de um determinado texto poético indicado e disponibilizado pela professora aplicadora da proposta de intervenção. Cada grupo preparará uma apresentação criativa para o poema: jogral, declamação dramatizada, transformação em música, etc. As apresentações serão realizadas em outro momento. Os poemas são: “A voz do sino” de Flavio Jarbas; “As Palmeiras” de Roberto Santos do Vale; “Seu João”; “Reminiscências” e “Minha Terra, Minha Cidade” de José Carlos Souza de Jesus “Joscar”; e “Saudando os Ispidicionaro de Santo Antonho” de Lixandre Liveira Lima (Anexo D).

Esta atividade tem como objetivo um contato mais lúdico e prazeroso com o texto literário. Levar os jovens a falar sobre textos literários com os colegas é uma boa maneira de manter e ampliar seus hábitos de leitura. A turma terá de discutir e confrontar ideias para construir significados em relação ao texto, terá de procurar as respostas escondidas nas entrelinhas para compreender o que o texto expressa.

Ao analisar os textos literários, o educando considera sua forma (a construção com a linguagem) e sua “função social”, desenvolvendo a capacidade de instigar-se a repensar sobre o mundo em que vive.

❖ **4º. Momento:** (4 aulas)

1) Leitura em voz alta pelo professor de poema de escritor local. Nesta intervenção, o poema trabalhado é “Terra Inculta”, de José Antonio Tibério de Souza (ANEXO E).

Nessa etapa da escolarização, o jovem precisa se acostumar à leitura autônoma. Mas algumas atividades coletivas podem ser mantidas (um bom exemplo é a leitura, pelo professor, de um texto de difícil compreensão, com o objetivo de ajudar na interpretação). Seu papel passa a ser o de orientador, que apresenta

novidades e levanta questões para o desenvolvimento do senso crítico, sempre valorizando a opinião de todos. As atividades individuais de leitura são essenciais para criar uma relação pessoal com os livros, que se mantém pelo resto da vida.

2) Análise do poema: tema, característica do gênero, linguagem.

3) Apresentação em slides do perfil do escritor do poema estudado: imagem, produção poética, profissão, biografia.

4) Elaboração pelos alunos (em trio) de perguntas para uma conversa com o escritor do poema estudado. Abertura dos grupos, sala em círculo, para a socialização das questões elaboradas. Seleção, por votação, sob mediação do professor, de 12 perguntas das elaboradas pelos grupos.

❖ **5º. Momento:** (2 aulas)

1) Conversa com um escritor local: O escritor convidado contará um pouco de sua motivação para escrever, seus temas, desde quando escreve, etc. Dois alunos farão o papel de entrevistadores, realizando a apresentação do escritor para a turma e fazendo as perguntas elaboradas e selecionadas no momento anterior. Os demais educandos podem participar, fazendo observações e questões.

❖ **6º. Momento:** (4 aulas)

1) Apreciação do filme “Narradores de Javé”⁶, buscando visualizar a importância da história local para a construção da identidade de um povo. Por meio da compreensão do filme, abre a possibilidade de reflexão, com o enfrentamento de questões relacionadas à história e à memória.

2) Roda de discussão sobre a participação cidadã, e também a representação da escrita como elemento social e cultural determinante para o posicionamento diante do mundo. A sala é dividida em dois grupos organizados em círculos. Os alunos que estiverem no círculo interno, irão expor oralmente suas considerações

⁶O filme brasileiro, de 2003, do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé, revela a história de um povoado do Vale de Javé, situado no sertão da Bahia, que está prestes a ser inundado para a construção de uma enorme usina hidrelétrica. Diante dessa problemática, a comunidade se reúne para discutir formas de como resolver o problema. De acordo com os moradores o ideal seria preparar um documento oficial, contando todos os grandes acontecimentos heroicos de sua história, justificando sua preservação. Cf. Fênix, 2008.

sobre a temática do filme. Os alunos do círculo externo farão anotações sobre as ideias expostas e as apresentarão ao final da discussão.

A conversa sobre os textos precisa ser mais valorizada na sala de aula. Entendo que essa conversa, guiada por um leitor mais experiente, o professor, tem um papel fundamental para a formação de leitores. Um primeiro ponto que justifica a importância da conversa é a possibilidade que ela fornece de engajar o leitor ou ouvinte na busca e produção de significados sobre o que lê ou escuta. Em outras palavras, é preciso que a criança compreenda a leitura como uma atividade de construção de sentidos em que é preciso interagir ativamente com o texto. Embora isso possa parecer óbvio para nós, leitores mais experientes, esse é um conhecimento aprendido.

❖ **7º. Momento:** (4 aulas)

Ainda refletindo sobre a história local, o sentimento de pertencimento, de identidade cultural e a importância da memória para a constituição das imagens literárias sobre a cidade, propõe-se leitura lúdica de texto de literatura de cordel.

1) Assistir à dramatização do texto de literatura de cordel “Santo Antônio de Jesus, minha terra” realizada por alunos. A apresentação será orientada pela professora responsável pelo projeto, mas será articulada junto à disciplina de Artes da turma.

2) Entrega de cópia do texto apresentado em formato de cordel e releitura individual pelos alunos. Analisar com os alunos o formato, o tamanho das estrofes, a rima, a linguagem empregada.

3) Análise das características do gênero literário Cordel. A literatura de cordel, também conhecida no Brasil como folheto, é um gênero literário popular escrito frequentemente na forma rimada, originado em relatos orais e depois impresso em folhetos. É preciso destacar aspectos interessantes e importantes presentes na literatura de cordel. A saber:

- Suas gravuras, nomeadas xilogravuras, representam uma importante herança do imaginário popular;
- É de inestimável relevância na manutenção das identidades locais e das tradições literárias regionais, visto que configura-se como divulgadora da arte do cotidiano, das tradições populares e dos autores locais;

➤ Contribuem na disseminação de hábitos de leitura e lutam contra o analfabetismo, já que podem ser lidas em sessões públicas e atingem um número elevado de exemplares distribuídos;

➤ A tipologia de assuntos que cobrem, crítica social e política e textos de opinião, elevam a literatura de cordel ao estandarte de obras de teor didático e educativo.

4) Exibição do vídeo Literatura de Cordel, disponível no Youtube, que aborda características e aspectos típicos do cordel.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=dd3lshH6LNU>>. Acesso em mar. 2014.

❖ **8º. Momento:** (4 aulas)

1) Atividade escrita de compreensão do cordel estudado (Apêndice G).

A interpretação corresponde à questão "do que fala o texto?". Ela é a exposição do sentido profundo da obra literária. É ele que estamos buscando desde o início. Quando analisamos, queremos saber o que está dito por meio dos silêncios, nas entrelinhas; o que se origina da relação íntima entre forma e conteúdo. Se na análise desmontamos o texto em partes, na interpretação temos de reorganizá-lo como um todo, um todo de sentido capaz de reunir forma e conteúdo.

2) Socialização oral da atividade: interpretação realizada pelos alunos, mediada pelo professor por meio de inferências sobre o texto.

❖ **9º. Momento:** (4 aulas)

1) Apresentação em forma de jogral por alguns alunos – combinado anteriormente – do cordel “Santo Antônio de Jesus (Cidade modelo das palmeiras, e palmeiras)” do autor Milton Santos (Anexo F).

2) Apresentar aos alunos painel com o desenho de uma grande árvore (jaqueira ou palmeira, por serem características do lugar). Entregar fichas aos alunos para preencherem com elementos característicos da cidade. Por exemplo: a feira livre, a festa junina, o comércio, a festa do padroeiro, as antigas palmeiras, a

fabricação de fogos de artifício etc. Os alunos prenderão as fichas na copa da árvore.

3) A partir do levantamento de aspectos importantes da cidade, orientar os alunos (em dupla) na produção de cordéis sobre a história local e o cotidiano da cidade de Santo Antônio de Jesus.

❖ **10º. Momento:** (2 aulas)

1) Reescrita dos cordéis, em sala de aula, após intervenção do professor.

❖ **11º. Momento:** (4 aulas)

1) Culminância do projeto com evento intitulado “Entre Memórias, Histórias e Poesia”.

- Exposição das produções escritas, as pinturas, os cartazes elaborados pelos alunos para as demais turmas da escola.
- Declamação ou dramatização de alguns dos poemas e cordéis lidos e produzidos por eles.
- Montagem de stands: a história da cidade, a literatura de cordel, a poesia, a cidade ontem e hoje.
- Distribuição dos cordéis produzidos pelos alunos em formato de cordel impresso para os visitantes do “Entre Memórias, Histórias e Poesia”.
- Entrega do Portfólio.

É relevante salientar que a aplicação deste projeto de intervenção se deu em um período determinado do calendário escolar. Entretanto, o processo de intervenção via literária na aprendizagem de todo sujeito educando deve ser contínuo e evolutivo. Desta forma, essa proposta não deve ser percebida como algo estático, pronto e acabado; mas deve servir de parâmetro para reelaborações, pois possibilita uma maior apreensão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade.

A sobrevivência da escola enquanto instituição depende de seu posicionamento como condutora para manifestação pessoal do aluno, contribuindo com sua autoafirmação. E o ensino de literatura é fundamental neste processo.

Reflexões e mudanças acerca da prática de leitura literária no interior das instituições de ensino são importantes e urgentes. É necessária uma postura metodológica mais autônoma e democrática, quebrando com o autoritarismo e com as restrições nas escolhas literárias que desconsideram o gosto do educando e ainda determina formas de leitura e de significação dos textos.

Partindo dessa realidade, resolveu-se delinear metas e objetivos para corroborar com a aprendizagem escolar dos alunos, e um dos objetivos delimitados seria inserir e/ou implementar a leitura de literatura diária de forma prazerosa e instigadora no contexto da sala de aula e, aos poucos, utilizar esses momentos de ludicidade e também criticidade para auxiliar no processo de aprendizagem dos educandos.

Quando se pensou em implantar no contexto da sala de aula a leitura literária, houve a preocupação de como e de que forma seria possível oferecer esses momentos aos educandos. Foi então que se optou por, nos meses maio e junho do ano letivo corrente, proporcionar momentos de leitura agradáveis, lúdicos e criticamente significativos na classe, para que o leitor seja motivado literariamente a conseguir promover mudanças significativas na sua própria aprendizagem.

5 VIVENCIANDO PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA

O que se observa na maior parte das atividades de pesquisa acadêmica é que há apenas uma preocupação em observar, descrever e criticar a realidade educacional existente. É evidente que a reflexão é algo importante e necessário. No entanto, verificar e criticar uma problemática e não oferecer condições para a sua transformação não tem muito propósito. A intervenção através de uma prática pedagógica significativa, inovadora e pensada a partir do conhecimento dessa realidade é o caminho para que haja o encontro entre a pesquisa acadêmica e a experiência pedagógica. A intenção desta pesquisa-ação, dessa forma, é estabelecer relações dialógicas com o texto literário, que objetivem problematizar o aprofundamento da literatura enquanto elemento formador no processo de ensino e aprendizagem. Como argumenta Silva, é preciso:

[...] desenvolver diferentes formas de utilização e articulação do texto que instiguem o público a rever e, sobretudo, a ressignificar a aplicabilidade do texto literário no contexto escolar, buscando meios alternativos de pesquisa e trabalho que reflitam criticamente sobre a formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental da escola pública brasileira com enfoque no ensino da literatura. (SILVA, 2014, p. 1)

Nesta perspectiva, este é um relato da experiência obtida na efetivação de uma proposta de intervenção pedagógica em Língua Portuguesa realizada com uma turma do 8º. ano do Ensino Fundamental numa escola pública da rede estadual de ensino de Santo Antônio de Jesus. A aplicação desta proposta, por meio do trabalho com a literatura, objetivou intervir positivamente em uma realidade de apagamento ou inadequação da leitura literária observada nas séries finais do Ensino Fundamental.

5.1 RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Durante o processo, buscamos desenvolver um trabalho em sala de aula com a leitura de textos literários, proporcionando aos sujeitos um contato prazeroso e também reflexivo com a literatura. Esse trabalho revelou-nos que a literatura pode e deve ser trabalhada, fazendo com que os educandos interajam com ela, sem as formas prontas encontradas em muitos livros didáticos.

Consideramos, neste trabalho, a literatura e suas inesgotáveis potencialidades provocadoras do pensamento como ponto de partida privilegiado para a formação de leitores e como instrumento mais completo para levar à reflexão, à crítica e à criação. Isso devido ao fato de que, por meio dela, a ficção se integra à realidade, abarcando todos os temas da vida. A intenção foi confirmar como a experiência de leitura literária pode contribuir com o processo de construção do conhecimento, bem como a formação do indivíduo enquanto leitor crítico.

As atividades desenvolvidas buscaram ler, discutir e analisar o texto literário numa relação de diálogo, trocas e respeito à fala e à voz do aluno, bem como às suas leituras anteriores. Em diversos momentos da intervenção, a literatura foi trabalhada de forma interativa, criativa e críticas, aproveitando seu permanente diálogo com outras artes como a música e o teatro, para favorecer uma crescente aproximação do texto literário com o aluno.

As atividades de leitura, realizadas individualmente, em duplas, em grupos ou que dirigimos, enquanto educadora/pesquisadora, ajudaram também a colocar em jogo os conhecimentos adquiridos na análise de palavras e textos. Foi possível ler usando diferentes estratégias, sempre buscando significado no que se lê. Durante as atividades de leitura compartilhada, foram estimulados o uso de estratégias de leitura, a busca da compreensão do que está escrito no texto literário e também o trabalho com a oralidade, a partir da criticidade dos textos.

O grande desafio posto, então, foi trazer a realidade para dentro da sala de aula, utilizando textos que se aproximem dela, pensando em desenvolver nos alunos a capacidade de ler e escrever bem como formas de apreensão do mundo. Por isso, a escolha da temática “O lugar onde se vive” que traz à tona o questionamento acerca da possível relação entre literatura e realidade e a existência de diferentes maneiras de utilizar o texto literário.

A esse respeito, Rouxel (2013) enfatiza a importância de relacionar a obra lida com o que está “fora da literatura”, com os elementos do nosso vivido, já que a utilização do texto literário remete a uma vontade de interagir leitura e vida, simbólico e real. Segundo a autora (2013, p.32), “na abordagem didática da literatura enquanto arte, o campo das emoções é ainda pouco explorado” e, conseqüente, nega-se parte considerável do texto literário aos educandos.

Dessa forma, a proposta pedagógica exposta, realizada no segundo trimestre de 2015, buscou intervir nessa situação, levando os educandos a vivenciar a

temática do cotidiano, das memórias e dos eventos locais de sua cidade por meio de estratégias diversas: exposição de fotografias, apreciação de filme, audição de música, desenho, mas, sobretudo, contato com textos literários poéticos de autores locais. Optamos, então, por trabalhar com o tema história local e do cotidiano, visando à inserção do aluno em eventos e práticas reais, bem como sua participação e seu reposicionamento diante do lugar em que vive.

Buscamos, inicialmente, uma sensibilização para a temática através da exposição em slides de fotografias antigas da cidade, retratando seus aspectos históricos, sociais e culturais. Apesar dos espaços apresentados nos slides não terem sido nomeados, os educandos demonstraram conhecimento prévio e curiosidade acerca dos lugares mostrados, reconhecendo e manifestando-se oralmente sobre alguns desses ambientes: “Isso é aqui na cidade?”, “Esse aí eu sei. É a Igreja Matriz!”, “Parece a feira.”, “Aqui era roça?!”.

Essa etapa também foi importante para averiguar o nível do conhecimento prévio do educando sobre a temática. À medida em que elabora inferências e formula hipóteses sobre o assunto que lhe é apresentado, pode-se avaliar as estratégias que serão empregadas para o engajamento no projeto e a sua participação na realização de uma compreensão leitora. Kleiman afirma que “(...) sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão” (2002, p. 13).

Com o direcionamento das perguntas já indicadas, foi possível intermediar a reflexão e mobilizar o interesse e a discussão sobre o tema. Muitos deles, a partir das questões lançadas, avaliaram que o local apresentado não era um bom lugar para se viver porque não possuía uma estrutura urbana boa, as ruas estavam sem calçamento, as construções eram precárias. Porém, também consideraram que havia menos violência e indicaram como aspectos positivos a existência de estrada de ferro e de áreas verdes.

Os sujeitos participantes mostraram-se bastante motivados, pois colocaram-se ativamente nas indicações dos locais, surpreendendo-se e questionando-se sobre o passado da cidade. Para os educandos, as mudanças sofridas pela cidade com o passar dos anos foram bastante visíveis e alguns espaços foram considerados irreconhecíveis. Isso se deve ao fato de que nos últimos vinte anos, as transformações vividas foram intensas e mais velozes. Outros espaços, por sua vez, foram facilmente reconhecidos porque suas características gerais foram mantidas.

Após a apresentação das imagens e a discussão, foi trabalhada a música “A Cidade Ideal” de Chico Buarque (Anexo A). Na canção, os animais idealizam um lugar mítico, numa referência à cidade dos sonhos de cada animal, longe da realidade do lugar em que viviam. O debate acerca das opiniões expostas pelas personagens da música (os animais), de como seria a cidade ideal, permitiu a observação pelos educandos de que interesses apenas pessoais e a ausência do pensamento pelo coletivo não favorecem o real desenvolvimento da cidade e benefício da população. Os alunos discutiram sobre a necessidade da existência de espaços e serviços que beneficiem a toda a população para a configuração de uma cidade que se pretende real.

A partir da audição da música, solicitamos aos sujeitos/educandos que, em grupos, escrevessem sobre como seria a cidade ideal, assumindo o ponto de vista de alguns membros representativos do espaço da cidade: policial, professor, estudante, dona de casa, médico, entre outros. Cada grupo foi formado espontaneamente por cinco educandos que permaneceu por um período de cinquenta minutos construindo os textos, recebendo nossa orientação de educadora na produção.

Os educandos demonstraram dificuldade na estruturação dos textos em versos e, por isso, foi preciso que intermediássemos mais intensamente essa produção. Então, foi importante orientar sobre as especificidades do texto poético: a versificação, a rima, linguagem conotativa, polissemia, trabalho criativo com as palavras, a manifestação de emoções, entre outras peculiaridades.

Pôde-se, com isso, trazer como enfoque as possibilidades criativas, de produção de sentido, de reformulação do sujeito e de sua realidade. Após esse período, foi realizada, por cada grupo, uma leitura compartilhada das produções representando os pontos de vista construídos. Em seguida, cada grupo sugeriu aos outros alguns elementos que poderiam ser acrescentados em suas produções. O trabalho ficou ainda mais enriquecido e significativo com a inferência realizada por todos os educandos. Alguns fragmentos das produções foram:

Grupo A:

“Para a dona de casa
A cidade ideal tem que ser

Bem administrada, organizada
Com educação, cultura e lazer.
E as lojas e os mercados
Tivessem um atendimento
Muito bom e muito rápido
Que não demorasse tanto tempo.”

Grupo B:

“A cidade ideal do médico
Tem paciente para atender todo dia
Não tem greve, tem remédios para dar
Com cirurgia sempre bem sucedida
Com muita paz e alegria.

A cidade ideal do médico
Tem que ter material hospitalar
Um lugar limpo e organizado
Com muitas ambulâncias
Para terminar de ajudar

Muitos adultos, idosos e crianças
Sem problemas muito graves
Tendo tratamento em casa
Para prevenção de doenças
E atendimento de confiança.”

Grupo C:

“A cidade ideal para o professor
Precisa de alunos e amor
E de uma sala organizada
Também bem ventilada
Tem espaço para as atividades
É um lugar de diversidade
Precisa de muita colaboração
Trabalho e muita produção
No final do dia ir para casa realizada
Mesmo estando tão cansada
Construindo conhecimento e arte
E poder dizer ‘fiz minha parte’.”

Grupo D:

“A cidade ideal do pedreiro
Não tem dor nas costas

E um salário no fim do mês
 Que todos gostam
 Com mais desenvolvimento
 Um lugar perfeito
 Casas para construir
 E bons amigos para rir.”

Grupo E:

“A cidade ideal do policial
 Não há muita violência
 Há paz entre as pessoas
 Isso é fundamental
 Sentir-se valorizado
 Sem brigas e roubos
 E também menos corrupção
 Para o bem da população.”

Grupo F:

“A cidade ideal para o estudante
 É que todos estudem bastante
 Que haja mais educação
 Violência e drogas, não!
 Aprendizagem mais e mais
 E conhecimentos plurais
 Atividades bem interessantes,
 Atenção e motivação constantes
 Também tem paz e tranquilidade
 Muito estudo e criatividade.”

Grupo G:

“A cidade ideal para o comerciante
 É uma cidade bem movimentada
 Há compra e venda bastante
 Sem loja assaltada.
 Bom atendimento e segurança
 Porque o lugar é de confiança
 Os produtos de boa qualidade
 E clientes à vontade.”

A partir da socialização das produções dos grupos, foi possível verificar que aspectos os membros da cidade têm como ideais e/ou necessários para a vida. Os

educandos demonstraram entender que esses elementos comuns aos diversos grupos, como segurança, educação e saúde, é que são realmente essenciais ao progresso social. A exemplo da produção textual da adolescente M. L.:

A cidade para mim
Tem que ser rica em beleza
Não de gente destruindo tudo
E poluindo a natureza.

Tinha que ter peças teatrais
Inclusive todo fim de semana
Lazer, educação e saúde
Haveria de ter atividade bacana.

Imagine eu aqui
Uma oportunidade para as crianças
Da zona rural como eu
Meu Deus, quanta esperança!

Na cidade para mim
Tinha que plantar mais palmeiras
Não deixar as pessoas usar drogas
Ou ocupar suas mentes com besteiras.

Isso pode ser só um querer
Ou talvez mera suspeita
Mas, de verdade, para mim
Essa seria a cidade perfeita!

A produção textual da participante revela a criticidade e uma postura cidadã no que diz respeito às necessidades coletivas de uma população cidadina. Além disso, nota-se um certo domínio de algumas das especificidades do gênero poema, como a versificação, a rima, a linguagem criativa.

Em um segundo momento, exibimos fotografias atuais da cidade através de slides em *datashow*. As imagens foram comparadas às antigas mostradas no primeiro momento, provocando uma conversa sobre as mudanças que se processaram com o passar dos anos. Ao estabelecer comparações entre o antigo e o novo, os educandos mobilizaram seus conhecimentos sobre o lugar onde vive, bem como despertaram a criticidade, elemento essencial para a cidadania.

Os educandos apontaram elementos positivos como a chegada de um hospital, universidades, clube, supermercados, indústrias, hotéis, centros de compra; o crescimento da cidade com o surgimento de novas ruas; a preservação de prédios

históricos como Centro Cultural, Biblioteca Municipal e Prefeitura; a criação de espaço para a festa junina; a organização da feira livre. Mas também observaram aspectos negativos como o abandono das funções de locais históricos e culturais como o Centro Cultural e a Biblioteca Municipal; o aumento da violência; o trânsito difícil e desestruturado, com o desenvolvimento; a desvalorização de eventos esportivos.

Em seguida, propomos aos sujeitos da intervenção a construção de um painel que mostrasse as transformações sofridas pela cidade ao longo dos tempos. O painel foi produzido a partir de imagens, textos e desenhos pesquisados pelos educandos (anteriormente solicitados) e também trazidos pelo educador. A participação dos educandos na confecção do painel, por ser uma tarefa prática, interativa e lúdica, foi ativa, empolgada e de qualidade. Houve bastante envolvimento nessa atividade.



Grupo de alunos produzindo painel



Painel elaborado por alunos do 8º. ano

Para dar seguimento à temática da memória e do sentimento de pertencimento, solicitamos a um aluno de outra turma (9º. Ano) que, caracterizado como o ex-prefeito Ursicino Pinto de Queiroz, declamasse o texto extraído de “O Padroeiro” (Anexo B). Os educandos foram surpreendidos com a declamação do texto pela presença da figura representativa e historicamente lembrada pelos nativos. Demonstraram curiosidade em saber de que se tratava, mas perceberam

que a mensagem dizia respeito à cidade de Santo Antônio de Jesus devido aos elementos indicados como palmeiras, vila, capela, Padre Mateus.



Aluno dramatizando a figura do ex-Prefeito Ursicino Queiroz

Alunos do oitavo ano participante acompanhando a dramatização

Depois da dramatização, explicamos aos participantes o contexto da produção textual: época, autor, situação. Eles receberam cópia do texto para uma leitura mais atenta e crítica. Nesse momento, salientamos a importância das reminiscências e do sentir-se parte de um lugar e de uma história para a formação do ser humano enquanto cidadão, já que a noção de identidade está vinculada intimamente à relação do indivíduo com seu lugar na sociedade (como ele se reconhece e é reconhecido perante as relações sociais): “A identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 2002, p. 11).

Ainda nessa perspectiva, o sociólogo Bauman (2005, p. 17) esclarece:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’.

Esse pensamento corrobora com a tese de que a identidade está associada ao pertencimento compreendido como algo que precisa ser sempre pensado e recorrentemente construído, não simplesmente encontrado pronto. O trabalho com o fragmento – texto poético escrito pelo ex-Prefeito Ursicino Pinto de Queiroz em 1969 – de “O Padroeiro” (folhetim anual da festa do padroeiro Santo Antônio) é, nesse

contexto, motivo não apenas para dar visibilidade e relevância ao tema, bem como e, sobretudo, ao texto literário. Em “O Padroeiro”, o autor traz em linguagem poética um relato da história de sua cidade que imprime um valor positivo a sua terra e sua gente, e que contaminou os educandos com um orgulho e vontade de fazer parte dessa história também.

A leitura do texto suscitou nos sujeitos/participantes o questionamento sobre quem são os filhos ‘ilustres’ da cidade: “saiu pra ... ser gente grande; ficou pra ser gente grande”. Esse aspecto surgiu durante a discussão e a busca pela significação do texto e foi sugerido, por alguns dos educandos que citaram alguns nomes de ‘gente grande’, a exemplo do cantor Netinho, o jogador de futebol Jenílson Ângelo (Júnior) e o ator Luís Miranda. Com isso, a educadora percebeu a necessidade de pesquisar com os educandos outros nomes de gente da terra que desenvolve(u) trabalhos que contribuíram para o progresso social, cultural, político, literário, artístico da cidade.

Vale ressaltar, então, que algumas atividades precisaram ser adaptadas, modificadas, ampliadas. O trabalho com o texto extraído de “O Padroeiro”, por exemplo, exigiu essa ampliação. Inicialmente os participantes realizaram uma pesquisa extraclasse, sobre ‘personas’ santo-antonienses com algum destaque, que foi exposta oralmente e livremente. Em seguida, em grupos de quatro membros, os educandos prepararam uma pequena biografia de uma dessas pessoas. As fichas foram exibidas em mural no pátio da escola.



Painel com as produções biográficas dos educandos: nativos ilustres

Ainda sob estímulo do texto trabalhado, no encontro seguinte, a professora de História da turma foi convidada para um momento de conversa sobre o processo de formação da vila, fundação e emancipação. A interdisciplinaridade do tema e a participação de professores de outras disciplinas no desenvolvimento da proposta foram bastante positivas.

O diálogo entre os diversos saberes (disciplinas) deve ser uma prerrogativa para o estabelecimento de uma prática pedagógica que responda por uma formação global, produtiva e significativa. O planejamento e a implementação de projetos interdisciplinares devem se tornar práticas cotidianas no ambiente escolar como forma de garantir uma formação significativa e condizente com o mundo em que vivemos.

No fim desse encontro, solicitamos uma pesquisa em sites, jornais e documentos de relatos de história local de Santo Antônio de Jesus (extraclasse). Fornecemos algumas indicações de livros e *sites* para a pesquisa. Os participantes puderam, também, buscar outras fontes para executar sua pesquisa. A pesquisa foi registrada nos portfólios individuais dos participantes.

Neste contexto, os educandos passaram de receptores passivos da informação para uma atitude participativa, reflexiva e interativa, estabelecendo suas próprias ideias através dos seus esquemas de pensamentos. Também incidimos em uma função de mediadora e investigadora no processo de ensino e aprendizagem, e os educandos empregaram as estruturas mentais para construir o conhecimento.

Há que salientar que algumas atividades da proposta precisaram ser desenvolvidas extraclasse pelo fato de que a escola, em que a intervenção foi aplicada, não dispunha de sala de informática e a biblioteca estava provisoriamente sendo utilizada como sala de aula por outra turma. Isso não se tornou empecilho para a efetivação do trabalho, pois a maior parte dos participantes tinham acesso à computador e *internet*.

No dia seguinte, a partir do encontro com a professora de História, propomos que os educandos, em equipe, produzissem painéis contendo dados como fundador, formação da vila, emancipação, designação do nome de um santo para designar a cidade, pessoas consideradas importantes, espaços de destaque e características da cidade. Os painéis foram socializados oralmente por alguns representantes de cada equipe, e os demais participantes puderam intervir.



Construção dos painéis pelos grupos de sujeitos participantes da proposta de intervenção pedagógica



Apresentação de painel por alguns alunos do oitavo ano

O hino de Santo Antônio de Jesus (Anexo C) também foi apresentado como recurso para a exploração do literário e para a discussão sobre identidade, memória e pertencimento. Os educandos foram questionados sobre o que pensavam a respeito de aspectos da cidade destacados no hino e a real existência deles, refletindo sobre que outros elementos deveriam ser enfatizados.

Tendo em vista os aspectos observados, eles apresentaram como elementos reais (presentes ou passados) as palmeiras, o comércio, o progresso no Recôncavo. Interrogaram, porém, o título de “cidade das flores” e a descrição da cidade como “cenário de paz”, salientando a crescente violência em diversos bairros. Em contrapartida, indicaram outros pontos que poderiam fazer parte de nosso hino como a produção de fogos de artifício, as jaqueiras, plantação de mandioca, a festa junina.

Mais uma vez, houve a necessidade de refletir sobre gente santo-antoniense que se destacou na história local a partir do trecho presente no Hino da cidade (Anexo G): “...líderes fizestes/ Que te exibem aos múltiplos rincões”. Encaminhamos a discussão, apresentando nomes importantes como o educador Isaias Alves; os políticos Felix Gaspar e Landulfo Alves; os escritores Fernando Vita, Hélio Valadão, Carlos Reis, José Carlos Vaz e José Antonio Tibério; o artista plástico Marepe. Parece acertado que a ideia de haver exemplos de sucesso e crescimento profissional, intelectual e humano tão próximo, habitantes da cidade onde vivem, é capaz de imprimir no educando o desejo desenvolver-se também.

Além destes aspectos, consideramos na análise da letra do hino a concepção idealizada e positiva sobre Santo Antônio de Jesus. Para isso, explicamos aos participantes que o Hino é um poema ou canto lírico de invocação ou adoração, que celebra uma divindade, um herói ou um acontecimento histórico. Esse é o papel dos hinos: exaltar as belezas, glórias, tradições e virtudes de um lugar e seu povo. É relevante conscientizar os educandos sobre esse fator. Por esse motivo não há no hino da cidade, um olhar crítico ou a indicação de problemas sociais.

Uma vez que o Hino de Santo Antônio de Jesus é construído poeticamente, há necessidade de reconhecer e analisar a linguagem conotativa utilizada pela autora Maria de Lourdes Passos Coni, oferecendo exemplos de figuras de linguagem que embelezam o texto: a exemplo de perífrase em “Progresso do nosso Recôncavo”, “Cidade sorriso” e “Cidade das flores” e de prosopopeia em “Segues sempre em frente/ Mostras que és capaz de produzir”, etc. Enfatizamos, durante essa etapa, as características poéticas presentes na canção, como a estrutura em versos e estrofes, a presença das rimas, as particularidades da linguagem literária.

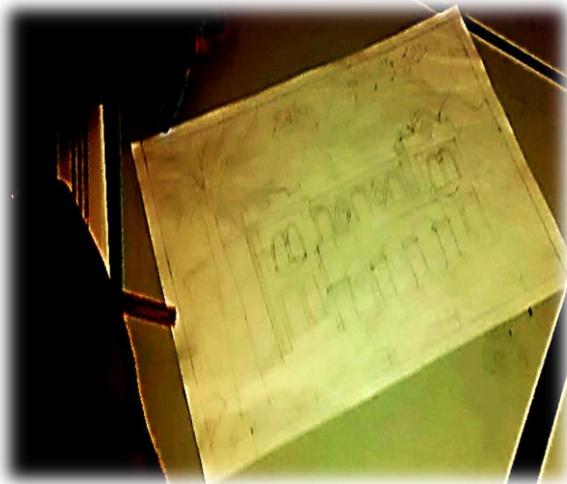
A utilização de músicas como o Hino da Cidade e “Cidade Ideal”, de Chico Buarque, proporcionou o diálogo com outros gêneros e a retomada sobre a necessidade de conscientização cidadã. Em suma, devemos dar ênfase a atividades envolvendo a memória e a história local, nas quais os indivíduos são estimulados a reconhecerem-se e agirem como cidadãos, valorizando-as e entendendo-as como uma parte essencial na formação cultural e intelectual de todo sujeito.

A etapa seguinte foi a produção de desenhos pelos participantes, individualmente, retratando alguns espaços da cidade, até então, apresentados. Esta atividade não se tratou apenas de reprodução de imagens. Os educandos representaram um dos locais de sua preferência e construíram textos poéticos como

contorno de seus desenhos. Mais uma vez, houve o incentivo à escrita, à imagem poéticas e, conseqüentemente ao acesso à autonomia e protagonismo.



Produções artístico-textuais representando espaços histórico-culturais de Santo Antônio de Jesus



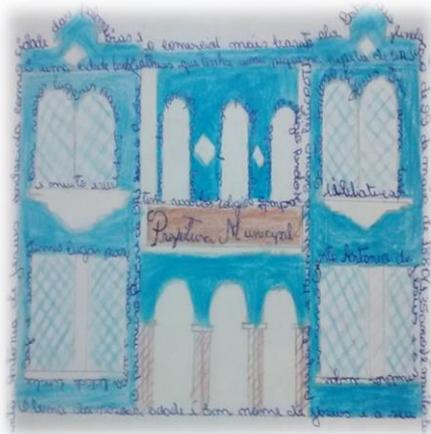
Prefeitura Municipal



Igreja Matriz de Sto. Antônio



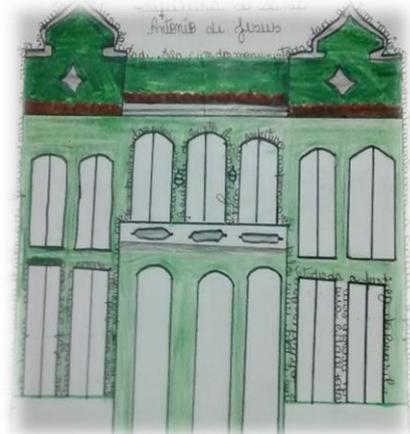
Casa do Inglês



Prefeitura Municipal



Igreja Matriz de Sto. Antônio



Prefeitura Municipal

Sensibilizados e motivados, era o momento de apresentar alguns dos poemas que também abordam o tema. O trabalho com textos poéticos de escritores locais (previamente pesquisados por nós) que trazem questões históricas, culturais e/ou sociais visa essa aproximação entre a realidade e a aprendizagem do sujeito, criando condições para a literatura como humanização e memória, bem como construindo sentimentos de pertencimento e senso crítico. No processo de seleção de textos literários a serem abordados no fazer pedagógico, há que considerar os repertórios culturais dos alunos e também salientar que o ensino de literatura precisa estar fundamentado pela experiência da leitura.

Para esta atividade, solicitamos aos educandos que se organizassem em grupos de seis alunos na sala de aula. Os grupos foram formados espontaneamente por eles. Cada grupo recebeu algumas cópias de um determinado texto poético para leitura e compreensão. Os poemas foram “A voz do sino”; “As Palmeiras”; “Seu João”; “Reminiscências”; “Minha Terra, Minha Cidade”; “Saudando os Ispidicionaro de Santo Antonio” (Anexo D).

Fornecemos uma folha para que cada grupo registrasse seus pensamentos e as interpretações que fizeram sobre o texto que recebeu. Durante a interação entre os membros dos grupos, intermediamos o trabalho, ouvindo as análises interpretativas criadas pelos educandos e encaminhando questões surgidas sobre significado de palavras desconhecidas, escolha e finalidade da linguagem empregada.

Devido ao contato reduzido e pouco expressivo do educando do Ensino Fundamental com o texto literário, os participantes desta proposta de intervenção sentiram dificuldade de compreensão e construção de significados no processo de leitura dos poemas. Sabe-se que os textos literários, principalmente os poemas, exigem um aprofundamento das entrelinhas, uma vivência com a linguagem literária.

Embora conscientes do valor da leitura e da literatura, muitos educadores têm um pensamento equivocado sobre o trabalho com poemas, sob a justificativa de que os educandos não gostam ou não compreendem esse gênero literário e, por isso, renunciam a leitura de poesia na sala de aula. Essa renúncia decorre, possivelmente, do desconhecimento das especificidades do texto poético, de seu caráter polissêmico e ao tratamento dado ao texto poético no ambiente escolar. As formas de letramento escolar acabam por se constituir em modelo para o letramento social e a literatura é desconsiderada nesse âmbito.

E a maior parte dos educandos envolvidos com esta proposta não teve em sua trajetória escolar essa experiência com a poesia. Dessa forma, percebeu-se ainda mais latente a necessidade da aproximação dos sujeitos da pesquisa com o texto literário. Coube aqui, e deveria sempre haver, a intermediação do docente para a experiência do educando com a literatura e para a construção de uma formação mais humanizada e mais crítica. Não se pode afirmar que os jovens não gostam de literatura sem ter possibilitado a eles vivenciar o contato com textos literários.



Grupos de educandos realizando leitura e análise dos poemas trabalhados em classe

A partir da análise e das discussões que construíram, os grupos prepararam uma apresentação criativa para o poema: jogral, declamação dramatizada e diálogo com outros textos. As apresentações foram realizadas no momento/dia seguinte. Os educandos se prepararam para a apresentação com cenário e figurino. A criatividade foi surpreendente. As estratégias de leitura/interação com esses poemas estavam voltadas para a ludicidade e a interdisciplinaridade. Desta forma, os textos foram apresentados pelos educandos em forma de jogral, dramatização, desenhos, produção de painéis.

Uma formação rica em aspectos lúdicos, imaginativos e simbólicos cria condições para a interação do educando com a literatura. O desenvolvimento dessa interação, com estratégias pedagógicas adequados, conduz o educando a uma melhor compreensão do texto e de seu contexto. Seguem algumas imagens do trabalho realizado pelos grupos:



Dramatização do poema “Seu João”



Roda de dominó – Dramatização do poema
“Saudando os Ispidicionaro de Santo Antonho”



Declamação do poema “Minha Terra, Minha Cidade”



Jogral do poema “As palmeiras”



Jogral do poema “A voz do sino”



Declamação dramatizada do poema “Reminiscências”

O resultado dessa atividade foi bastante expressivo e motivador. Os grupos realizaram criativos e interessantes trabalhos de leitura e ressignificação dos poemas e tiveram a preocupação de adequar a forma de apresentação à linguagem e ao assunto expresso pelo texto. A atividade favoreceu, além da compreensão leitora, uma oportunidade de desenvolver a oralidade e o protagonismo na construção do conhecimento.

Por exemplo, o poema “Saudando os Ispidicionaro de Santo Antonho” foi apresentado em forma de roda de dominó, algo bem típico no passado e ainda no presente da cidade, e também com uma linguagem condizente. O poema “Seu João”, por sua vez, foi dramatizado como uma conversa entre vizinhos que se questionavam sobre a ausência do morador amigo. Outros poemas, “A voz do sino” e “As palmeiras”, foram apresentados como jogral. “Reminiscências” e “Minha Terra, Minha Cidade” como declamações dramatizadas, recordando trechos de poemas canônicos (“Canção do Exílio” de Gonçalves Dias e trechos de poemas de Carlos Drummond de Andrade, como “Infância” e “Confidência do itabirano”) que estabelecem intertextualidade com os textos apresentados.

Dando seguimento ao trabalho, apresentamos o poema “Terra Inculta” (Anexo E) de José Antonio Tibério. A importância do papel do educador na constituição do educando como leitor reside, principalmente, no modelo de leitor que ele é para os alunos. Ouvir histórias contadas pelos professores ou declamar poemas é bastante significativo pela forma como eles leem, a desenvoltura e o prazer que demonstram pela leitura, quando se propõem a ler em sala de aula.

Vale ressaltar que esse texto alimenta o caráter desta proposta pedagógica: convida “aos que têm fome e sede de cultura” a despertar a consciência cidadã, a memória, a criticidade e o sentimento de pertencimento em relação ao lugar em que se vive. E o eu lírico encerra incitando “Historia!”, lembrando a educandos e educadora que todos são responsáveis pela História porque somos agentes socioculturais e políticos.

Como este texto tem um repertório lexical mais formal, houve um momento para que os educandos pesquisassem o significado de alguns vocábulos em dicionários que fornecemos. Após a pesquisa, lemos em voz alta, declamando o texto. A entonação e o respeito à pontuação são aspectos importantes e devem ser respeitados na leitura de todo texto, em especial os poemas. Os participantes receberam cópias do texto e puderam acompanhar a leitura que realizamos.

O passo seguinte foi buscar possíveis interpretações para o texto. Primeiro, ouvimos as ideias dos educandos acerca da compreensão do poema. Os participantes não conseguiram pontuar os aspectos da cidade que são criticados no poema por se tratarem de um passado desconhecido por eles. Por isso, conduzimos os sujeitos participantes a perceber que o eu lírico faz referência a elementos esquecidos e/ou desvalorizados da história e cultura santo-antonienses.

Desde o título “Terra Inculta”, o poema apresenta um olhar crítico e até revoltado sobre a despreocupação com as memórias da cidade: o coreto da praça ‘vazio’, pois na época estava ocioso; os “Amantes da Lira” desconhecidos e desvalorizados pelas novas gerações; o antigo anfiteatro ‘sepulto’, demolido para ceder espaço a um estacionamento; o paço da cultura (Centro Cultural) inativo; a Biblioteca Municipal, na ‘ínsula de vorazes e fumaça’, caracterizando-se por sua localização de isolamento etc.

Nosso acompanhamento foi bastante importante na construção de sentidos desse poema, pois muitos dos elementos citados pelo poeta não eram conhecidos pelos participantes. A retomada dos slides com as imagens antigas e as atuais de muitos espaços foi relevante para observar que, no processo de desenvolvimento pelo qual a cidade passa, as heranças históricas e culturais ficaram sucumbidas.

Além da interpretação, procuramos também analisar o poema, identificando tema, característica do gênero e linguagem. Como gênero, ele apresenta algumas peculiaridades que o diferem dos demais e que facilitam sua identificação. No entanto, buscamos salientar que nem todo poema é composto por versos e estrofes, havendo poemas em prosa, ou aqueles que aliam elementos visuais à linguagem verbal, contrariando assim a ideia de que o poema deve prender-se a regras como métrica ou rimas.

Em todos os momentos da aplicação da proposta pedagógica, procuramos inter-relacionar os gêneros trabalhados com a leitura de textos literários locais, destacando a contribuição que a leitura e o estudo do texto literário podem trazer à formação global do sujeito enquanto agente social, histórico, político e cultural. É importante salientar também as especificidades do texto literário na abordagem pedagógica. Com isso, verificou-se com os educandos os mecanismos empregados pelos autores dos textos trabalhados (como a intertextualidade, a rima, a constituição de estrofes, a linguagem, nível de criticidade, entre outras características) para a constituição de sua literatura e seu posicionamento sociocultural.

Como forma de ampliar os conhecimentos sobre a escrita poética, mas também reflexiva de autores nativos, a educadora apresentou em slides o perfil do escritor do poema estudado “Terra Inculta”: imagem, produção poética, profissão, biografia. A partir disso, os participantes elaboraram em trio algumas perguntas para uma conversa com o escritor do poema estudado. Depois da produção das

questões, houve a abertura dos grupos, sala em círculo, para a socialização das questões elaboradas. Sob mediação da aplicadora, os educandos selecionaram dez perguntas das elaboradas pelos grupos.

José Antônio Tibério, escritor do poema “Terra Inculta”, foi convidado por nós para uma conversa com a turma – que vivenciou a proposta de leitura literária – e contar um pouco de sua motivação para escrever, seus temas e outros aspectos. Dois alunos realizaram a apresentação do escritor para a turma (sua biografia) e fizeram as perguntas elaboradas e selecionadas no momento anterior. O encontro com um poeta nativo proporcionou aos educandos a percepção de que é possível tornar-se também um escritor e manifestar suas ideias e sentimentos. As questões elaboradas e feitas durante o encontro foram:

- Com que idade escreveu suas primeiras poesias?
- Quem ou o que lhe incentivou ao gosto pela leitura e escrita literárias?
- O que você costumava ler na infância e adolescência?
- Que acha da poesia em si?
- Escrever é só inspiração? É o hábito que faz o monge?
- Onde busca sua inspiração? Escreve sempre?
- Quais são os seus principais temas?
- Já publicou livros? Quais?
- Além de poesia, escreve algum outro gênero?
- Qual é a importância da literatura em sua vida? A poesia contribuiu em sua formação?

Esse foi um momento muito significativo e motivador, pois o contato com um escritor contribuiu como elemento inusitado para estimular a leitura. O escritor respondeu a várias perguntas dos participantes, leu um trecho de um poema, apresentou seus livros e falou, entre outros assuntos, sobre suas influências na literatura, estilos de escrita e fatos que o inspiram a refletir e escrever.



Visita do escritor de “Nas sílabas da poesia” à turma participante da intervenção pedagógica



Educandos agradecendo ao escritor pela presença

Dando prosseguimento à trajetória de letramento literário, considerou-se necessário explorar os possíveis mecanismos de intertextualidade entre textos literários e filmes, imagens e canções. Essa interação possibilitou a apropriação do que é literário e também um diálogo significativo entre diferentes suportes para a expressão do tema proposto. Por isso, as discussões enfatizando as concepções de humanização, memória e pertencimento foram promovidas a partir do filme “Narradores de Javé”. Permitir, por meio de uma narrativa ficcional, leituras análogas da realidade é uma das potencialidades do trabalho com filmes.

No filme, os moradores de Javé, inconformados com a possível perda da terra, descobrem que o local poderia ser preservado se tivesse um patrimônio histórico de valor comprovado em "documento científico". Decidem então escrever a

história da cidade, mas poucos sabem ler e esse é o motivo de uma grande confusão. A este respeito, Garcez (2015, p. 33) nos informa que a salvação seria:

construir [...] um patrimônio histórico com base nas narrativas orais de cada morador a respeito das origens históricas do vilarejo. Porém, ao tentar registrar essas histórias, o escriba Antonio de Biá [...] se vê incapaz de tal tarefa, pois cada morador conta a história mítica do vilarejo segundo sua ótica, levando em consideração seus interesses [...]

Nesse ponto, os educandos foram conduzidos a refletir acerca da relevância das memórias para a produção escrita, especialmente a literária, para a preservação do lugar em que moram. Os participantes foram levados a pensar sobre como é importante ter escritores locais expressando ideias e histórias sobre a cidade, sua história, seu povo, sua cultura.

Após a apreciação do filme, buscamos salientar a importância da história local para a construção da identidade de um povo. Para isso, foi realizada uma roda de discussão sobre a participação cidadã, e também a representação da escrita como elemento social e cultural determinante para o posicionamento diante do mundo. A sala foi dividida em dois grupos organizados em círculos. Os educandos que estavam no círculo interno, expressaram oralmente suas considerações sobre a temática do filme. Aqueles do círculo externo fizeram anotações sobre as ideias expostas e as apresentaram ao final da discussão, expressando também seus pontos de vista, dentre eles:

“O filme ‘Narradores de Javé’ mostra-nos como é importante valorizar a história e a cultura de cada lugar para que todas as gerações tenham como conhecer elementos típicos locais. Como aqui em nossa cidade, que não corre o risco de ser inundada, mas, que não tem uma memória valorizada por falta de interesse e incentivo pela história e cultura de seu povo” (Anotação da educanda G. M., a partir das discussões estabelecidas no círculo).

“Conhecer a história e o dia a dia da cidade é muito importante para entender acontecimentos do passado e pensar sobre o que ocorre no presente. As pessoas precisam dar valor às coisas daqui (da cidade). Também é necessário que ensinem sobre a história e a cultura nas famílias e nas escolas, para que todos tenham conhecimento e valorizem o que é local” (Consideração do educando A. L. no círculo de discussões).

“Escrever, além de estimular o conhecimento, é uma oportunidade de preservar a história e manter viva a memória de tempos passados da cidade. É preciso ter memória e valorizar o que é nosso” (Consideração da educanda L. S. acerca da apreciação do filme assistido).

Nessa atividade, notamos que muitos educandos tiveram dificuldade em expressar-se oralmente, em expor seus pensamentos e questionamentos. Devido ao fato de haver momentos escassos de oralidade, muitos deles sentem vergonha de falar, ou mesmo não conseguem articular o pensamento. O desenvolvimento de atividades orais por meio da prática de leitura literária se constitui em um rico instrumento de ensino-aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa. É cada vez mais importante proporcionar condições e situações de aplicação de atividades envolvendo a competência oral. Nesta vertente, os documentos oficiais apostam:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania (Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – 5ª a 8ª séries, 1998, p. 67).

As atividades de socialização desenvolvidas na sala de aula devem estimular a competência oral do educando, mas sobretudo a necessidade de seu posicionamento diante do que vivencia. A maior parte dos educandos demonstrou gostar dessas atividades interativas e se envolveram na realização delas. A qualidade da participação é que precisa ser revista, havendo necessidade de intermediar a aprendizagem de comportamentos e posturas no processo de interação.

Assim, os recursos e estratégias de leitura literária se constituem como condições importantes para a concretização desse novo posicionamento da literatura na escola, com vistas à ampliação do repertório cultural dos discentes, consolidando sua formação básica. Eles são instrumentos convidativos à aventura da interpretação, ao posicionamento crítico e participativo do educando enquanto leitor e possível produtor, ao mergulho nas questões éticas e estéticas do texto, à apropriação de uma linguagem que permite a transgressão. Nessa perspectiva, Stuart Hall argumenta:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões "quem nós somos" ou "de onde viemos", mas muito mais com as questões "quem nós podemos nos tornar", "como nós temos sido representados" e "como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios (HALL, 2002, p. 109).

A etapa seguinte diz respeito à apresentação de um outro gênero literário: o Cordel. Um dos aspectos mais relevantes desse tipo de literatura é o fato de retratar a relação entre os atores sociais, sua historicidade, identidade, sua língua, seus espaços e tempos. Infelizmente, percebe-se uma deficiência no sistema de ensino que desconsidera essa vertente da literatura como um recurso pedagógico. Mesmo sendo bastante difundido no meio popular, sua aplicação direta na educação ainda é tímida.

Alves (2008) argumenta que o uso da literatura de cordel sugere um meio de despertar o senso crítico do educando e sua capacidade de observação da realidade social, histórica, política e econômica. O cordel pode englobar temas de cunho social, levando para o âmbito educacional temáticas de suma importância para a formação dos educandos brasileiros, favorecendo a inserção desses sujeitos na prática de ações de transformação social.

O trabalho com a literatura de cordel é, no contexto escolar, extremamente valioso, na medida em que leva para os bancos escolares temas pertinentes que estão diretamente vinculados à formação dos educandos, bem como associados à coletividade. Tudo isso contribui substancialmente, para a introdução dos sujeitos no exercício integral da cidadania.

Junto à disciplina de Artes, alguns educandos prepararam uma dramatização do texto de literatura de cordel “Santo Antônio de Jesus, minha terra” (Apêndice F) para apresentar aos demais componentes da turma. A apresentação foi feita por duas alunas que declamaram o texto em forma de repente.



Apresentação do cordel “Santo Antônio de Jesus, minha terra”

Apresentado o texto, entregamos aos participantes uma cópia para releitura individual. Em seguida, realizamos uma análise sobre o formato, o tamanho das estrofes, a rima, a linguagem empregada, as características do gênero literário. Reforçando a aprendizagem, foi exibido o vídeo “Literatura de Cordel”, disponível no Youtube, que aborda suas características e aspectos típicos.



Lendo o cordel apresentado e acompanhando o vídeo “Literatura de Cordel”

Com o intuito de conduzir os participantes a uma reflexão mais profunda e significativa sobre as questões de memória, pertencimento e identidade, preparamos uma atividade escrita de compreensão do cordel estudado lido (Apêndice G). Os educandos permaneceram, organizados em duplas, por uma aula, fazendo o registro dos aspectos considerados na atividade.

As questões destacaram a contribuição do conhecimento sobre o passado da cidade para a formação da pessoa e do cidadão, bem como para a reflexão sobre o presente. Também buscamos observar as concepções e sentimentos expressos pelo eu lírico no cordel trabalhado e, conseqüentemente, as ideias e emoções do educando sobre o lugar em que vive. Outro elemento estudado diz respeito às especificidades do gênero Cordel. Direcionamos a socialização da atividade em uma discussão aberta, observando os aspectos inferidos no texto.

Posteriormente, mais um texto de cordel foi apresentado à turma em forma de jogral: “Santo Antônio de Jesus (Cidade modelo das palmeiras, e palmeiras)” (Anexo F), do autor Milton Santos. Esse texto valoriza muitos elementos nativos: pessoas, lugares, serviços, belezas, etc. No estudo desse cordel, os educandos

observaram que havia uma concepção idealizada da cidade, destacando apenas suas qualidades. Então, apresentamos e explicamos aos alunos o suporte textual de onde o cordel havia sido extraído: um folhetim com fins comerciais. Puderam perceber que os textos literários podem ter diferentes finalidades e suportes, conforme público a que se destina.



“Santo Antônio de Jesus (Cidade modelo das palmeiras, e palmeiras)”

Em seguida, exibimos um painel com o desenho de uma grande árvore (jaqueira, por ser característica do lugar). Os participantes receberam fichas para escreverem elementos característicos da cidade, já citados nos textos literários ou outros que eles gostariam de acrescentar. Por exemplo: a feira livre, a festa junina, o comércio, a festa do padroeiro, as antigas palmeiras, a fabricação de fogos de artifício, plantações de mandioca, Quinta na praça, as praças, o catavento, os prédios antigos (Biblioteca Municipal, Centro Cultural, Prefeitura, Colégio Felix Gaspar). Os alunos prenderam as fichas na copa da árvore. Além dos já mencionados, eles citaram “A caminhada da paz” e a “Expomandioca”, dentre outros elementos.

A partir do levantamento desses aspectos, os educandos foram orientados na produção de cordéis sobre a história local e o cotidiano da cidade de Santo Antônio de Jesus. Duas aulas foram destinadas à escrita dos cordéis, sempre com o nosso acompanhamento. Em casa, os educandos puderam rever suas produções e desenvolvê-las mais.

A aula seguinte foi destinada à reescrita dos cordéis, após nossa intervenção. Esse momento foi bastante trabalhoso, mas também gratificante por podermos notar que a aprendizagem da temática, dos gêneros e da própria escrita literária estavam se concretizando.

Faz-se interessante observar que esta etapa não se encontrou pautada apenas na higienização dos textos, na correção por parte do professor sem a colaboração do aluno. Todavia, foi a tentativa de um movimento de reflexão sob aspectos textuais percebidos nos textos dos educandos, numa intervenção significativa e produtiva para que eles pudessem ultrapassar dificuldades de escrita e alcançar o melhoramento de aspectos de funcionamento na produção textual. Procuramos ser mediadora, orientadora nessa reflexão, indicando os caminhos para a reescrita e não apenas para um processo de limpeza de questões ortográficas e gramaticais do texto.

Foi uma oportunidade de amadurecimento do processo de produção textual e para desenvolver a identidade de escritor, a sua autoria, incentivando o educando à criatividade na construção do texto. A maturidade na atividade de escrever textos adequados e relevantes não ocorre por acaso, sem ensino, sem esforço, sem persistência. Supõe orientação, vontade, determinação, exercício, prática, tentativas, aprendizagem.

Assim, o momento da revisão e da reescrita do texto foi extremamente importante para o processo de aprendizagem, pois os educandos perceberam que produção textual, seja poema ou qualquer outro gênero, exige muito mais dedicação e estudo do que inspiração simplesmente. É importante priorizar a qualidade das produções e não apenas a quantidade de produções e gêneros textuais trabalhados. Muitas vezes, a quantidade imposta pela grade curricular ou mesmo pelo livro didático impede o desenvolvimento de um trabalho profícuo que, de fato, leve o aluno a aprendizagem e domínio daquele gênero. Seguem alguns dos textos produzidos pelos educandos participantes:

<p>NOSSA CIDADE (C. F. – aluna do 8º. ano)</p> <p>Santo Antônio de Jesus A nossa bela cidade O nosso patrimônio</p>	<p>DA VILA À CIDADE (W. S. – aluno do 8º. ano)</p> <p>Vou falar para vocês Essa história sem “era uma vez” Desmembrada de Nazaré</p>
--	---

<p>E orgulho da sociedade Tem as praças mais bonitas Digo com sinceridade</p> <p>Mas a nossa cidade Não é tão perfeita assim A falta de segurança Parece não ter mais fim A violência está crescendo E a educação está ruim.</p> <p>O trânsito da região Ninguém está aguentando A cada dia mais e mais Empregos estão faltando E na saúde pública A qualidade vem baixando</p> <p>Mas nas festas de São João Ninguém ganha da gente As melhores atrações estão aqui Desde antigamente Sem falar em nosso coreto Do qual orgulho todo mundo sente.</p>	<p>Era vila, hoje cidade é Conhecido por sua beleza Bem-vindo à Cidade das Palmeiras!</p> <p>Padre Mateus Vieira Construiu uma capela De ternura e de beleza Nome dado com clareza Ficou conhecido esse lugar E nele vieram habitar</p> <p>De ferrovia a comércio A cidade fluiu desde então A feira livre é um sucesso O São João é um festão Há alegria e zoação E gente bonita de montão!</p>
<p>FEIRA LIVRE (A. B. – aluna do 8º.ano)</p> <p>Vou falar de um assunto interessante De gente linda e falante Onde o comércio nos atrai Mas não vá confiante demais!</p> <p>A feira livre é muito boa Sobre isso não vou mentir De lá compro roupas para vestir Gosto tanto que lá o tempo voa.</p> <p>Para quem gosta de gastar Lá também vende celular De várias marcas legais Somos clientes leais.</p> <p>Pechinchando você pode levar Dos bordões não deixarei de falar Que para ganhar a clientela Diz até que mulher feia é bela.</p>	<p>MINHA CIDADE (A. G. – aluna do 8º. ano)</p> <p>Cidade das Palmeiras Que guarda grande recordação Moro aqui desde quando nasci Gosto daqui de montão!</p> <p>Cidade que carrego no coração É vítima de uma grande explosão Foi uma dor tão imensa Que todos sempre lembrarão!</p> <p>Mas não fique triste não Ainda tem a festa de São João Santo Antônio de Jesus Cidade de muita luz!</p> <p>Cidade que tem amor Lugar que Luiz Miranda morou Lugar que amo de montão Cidade que levo no coração!</p>

<p>COMÉRCIO (W. S. S. – aluno do 8º.ano)</p> <p>Santo Antônio de Jesus Uma cidade boa para se viver Com o comércio mais barato E produtos de qualidade para conhecer</p> <p>O comércio é conhecido Como mais barato da Bahia Com isso eu concordo Porque há bastante mercadoria</p> <p>As lojas da cidade Tem móveis de arrasar A qualidade é boa E o preço é de alegrar</p> <p>A feira livre é sucesso Ponto bom para conhecer Além de bons produtos Há gente legal para valer</p> <p>Santo Antônio de Jesus Era uma vilazinha Depois tornou-se uma cidade Hoje é Recôncavo da alegria.</p>	<p>FEIRA LIVRE (L. J. S. – aluna do 8º. ano)</p> <p>A feira livre é boa Tem muita roupa barata Quem não tem dinheiro Fica mesmo sem nada</p> <p>A feira é bem grande Muitas barracas, é apertada Quem não se cuidar Pode ser roubada.</p> <p>Quem vai na feira Não pode ter preconceito Porque lá tem pessoas De várias formas e jeitos</p> <p>Na feira, às vezes, Pode haver violência Mas isso pode ser resolvido Com um pouco de paciência</p> <p>Na feira livre Há roupa de qualidade E também lá se encontra Muita variedade.</p>
<p>O HOMEM GATO (M. L. – aluna do 8º. ano)</p> <p>Esse mito que vou lhes contar É de um homem gato muito famoso Diz todo mundo, em geral, Que era homem mau e não bondoso.</p> <p>Morava ali em uma cidade vizinha Dom Macedo se chamava Só de ouvir seu nome O povo todo se agitava.</p> <p>Falavam todos assim Que só à noite ele se manifestava Aterrorizava gente de moto Que por ali passava.</p> <p>De repente ficou muito falado “Mas que homem bem sucedido” Porém depois de alguns meses Ninguém sabia o que havia acontecido.</p>	<p>SANTO ANTÔNIO DE JESUS (A. B. S. – aluna do 8º. Ano)</p> <p>Não sei porque cidade das flores Se nem flores tens Sei que há palmeiras e jaqueiras Não esqueças de mangueiras também!</p> <p>Cidade da Palmeiras Tu já foste uma capela Hoje tu és grande E também muito bela</p> <p>Com teu dinamismo e comunicação Ajudas a todos como coração Orgulho tu nos trazes Nos leva a muitos lugares</p> <p>Teu comércio atrai muita gente Mostras que és um povo inteligente Vende material de construção Eita, que vem gente de toda região.</p>

<p>Foi um grande suspense geral Mas também um alívio grande Daquele homem-gato e gato-homem Um bicho feio e arrogante</p> <p>Até hoje não sabemos seu paradeiro Se está com medo, vivo ou morreu Só sabemos que muita gente Dessa triste criatura correu.</p>	<p>As vitrines nem se comparam Por isso, tanta gente fala Temos muita variedade Sei que és uma bela cidade</p> <p>Criou suas metas e ideais És uma cidade capaz De construir e evoluir Sempre mais e mais.</p>
<p>SANTO ANTÔNIO DE JESUS (D. P. – aluno do 8º. Ano)</p> <p>A cidade é uma beleza Terra de muita grandeza Vamos falar desta cidade Que tem muitas qualidades</p> <p>É conhecida pelas palmeiras E pelas barracas da feira O comércio mais barato da Bahia Mas isso começou há muitos dias</p> <p>A cidade não investe no esporte Esse não é seu ponto forte Houve uma explosão de fogos Que nos deixou muitos mortos</p> <p>Temos muitos visitantes E mais de cem mil habitantes Do Recôncavo é a capital Esse lugar é fenomenal!</p>	<p>MINHA CIDADE QUERIDA (A. O. – aluna do 8º. ano)</p> <p>Santo Antônio de Jesus Uma cidade que reluz Surgiu através de uma capela Com sua história bela</p> <p>Os moradores viveram uma emoção Por causa de certa explosão Em uma fábrica de fogos de artifício Perderam familiares e amigos</p> <p>No São João é muita comemoração Tem festa e dança, meu irmão Nas comemorações há muita comida Não faltam alegria e vida</p> <p>O comércio é o mais barato Tudo bonito, não há nada muito caro Agora termino esta história Do povo que luta pela vitória!</p>

Com base nos cordéis apresentados, observa-se que todos, com rima e ritmo, cumprem relevante função social, pois além de permitir a assimilação de diferentes conteúdos, refletem o caráter sociointeracionista de sua linguagem, havendo a vinculação da realidade. Foi bastante relevante emprego do cordel para estimular a comunicação entre os alunos por meio da criatividade, ludicidade e, principalmente, criticidade.

A culminância do projeto de intervenção se deu com um momento chamado “Entre Memórias, Histórias e Poesia”, em que foram expostas as produções escritas, as pinturas, os painéis elaborados pelos participantes para as demais turmas da escola. Também houve declamação e/ou dramatização de alguns dos poemas e

cordéis lidos e produzidos por eles. Os educandos também distribuíram exemplares dos cordéis produzidos.

Esse momento foi muito significativo não apenas para os sujeitos participantes da proposta de intervenção (incluímo-nos aqui), mas também para toda a comunidade escolar, visto ter possibilitado uma vivência enriquecedora e dinâmica com o texto literário. Enquanto expressão humana, a literatura direciona ao autoconhecimento e à imaginação. Todos puderam experienciar o espaço da criação e da liberdade de pensar, pois o educando saiu da escravidão de pensamentos, da passividade e desenvolveu a criatividade humana e a reflexão sobre o indivíduo e a sociedade, na medida em que pôde penetrar o âmbito da alteridade, sem abandonar sua subjetividade e história.

Para avaliação, cada participante construiu seu portfólio pessoal, contendo as atividades desenvolvidas ao longo da intervenção e suas impressões sobre o trabalho. Durante o percurso de desenvolvimento desta proposta de intervenção pedagógica, orientamos e acompanhamos a evolução individual e coletiva dos educandos, observando a participação e o envolvimento nas diversas atividades realizadas. Foi possível perceber em seus registros, não apenas um conhecimento mais profundo da língua, mas também a construção de uma autonomia e uma aprendizagem mais significativa e uma reflexão crítica e histórica, relacionando conteúdos, valores e conhecimentos a contextos sociais, a processos históricos.



Portfólios construídos pelos educandos participantes



Capa dos portfólios

Por isso, a despeito de toda desvalorização e desinteresse que possa sofrer nas mãos de determinadas políticas educacionais, a literatura pode ser considerada como fenômeno artístico, em sua natureza educativa por excelência, porque trouxe valores, crenças, ideias, pontos de vista de seus autores, enriquecendo a vida daqueles que leem e constroem texto literário. Intencionamos, nesta proposta, não vincular a leitura literária a modismos pedagógicos, mas praticá-la como uma atividade prazerosa de conhecimento do ser humano, pois retrata e recria as questões humanas universais, numa linguagem esteticamente trabalhada, transgressora da rotina cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na verdade, este é o início e não o fim da intervenção. Essa proposta serviu para desencadear em nós e nos educandos, uma motivação para a abordagem expressiva do texto literário no ambiente escolar, não apenas nas aulas de Língua Portuguesa, mas também em momentos diversos do processo de ensino e aprendizagem.

O processo foi bastante desafiante e intenso. Em alguns casos, pela ausência até mesmo de conhecimento prévio, o educando exigia um acompanhamento mais próximo, especialmente na exploração das especificidades do texto poético. Mais uma razão para a efetivação do trabalho com a literatura no Ensino Fundamental, pois a escola precisa ser referência em termo de leitura literária.

Desta forma, as estratégias de motivação e sensibilização, as inferências feitas pelo educador e por outros educandos em momentos de interação e de exposição coletiva de conhecimentos, foram relevantes para a participação e o desempenho daqueles que apresentaram mais dificuldades no desenvolvimento da competência leitora e também de escrita. Não se pode considerar o educando incapaz de ultrapassar a superfície do texto, se a ele não são oferecidos uma aula mais desafiadora e o contato com o literário.

Há cada vez mais, na contemporaneidade, a exigência de um leitor eficiente que não se limita às fronteiras da decodificação, mas que seja capaz de atribuir significação ao texto relacionando-o a todos os outros significativos a ele. “A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto...” (PCN, 1998, p. 69). E para isso, o educando deve ter acesso a textos diversos e literários por excelência para que a interação e a capacidade de compreensão leitora seja cada vez mais ampla.

É importante salientar que muitas vezes as atividades propostas superaram o que estava proposto no planejamento no que se refere ao tempo previsto e também na necessidade de ampliação. Isso porque, na relação com os poemas, muitos caminhos se modificam, se excedem; outras vezes, a produção dos educandos não correspondia à expectativa do educador. Esse aspecto mostra como o trabalho com a literatura deve ser amplamente inserido nas atividades escolares, tornando-se uma prática real a fim de que se vá superando a falta de intimidade com o texto literário,

pois possibilita ao leitor participar de um jogo de intercâmbio de experiências, cujo resultado final pode (e deve) ser o adensamento da experiência particular.

Diante dos aspectos observados e como afirma Lajolo (apud ZILBERMAN; SILVA, 2002, p.18), “Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros [...]”. Desse modo, o trabalho está no começo. Trazer a literatura para a prática pedagógica cotidiana é uma necessidade evidente.

Apesar de apresentarem dificuldade, inicialmente, na compreensão de alguns poemas por questões linguísticas ou outras, ao aprofundar as discussões e análises dos textos trabalhados, por meio do papel de intermediação e orientação da educadora e pelo diálogo com outros educandos, os participantes desenvolveram competências leitoras, criticidade e um despertar ainda que tímido para a consciência cidadã e engajamento social e político. A resposta dada pelos educandos foi positiva, havendo envolvimento e interação entre todos os sujeitos participantes desta proposta de intervenção.

Essa foi uma experiência de aprendizagem, de troca e de produção do conhecimento bastante valiosa e significativa por propiciar aos educandos participantes dessa proposta de intervenção uma formação humanizada e condições para se expressar literariamente, fazendo-se ouvir pela fala e pela escrita num processo de libertação das amarras de um ensino e aprendizagem dimensionado pela prática da fragmentação e descontextualização.

Dada a importância da escola como mediadora de leitura, buscamos realizar a pesquisa nesse âmbito, visto que ela se constitui, hoje, o espaço social que apresenta maior visibilidade para se delinear a construção do horizonte de expectativas de um dos seus interlocutores, a criança. À escola cabe essa tarefa porque ela representa a única possibilidade, para a maioria da população brasileira, de acesso à leitura, sobretudo a de natureza literária.

O desenvolvimento de atividades de leitura e produção literária alcançou um resultado satisfatório. A maior parte dos educandos produziu textos significativos do gênero poema e cordel. O centro das atenções na realização das propostas estava, sobretudo, na compreensão leitora, através do emprego de estratégias de fazer inferências e elaborar hipóteses para alcançar um sentido para os textos lidos. Podemos notar ainda que exercemos um papel muito importante de incentivadora e

dinamizadora da aprendizagem em geral e, principalmente, de leitura e compreensão de texto literários.

Diante do exposto, notamos como é necessário converter a prática de ensino limitada, enfadonha e repetitiva, construindo propostas didáticas que conduzam o educando a sentir-se componente do processo transformador, crítico e inesgotável de saberes e poderes, que caracteriza a prática de leitura, e a ter também a prazerosa emoção de penetrar-se na construção significativa de um texto literário.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006

ALVES, R. M. Literatura de Cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**, ano 2, v. 4, p.103-109, Jul-Dez 2008.

AMARO, Ana; PÓVOA, Andreia; MACEDO, Lúcia. **A arte de fazer questionários**. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Departamento de Química, 2005. Disponível em:
<http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/a_arte_de_fazer_questionario.pdf >
Acesso em 10 jul. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. Editora Cortez: São Paulo, 2009.

_____. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 16-41.

BRANDÃO e MICHELETTI, G. (coord.) **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL, MEC. 1998. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. – Brasília: MEC/SEF.

CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense. 3. ed., 1986.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e cultura**. São Paulo: Editora da USP, 1972.

_____. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CHARTIER, R (dir.). **Práticas de Leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1996.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CONI, Maria de Lourdes Passos (letra e melodia). **Hino de Santo Antônio de Jesus**. Disponível em: <<http://pmsaj.blogspot.com.br/2008/11/hino-do-municpio-de-santo-antnio-de.html>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. O professor de literatura e seu material didático. 12º. Congresso de leitura no Brasil, Campinas, ALB, **Anais**, 1999.

COSTA, Luciana Daniele. A importância da literatura na sala de aula. **Conhecimento Prático Literatura**. Literatura e Psicopedagogia Reportagens, Ed. 37, 2011. Disponível em: <<http://literatura.uol.com.br/literatura/figuras-linguagem/37/artigo225090-2.asp>>. Acesso em: 09 out. 2013.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1983.

FÊNIX – **Revista de História e Estudos Culturais**. Abril/ Maio/ Junho de 2008 Vol. 5, Ano V nº 2 ISSN: 1807-697. Disponível em: < www.revistafenix.pro.br>. Acesso em: fev. 2014.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infanto-juvenil e educação**. Londrina: EDUEL, 2007.

FERREIRA, Maria Betânia. Literatura desde o berço. In: **Pra que serve a literatura?** 2. ed. São Paulo: Instituto Ecofuturo, 2013.

FIORINDO, Priscila Peixinho. Abordagens do texto literário para a formação do leitor crítico. **Revista Língua Portuguesa: conhecimento prático**. n. 36, maio 2012: 28-33 ISSN 1984-3682.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GARCEZ, Fabiano Fernandes. A escrita e a oralidade em tempos novas tecnologias da comunicação. **Revista Língua Portuguesa: conhecimento prático**. n. 45, agosto 2015: 16-22 ISSN 1984-3682.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GONÇALVES FILHO, Antenor Antônio. **Educação e literatura**. 2. ed. São Paulo: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

HOLANDA, Chico Buarque de. **A Cidade Ideal**. Composição: Enriquez/Bardotti/Chico Buarque. Álbum Os Saltimbancos. 13 Faixas. Lançamento 1977. Gravadora: Som Livre.

JARBAS, Flavio. Voz do sino. **O Paládio**, ano 41, n. 2.066, Santo Antônio de Jesus, 2 out. 1942.

JESUS, José Carlos Souza de. – Joscár. Seu João. **Blog do Valente**. Disponível em: <<http://www.blogdovalente.com.br/index/blog/colunista-30/joscar>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

_____. Reminiscências. **Blog do Valente**. Disponível em: <<http://www.blogdovalente.com.br/index/blog/colunista-30/joscar>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

_____. Minha Terra, Minha Cidade. **Blog do Valente**. Disponível em: <<http://www.blogdovalente.com.br/index/blog/colunista-30/joscar>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 8. ed. Campinas: Pontes, 2002

LAJOLO, Marisa. **Literatura**: Leitores & Leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

_____. **Usos e abusos da literatura na escola**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

LEITE, Lígia Chiappini. **Invasão da catedral**: literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

LIMA, Lixandre Liveira. Saudando os Ispidicionaro de Santo Antonho. **O Paládio**, ano 44, n. 2.183, Santo Antônio de Jesus, 25 out. 1945.

MARTINS, Aracy Alves. Interloquções do livro didático com a literatura. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Org.). **Literatura e Letramento**: espaços, suportes e interfaces. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, v. 8, p. 147-153.

MOITA LOPES, L. P. Padrões interacionais em sala de aula de Língua Materna: conflitos culturais ou resistência. In: COX, M. I.; ASSIS-PETERSON, A. A. de. **Cenas de sala de aula**. Campinas: Mercado das Letras. 2001, p. 161-179.

NARRADORES de Javé. Filme. Ano de Lançamento (Brasil): 2003, Estúdio: Bananeira Filmes / Gullane Filmes / Laterit Productions, Distribuição: Riofilme, Direção: Eliane Caffé, Roteiro: Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé, Produção: Vânia Catani, Música: DJ Dolores e Orquestra Santa Massa, Fotografia: Hugo Kovensky, Direção de Arte: Carla Caffé, Edição: Daniel Rezende.

PAIVA, Aparecida. MACIEL, Francisca, COSSON, Rildo (Coord.). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Col. Explorando o Ensino; v. 20.

QUEIROZ, Ursicino Pinto de. Extraído de “o Padoeiro”, folhetim anual da Festa de Santo Antônio, jun 1969. In: SANTANA, Suely Santos; MATTOS, Wilson Roberto de (Orgs.). **Trilhos do Tempo/trilhas da história: trabalho, cultura e sociedade em Santo Antônio de Jesus-Ba**, Santo Antônio de Jesus: [s.n.], 2012.

RANGEL, Egon de Oliveira. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: “Os amores difíceis”. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy;

PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, v. 8, p. 127-145.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. In: DALVI, Maria Amélia. REZENDE, Neide Luzia de. JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.) **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTOS, Milton. **Santo Antônio de Jesus Cidade Modelo das Palmeiras, e Palmeiras**. In: Guia Comercial Informativo. Santo Antônio de Jesus-Ba, 201?.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SILVA, Marcia Cabral da. MARTINS, Milena Ribeiro. Experiências de leitura no contexto escolar. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, Coleção Explorando o Ensino; v. 20.

SILVA, Rosemere Ferreira da. **Ressignificando o Ensino da Literatura no âmbito do Proletras**. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/516.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

_____. **Trajetórias de dois Intelectuais Negros Brasileiros: Abdias Nascimento e Milton Santos**. Salvador, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8585/1/Silva.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOUZA, José Antonio Tibério de. Terra Inculta. In: **Nas sílabas da poesia**, 2014, p. 96.

TELES, Adriana da Costa. Reflexões sobre o Percurso da Crítica Literária no Brasil do Século XX. **Revista Travessias**. n. 07. UNIOESTE, 2009. Disponível em: <e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3451/2745>. Acesso em: 10 dez. 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1992.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VALE, Roberto Santos do. As palmeiras. In: **Quintais: Poemas**. Petrópolis: Ed. Litteris, 2002.

WALTY, Ivete Lara Camargo. Literatura e escola: anti-lições. In: EVANGELISTA, Aracy; BRINA, H.; MACHADO, M. Zélia (Org.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 1999.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. **Teoria e Prática da Educação**, 2007, v. 03, p. 47-62.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. da. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2002.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

1. Quais as dificuldades que você enfrenta para ler e para promover a leitura entre seus alunos?

() Falta material disponível

() Falta o hábito de leitura na família

() Falta interesse por parte do aluno

() Outro _____

2. Você indica livros de literatura para seus alunos?

() Sempre

() Nunca

() Raramente

3. Você costuma trabalhar com gêneros literários em suas aulas?

() Com frequência

() Às vezes

() Raramente

() Nunca

4. Quais gêneros são mais abordados?

() Poema

() Romance

() Cordel

() Conto

() Outro

5. Os textos trabalhados são selecionados:

() a partir do livro didático

() a partir de indicações dos alunos

() a partir de catálogo oferecido pela editora

() com base no que a biblioteca escolar dispõe

6. Que estratégias você utiliza e/ou considera mais eficazes para estimular a leitura dos alunos (Numerar por ordem de relevância):

() lê com/para os alunos

() conta histórias

() marca debates/discussões

() aplica atividades escritas

() solicita trabalhos escritos

() marca seminário

7. Por ordem de frequência de uso, quais apoios didáticos você mais utiliza no trabalho com os textos literários?

() lousa () internet/computador () filmes () retroprojektor
() baú com objetos () música () Imagens () Outros

8. Que espaços você utiliza para trabalhar a leitura literária?

() sala de aula () biblioteca () pátio da escola () Outro

9. Ao trabalhar textos literários nas aulas de Língua Portuguesa, você prioriza:

() fruição estética () interpretação do sentido do texto
() aspectos linguísticos: sintaxe, por exemplo
() outro

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS

1. Você gosta de ler?

Sim Não Outro

2. O que você costuma ler no seu dia-a-dia?

Quadrinhos Revistas Livros Sites

Outros _____

3. Por que você lê?

Para se manter informado Porque gosta de ler

Por obrigação, porque a professora pede Para ser avaliado

Para obter conhecimento

Para conhecer um mundo novo, diferente, o mundo da fantasia, da imaginação

4. Que tipo de literatura você prefere ler?

Poesia Romance Conto Crônica Outro

5. O professor costuma trabalhar com gêneros literários nas aulas?

Com frequência Às vezes Raramente Nunca

5. Que influência a escola, especificamente a aula de Português, exerce sobre sua leitura de textos literários?

Nenhuma, não leio os textos indicados pela escola

Pouca, leio apenas os textos indicados para avaliação

Muita, leio os textos indicados pela escola e outros que professores comentaram, pego exemplares na biblioteca da escola.

Outro _____

APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE**

Eu, **ROSANI MERCÊS SANTOS MARTINEZ**, responsável pelo **COLÉGIO ESTADUAL RENATO MACHADO**, estou ciente e autorizo a pesquisadora **JEANE FRÓES DE FREITAS FERREIRA** a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado “LEITURA DE POESIA E CORDEL NA ESCOLA: PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EXPERIÊNCIA DA LITERATURA COMO HUMANIZAÇÃO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO”. Declaro conhecer as normas e resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos, em especial a Resolução CNS 466/12 e estar ciente das corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, bem como do compromisso da segurança e bem estar dos sujeitos de pesquisa recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

Santo Antônio de Jesus - BA, 30 de Setembro de 2014.

.....
Assinatura e carimbo do responsável institucional

APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPG
 Departamento de Ciências Humanas – Campus V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

**TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR**

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Leitura de Poesia e Cordel na Escola: Proposta Pedagógica para a Experiência da Literatura como Humanização, Memória e Pertencimento”. Seus pais permitiram que você participe. Queremos saber como a prática de leitura literária pode contribuir para a reflexão crítica. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e você não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, você será convidado a participar de atividades de leitura, compreensão e produção textual com a temática da Memória, História e Cultura de sua cidade. É possível que sinta um desconforto diante de opiniões divergentes em alguns momentos, esse é o risco, mas, caso você queira, poderá desistir e a pesquisadora irá respeitar sua vontade. Há coisas boas, benefícios que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua realização poderá resultar no desenvolvimento e aprimoramento da habilidade de leitura e compreensão de textos, tornando-o um leitor mais crítico e reflexivo sobre suas ações e o que acontece a sua volta.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os participantes da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa, os resultados serão publicados em revistas científicas e você também terá acesso a eles.

Você ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas pelos telefones:

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Jeane Fróes de Freitas Ferreira

Endereço: Lot.Tamarineiro, Rua B, 139, Santo Antônio de Jesus-BA

Telefone: (75) 8805-3074

E-mail: jeanefróes@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.195-001. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Leitura de Poesia e Cordel na Escola: Proposta Pedagógica para a Experiência da Literatura como Humanização, Memória e Pertencimento”. Entendi os objetivos, as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Santo Antônio de Jesus (BA), _____ de _____ de 20____

 Assinatura do participante da pesquisa

 Assinatura do pesquisador

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Departamento de Ciências Humanas – Campus V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(nome do sujeito da pesquisa, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, RG), neste ato representado por mim,

(nome do representante legal, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, grau de parentesco com o sujeito da pesquisa ou qualificação como tutor ou curador), está sendo convidado a participar de um estudo denominado **“LEITURA DE POESIA E CORDEL NA ESCOLA: PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EXPERIÊNCIA DA LITERATURA COMO HUMANIZAÇÃO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO”**, cujos objetivos são: propor momentos de leitura literária na escola, de modo que a experiência de leitura escolar se desdobre em práticas sociais de leitura na vida dos jovens; estimular a oralidade, a criatividade e a reflexão a respeito de fatos da vida, da história local e do cotidiano do aluno por meio de atividades diversificadas e lúdicas; identificar as características formais e discursivas dos gêneros poema e literatura de cordel; estabelecer o diálogo entre literatura, história local e memória construído a partir da leitura literária.

A sua participação no referido estudo será no sentido de vivenciar atividades de leitura com os gêneros literários poesia e cordel, a fim de praticar a leitura como fonte de fruição estética e de conhecimento, via de acesso aos mundos criados pela literatura. Optou-se, então, por trabalhar com o tema história local e do cotidiano, visando a inserção do aluno em eventos e práticas reais, bem como sua participação e seu reposicionamento diante do lugar em que vive.

Esta proposta consiste no desenvolvimento de práticas de leitura e compreensão de textos literários – poema e cordel – voltados para o tema da história local e cotidiana da cidade em que se vive, efetivando uma prática pedagógica fundamentada no texto literário como espaço de construção de sentidos e posicionamento crítico e autônomo diante da realidade que vivencia. Serão trabalhados textos literários de escritores da cidade que abordam, em suas produções, temáticas vinculadas ao cotidiano, à memória e à história local. O trabalho de leitura literária destes textos estará associado ao uso de ferramentas pedagógicas motivadoras e diversificadas, a saber música, vídeo, fotografias. Durante as aulas de aplicação do projeto, os alunos produzirão relatos escritos sobre o desenvolvimento e a participação nas atividades, construindo um portfólio como produto final. As produções dos alunos serão

apresentadas em evento de culminância na escola denominado “**Entre Memórias, Histórias e Poesia**”. A participação dos alunos é voluntária e se dará por meio de atividades de grupo e individuais, no mesmo turno do horário de aula, através da disciplina Língua Portuguesa. A pesquisadora envolvida com o referido projeto é a professora JEANE FRÓES DE FREITAS FERREIRA e com ela poderei manter contato pelos telefones (75) 3631-9104/3631-7369.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, é possível esperar alguns benefícios para o meu representado, tais como: o desenvolvimento e o aprimoramento da habilidade de compreensão leitora e escritora, bem como da capacidade de posicionar-se de forma crítica em contextos sociais diversos.

Recebi, ainda, os esclarecimentos necessários de que não há desconfortos e riscos decorrentes do estudo. Estou ciente de que a sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o (a) identificar, será mantido em sigilo. Também fui informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa, não haverá qualquer prejuízo à assistência que vem recebendo.

É assegurada a assistência do meu representado durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação de _____ **(nome do sujeito da pesquisa)**.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, autorizo a participação de _____ **(nome do sujeito da pesquisa)** na referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.

Santo Antônio de Jesus-BA, _____ de _____ de 2014.

(Assinatura e RG do representante legal do sujeito da pesquisa)

Jeane Fróes de Freitas Ferreira
(Pesquisadora Responsável)

Rosemere Ferreira da Silva

APÊNDICE F – SANTO ANTÔNIO DE JESUS, MINHA TERRA

Jeane Fróes de Freitas Ferreira⁷

Vou contar uma bonita história
Duma terra de fé e de valia
Que viveu dificuldade e glória
Também tristeza e alegria
Convido a despertar a memória
Reviver como magia
A verdadeira trajetória
Que um povo construiria
Para buscar uma vitória
Pela crença, força e sabedoria.

Chamada de Cidade das Palmeiras
Santo Antônio de Jesus
Fundada pelo padre Mateus Vieira
Que ergueu, em residência, cruz
Em homenagem ao santo de primeira
Um oratório de meditação e luz
Atraindo gente trabalhadeira
Que pela fé se conduz
Fazendo do trabalho sua bandeira
É uma vila que se produz!

Descendente de índios da Pedra Branca
Ali desenvolveu-se um povoado
Antes filiado à circunvizinhança
De Nazaré das Farinhas foi desmembrado
Ocorrendo, então, uma mudança
Pois em 1880 é emancipado

*Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia. Aluna do Mestrado Profissional em Letras – Proletras – 2013.2. UNEB, Campus V. O texto foi produzido em dezembro de 2014 e ainda não foi publicado.

Tornando-se cidade de perseverança
Tem em 1931 o nome simplificado
Mas nome é uma herança!
E o antigo título é recuperado

Hoje, do Recôncavo Sul é capital
De grande dinamismo a região
Graças ao forte comércio local
E a grande feira livre no coração
Da nossa cidade fenomenal
Um negócio campeão
Em lugar nenhum há igual
Com famosa festa de São João
Música, forró, gente bonita e legal
E também de fogos há a produção

A feira livre é um sucesso
Tem produtos de arrasar
Eu também a frequento, confesso
Lá compro roupas para badalar
Ela contribui para nosso progresso
É um negócio para se admirar
Para entrar não precisa de ingresso
Só necessita se animar
Por isso, eu aqui expresso:
Há nada melhor que esse lugar!

A trezena de Santo Antônio é famosa
Bem como São José e São Benedito
E toda a gente fervorosa
Faz um canto bem bonito
Depois da missa calorosa
O parque é lugar favorito
A procissão de Antônio é primorosa

A devoção é o espírito
Acredite! A festa é maravilhosa
E o coração é infinito

Mas nem tudo é folia
Há muitos problemas também
A terra não vive apenas de alegria
Em toda honra há um porém
Momentos de dor e melancolia
Dificuldade aqui se conhece bem
Só em 1950 chega a energia
Por isto se diga “Amém!”
Mas coisa há que nos angustia
Sofrimento que com a vida vem

Nosso trânsito é atrapalhado
Nossa memória sem preservação
O passado foi apagado
Temos a cicatriz de uma explosão
O consumismo é exagerado
Mais vale roupa que educação
O esporte não é valorizado
Lazer público não há não
Praças públicas sem cuidado
E cultura sem atenção

Mas nem sempre a coisa é treta
Pois há coisa que não se pode esquecer
Como estrada de ferro, mandioca e micareta
Palmeiras seculares para valer
E o trio jegue! Que porreta!
Clube dos Cem, Clube dos Mil e AABB
Dançarino do Olorum, qual cometa
Os passos da alegria a desenvolver

Amantes da Lira, música de “etiqueta”
E o povo “papa-jaca” que sabe viver

Essa terra que lhes apresento
É espaço de diversidade
Hoje é lugar de desenvolvimento:
Indústria, loteamento e universidade
Tem a ambição no pensamento
E no coração a hospitalidade
Já se percebe o seu crescimento
Mesmo diante de muita dificuldade
Por isso o sentimento de pertencimento
E o regozijo de ser parte dessa cidade!

APÊNDICE G – VAMOS REFLETIR! (Atividade de compreensão textual)

1. Que elementos tipicamente santo-antonienses aparecem no texto?
2. Quais desses elementos são positivos e quais são negativos?
3. Como a origem da cidade é narrada?
4. Esses elementos fazem parte de suas memórias (lembranças) de Santo Antônio de Jesus? Por quê?
5. Que outros aspectos você destacaria além dos que já foram indicados no texto?
6. Que concepção /sentimento sobre a cidade pode ser percebida(o) no texto?
7. Que olhar/ sentimento é o seu sobre a cidade de Santo Antônio de Jesus?
8. Você conhece a Literatura de Cordel? O que caracteriza esse texto como um cordel?
9. Conhecer sobre o passado de sua cidade pode contribuir para sua formação enquanto pessoa e cidadão e para a reflexão sobre o presente? Comente.
10. Escolha um dos elementos da memória santo-antoniense citados pelo texto ou outro de sua preferência para pesquisar sobre. Converse com pessoas de gerações mais velhas para descobrir informações sobre o que você está pesquisando.

ANEXO A – A CIDADE IDEAL

Chico Buarque

[introdução]

Jumento: Àquela altura da estrada já éramos quatro amigos.

Queríamos fazer um conjunto, bem.

Queríamos ir juntos à cidade, muito bem.

Só que, à medida que a gente ia caminhando, quando começamos a falar dessa cidade, fui percebendo que os meus amigos tinham umas ideias bem esquisitas sobre o que é uma cidade. Umas ideias atrapalhadas, cada ilusão. Negócio de louco...

[música]

Cachorro:

A cidade ideal dum cachorro

Tem um poste por metro quadrado

Não tem carro, não corro, não morro

E também nunca fico apertado

Galinha:

A cidade ideal da galinha

Tem as ruas cheias de minhoca

A barriga fica tão quentinha

Que transforma o milho em pipoca

Crianças:

Atenção porque nesta cidade

Corre-se a toda velocidade

E atenção que o negócio está preto

Restaurante assando galeto

Todos:

Mas não, mas não

O sonho é meu e eu sonho que

Deve ter alamedas verdes

A cidade dos meus amores
 E, quem dera, os moradores
 E o prefeito e os varredores
 Fossem somente crianças
 Deve ter alamedas verdes
 A cidade dos meus amores
 E, quem dera, os moradores
 E o prefeito e os varredores
 E os pintores e os vendedores
 Fossem somente crianças

Gata:

A cidade ideal de uma gata
 É um prato de tripa fresquinha
 Tem sardinha num bonde de lata
 Tem alcatra no final da linha

Jumento:

Jumento é velho, velho e sabido
 E por isso já está prevenido
 A cidade é uma estranha senhora
 Que hoje sorri e amanhã te devora

Crianças:

Atenção que o jumento é sabido
 É melhor ficar bem prevenido
 E olha, gata, que a tua pelica
 Vai virar uma bela cuíca

Todos:

Mas não, mas não
 O sonho é meu e eu sonho que

Deve ter alamedas verdes
A cidade dos meus amores
E, quem dera, os moradores
E o prefeito e os varredores
Fossem somente crianças

Deve ter alamedas verdes
A cidade dos meus amores
E, quem dera, os moradores
E o prefeito e os varredores
E os pintores e os vendedores
As senhoras e os senhores
E os guardas e os inspetores
Fossem somente crianças

ANEXO B – O PADROEIRO

“Era uma vez, uma Vila; Vila de gente pobre, de poucas ruas e poucas casas e pouca gente; mas gente que quer ser gente, que quer crescer, quer progredir... e o caminho das tropas que chegavam a esta vila se tornou o mesmo caminho de trem de ferro; e, por este caminho, chegou gente e saiu gente; chegou mais do que saiu; saiu pra ser doutor, senador, governador, ser gente grande; ficou pra ser gente grande e engrandecer a Vila. E plantaram muitas Palmeiras; e as Palmeiras cresceram; e a Vila também cresceu; cresceu quis ser cidade. Virou cidade, CIDADE DAS PALMEIRAS; pequena, de pouca gente e de poucas casas; e a capela pequena, capela do Padre Matheus, cresceu, cresceu virou Mariz; no centro da grande praça...

...e a cidade cresceu; chegou mais gente; fizeram casas nasceram ruas, fizeram ruas e bairros...e a pequena Matriz cresceu, cresceu se tornou imponente...

... e a gente, no adro de sua igreja, não se cansa, não se poupa, de fazer a sua gente cada vez mais gente grande.”⁸

⁸ Texto do ex-prefeito Ursicino Pinto de Queiroz, extraído de “o Padroeiro”, folhetim anual da Festa de Santo Antônio, do mês de junho de 1969. In: **Trilhos do Tempo/ trilhas da História**: trabalho, cultura e sociedade em Santo Antônio de Jesus –BA. SANTANA, Suely Santos. MATTOS, Wilson Roberto de (Orgs.), União Artes Gráfica Editora, 2012, pp. 21-2.

ANEXO C – HINO DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS

Letra e Melodia por Maria de Lourdes Passos Coni

Cidade das flores, quantas coisas tens
O dinamismo do povo, comunicação também
Tudo em ti expressa ternura e calor
Progresso do nosso Recôncavo
Transmitas carinho e amor

Segues sempre em frente, cresce mais e mais
Mostras que és capaz de produzir.
Cria nova metas, e os teus ideais
Procura a todos difundir

Fostes uma capela, hoje tu és grande
Palmeiras ressaltam tua beleza
Cidade sorriso, busca confiante,
Teu comércio exalta tua grandeza.

Brasil é o teu lar, líderes fizestes
Que te exibem aos múltiplos rincões,
Gente, amor, trabalho são os teus guindastes
Cenário de paz, de emoções.

ANEXO D – POEMAS

VOZ DO SINO

O sino da Matriz soluça: Dião...
 Dlim... dão... dlim... dão..., tristonho e compassado...
 Alguém morreu, o dobre é de finado!...
 E há, nesta voz do sino, uma oração!...

Como é volúvel esse sino vão!
 Ontem, assim batia repicado!
 Dião, dlão, dlão, dlão, alegre, acelerado,
 Chamando o povo para a procissão!...

Meu coração é tal como esse sino!
 Também bateu, no tempo de menino,
 Muita aleluia com dlindões de flores!

Mas, hoje, assim, plangente e contrafeito,
 Vive a bater na torre do meu peito,
 O triste funeral dos meus amores!...

(Flavio Jarbas, Setembro de 1942. In: **O Paládio**. Ano 41, No. 2.066, Santo Antonio de Jesus, 2 de Outubro de 1942.)

AS PALMEIRAS

Ao longe avisto palmeiras
 Luzes do sol da minha terra
 No quintal
 Graviolas
 Acerolas
 Saudade sentimental
 Que só quem fica ausente tem

Sanfona
 Caminhão
 Bagana, baganeira
 Essa doideira da gente crescer sem saber
 Por que se vai?

Hoje acordei na boêmia do Nelson
 No samba coco do Martinho
 É que sou ainda miudinho
 Com minha nostalgia nostálgica
 Pelas estradas que passo
 Sempre digo de onde sou:
 Sou lá de casa
 Quintal de gangorra
 Fogo de lenha de minha avó
 Sou lenheiro
 Fogueteiro
 De São Pedro
 São João
 De Kilkerre
 Sou poeta das palmeiras
 Devoto de São José.

(Roberto Santos do Vale, Rio, 14 de Março de 2001. In: **Quintais**, Petrópolis, 2002.)

SEU JOÃO

À porta de Seu João
 este ano não se acendeu,
 a fogueira de São João
 e eu, fiquei triste!...
 Será que ele viajou?
 Por quê?
 Ele é um sujeito animado

e este ano não fez fogueira!...

Por quê?!

Sim: A fogueira de São João,
à porta de Seu João,
não se acendeu porque o seu coração
se apagou para sempre!...

Sim: Ele viajou simplesmente!...

À porta de Seu João,
este São João,
não restaram cinzas no chão!...

Mas um dia quem sabe,
se acenda novamente;
porque afinal de contas minha gente,
à morte é assim mesmo!...

José Carlos Souza de Jesus "Joscar". In: Blog do Valente. Disponível em: <http://www.blogdovalente.com.br/index/blog/colunista-30/joscar>. Acesso em: 20 jan. 2014.

REMINISCÊNCIAS

Onde eu moro?...

Esta é uma pergunta que faço a mim mesmo:

Onde eu moro?...

Imediatamente vem a resposta:

Eu moro sobre e sob as pessoas!...

Existem pessoas que nem conheço,
só de vista, é claro.

Eu moro é numa caixa de fósforo,
aqui de grande que existe é só o aluguel
e para completar tem ainda o mísero do condomínio...
Daqui do vigésimo segundo andar, velo os carros e as
pessoas como um formigueiro. Por falar em formigueiro,
nunca mais eu contemplei uma formiga!...

Quantas reminiscências eu sinto agora da minha cidade

do interior! Daquelas ferroadas de formigas, do meus pés
sujos de poeiras ou de lamas, de tantas e tantas coisas
que agora me falha à memória!...Em suma:

Nunca mais senti uma ferroadada de formiga; nunca mais
os pés ficaram sujos...

Agora, eu estou andando em asfalto;

residindo perto do céu;

numa cidade grande;

num arranha-céu!...

As ruas das cidades agora estão belas,

existem asfaltos...

As casas das cidades não são mais casas,

são imensos edifícios...

As cidades agora não iluminadas por lampiões,

existe a eletricidade...

Os automóveis são moderníssimos...

Para se comunicar com qualquer país do mundo,

é um segundo...

É a tecnologia, é a comunicação...

Olha, vou lhes ser sincero:

Não sou um antiprogressista, mas tudo isso deixa

o homem num verdadeiro escarcéu; poluições várias,

conduzindo-o à neurose...Tudo isso enfim, não deixa

o homem viver uma vida tranquila!...

Olha, vou lhe ser sincero:

Gostaria de viajar no túnel do tempo

e regressar ao passado!...

Ah! Se tudo pudesse voltar,

como dantes!..

À noite é silêncio!...

Aqui, nesta cidade grande a gente não faz jus a esse silêncio!...

Os carros rasgam à noite; apitos, gritos, cortam o silêncio da noite!...

O silêncio nesta cidade grande não existe: As horas passam,

a madrugada cresce e a loucura prossegue...

Enfim: O dia amanhece!...
Mas, fica tudo no mesmo: prossegue a loucura...
Por isso digo e repito sempre:
Quantas saudades da minha cidade do interior;
quantas saudades das tristes badaladas do velho
relógio da igreja!...
Infelizmente eu não posso regressar...
Eu vim para esta cidade grande, lutar!...
À vida é luta e viver é lutar!...
Tornar-me-ei um alienista ou então
eu vou alienar para sempre!...
Só assim eu poderei resistir, aguentar,
a essa loucura louca!...

José Carlos Souza de Jesus "Joscar". In: Blog do Valente. Disponível em: <http://www.blogdovalente.com.br/index/blog/colunista-30/joscar>. Acesso em: 20 jan. 2014.

MINHA TERRA, MINHA CIDADE

Quanto eu sou feliz!... Em poder dizer, em poder sentir a felicidade, de amar, a minha cidade!... A minha cidade também tem palmeiras, aqui canta também o sabiá; ela é de uma beleza, que só a natureza, pode lhe dar!... Aqui, as flores são mais flores, tudo em fim é mavioso!... Quanta saudade eu sinto quando estou ausente, só de pensar nessa gente, gente boa e hospitaleira, que só deseja o bem, sem olhar à quem!... Amo a terra em que nasci! Tudo farei pelo progresso da minha querida cidade!... Ela vive e viverá aqui, dentro do meu coração... Quero por ela trabalhar, para poder exaltar, o meu berço natal!... Quanto eu sou feliz!... Em poder dizer: Amo a terra em que vivo!... A MINHA TERRA- é o Brasil, este Brasil varonil de encanto e esplendor!... A MINHA CIDADE - cheia de beleza e luz, é Santo Antônio de Jesus!...

José Carlos Souza de Jesus "Joscar". In: Blog do Valente. Disponível em: <http://www.blogdovalente.com.br/index/blog/colunista-30/joscar>. Acesso em: 20 jan. 2014.

SAUDANDO OS ISPIDICIONARO DE SANTO ANTONHO⁹

Sordados de Santantonho!

__ Pelo valô dismidido
 cum que vocêis se batêro,
 la num Pais istrangêro,
 contra o alemão atrevido;
 pelo heroísmo sem pá,
 cum que vocêis, sem cessá,
 lutaro caqueles cão,
 __nessa loa, qui ora faço,
 eu les mando o meu abraço,
 o meu aperto de mão!

Santantonho de Jisús

(já disse mais de um-a vêis),
 e o que eu digo não inguio
 pru ser a mãe de vocêis!

O brasileiro faz tudo:

pede e roga do seu canto,
 a tudo quanto há de santo,
 até santo que não há,
 pru Brasí nunca tê guerra;
 mas, quando cai no atoleiro,
 o sordado brasileiro
 é um sordado sem iguá.

E não haverá de sê

o contraro disso não:

__Nós ama co coração,

⁹ O poema refere-se à chegada dos expedicionários Antonio Carlos de Almeida, Egídio de Araujo Moreira e Ismael Oliveira, naturais da cidade, vindos da Europa, onde tomaram, componentes que eram da tropa brasileira, parte nos últimos combates ao lado dos aliados contra o nazi-facismo de onde saíram vitoriosos.

cum amô sincero e liá.
E é pruvia desse amô
qui nós não deseja a guerra,
pra não deixa nossa terra,
onde nós que se interrá!...

Sordados de Santantonho!
__Agora qui istais de vorta,
nós tamo na vossa porta,
com fogos, musga e fulô,
saudando o vosso heroísmo
na luta contra o nazismo
qui a Oropa ensanguentou!...

Lixandre Liveira Lima. In: **O Paládio**. Ano 44, No. 2.183, Santo Antônio de Jesus, 25
Out. 1945.

ANEXO E – TERRA INCULTA (Aos que têm fome e sede de cultura)

O coreto vazio! ... E a lira?
Um anfiteatro sepulto...
A lápide fria... Agora inspira
Concreto baldio e inculto!

Calçadas vãs... Indigentes,
Andrajos em muros pichados...
Refúgio de apelos pingentes;
Fachadas q'exoram cuidados!

O paço da cultura... Ocioso!...
Jazendo num canto esquecido...
Revela o contrassenso danoso
Das trancas de aço carcomido

Na ínsula de vorazes e fumaça
Os livros transbordam a agonia...
Alcácer onde, sedenta, evoaça
A falsa retórica... A vã filosofia!

Botecos tribais... São arraigados
Em atmosfera de saibro nefasto...
Recantos bárbaros... E alienados
Alteram toda cultura em pasto!

Pensantes... Glorificai a alforria,
Do julgo de infaustos destruidores...
Historiai... Impérvios de cobardia,
Acatando a "Revolução das Flores"!

(José Antonio Tibério de Souza. In: **Nas sílabas da poesia**, 2014, p. 96)

ANEXO F – SANTO ANTÔNIO DE JESUS (Cidade modelo das palmeiras, e
palmeiras)

Milton Santos

[...]

Santo Antônio de Jesus
No Recôncavo da Bahia
Uma cidade modelo
Cheia de encanto e magia
Terra do sol nascente,
Mulher bonita atraente,
Muito sonho e fantasia

Nossa cidade é conhecida
No cenário nacional
Por conta de um grande atleta
No esporte mundial
Foi jogador da seleção
Ganhou a Copa no Japão
Júnior, o grande lateral!

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá
Quem visita minha terra
Não quer mais sair de lá
Santo Antônio de Jesus
Muito brilho e muita luz
Um encanto de lugar!

Cidade hospitaleira
Um bom lugar pra viver,
Nosso povo, nossa gente
Tem muito a lhe oferecer!
Quem chega pra visitar

Compra casa pra morar
Fica aqui até morrer!

Nossa cidade tem três rádios
De qualidade e aceitação
Todas com grande audiência
Em Santo Antônio e região
Se você quer comprovar
Basta só sintonizar
Na melhor programação.

A querida rádio clube
Faz parte da nossa história
É a primeira da cidade
Trouxe o progresso e vitória
Fez o comércio crescer
Ajudou a desenvolver
Toda a nossa trajetória.

A Andaiá FM
Mantém sua tradição
É uma rede de rádios
Em toda nossa região
Programação de qualidade
A caçulinha da cidade
A rádio do coração

A Recôncavo FM
Também veio pra somar
Sua audiência é compatível
Ao merecido lugar
Com uma rica programação
Muita música e informação
Caiu no gosto popular

O comércio é muito bom,
Bem melhor pra se comprar.
Tudo aqui é mais barato,
Eu posso até lhe provar!
Aqui tudo tem valor,
Nunca falta comprador,
Vem pra cá negociar!

O comércio é sempre cheio,
Muita movimentação
Gente que sobe e que desce
Trazendo compras na mão
O povo compra pra valer,
Compra até pra revender,
De inverno a verão.

[...]

Nossas lojas são modelos,
Estilo da capital!
As galerias são chiques,
Com padrão universal!
Quem vem pra nos visitar
Não sai daqui sem comprar
De São João a Natal!

[...]

A banca Padre Matheus
Vale à pena destacar
Frente à Igreja Matriz
Um bom lugar pra lanchar
Milk shake com banana,
Gostoso caldo de cana
Pra você saborear

Livros, revistas, jornais,
Aqui tem muita opção.
Caldo de cana gelado
Pra acalmar o coração!
Sucos, lanches, moranguinhos,
Coco verde geladinho
Faz parte da tradição.

Nosso comércio é sucesso,
Capital, interior,
Leva o nome traz progresso
E cresce a todo vapor!
Aqui tudo é tradição,
Aumenta a população,
Tudo tem o seu valor!

Temos lojas de destaque
Eu posso até lhe provar
Que investem no comércio
Faz a cidade aumentar!
Com empresário padrão,
Trabalho e dedicação,
Trouxe o progresso pra cá!

Essas lojas de destaque
Que eu quero me referir
São antigas na cidade.
Ainda existem por aqui,
Investem na propaganda
A concorrência e demanda
É só você conferir.

A Comercial São Luís
Faz parte da tradição

Do progresso da cidade.
E nossa população
Toda sua trajetória
É um pedaço dessa história
Contada com emoção

Na lenda da nossa história,
A São Luís tem tudo a ver
Cresceu junto com a cidade.
Viu tudo desenvolver!
Nosso povo, nossa gente
A São Luís sempre presente
Investindo pra valer!

[...]

Aqui vou destacar
Com bastante precisão
Um comércio popular
E toda a sua tradição!
Onde o comércio surgiu
E daqui se expandiu
A feira livre do povão!

É uma rica feira livre,
De tudo tem pra vender.
Nosso preço é mais barato,
Só você vendo pra crer!
Vem gente de todo lugar
Nossos produtos comprar
Compra até pra revender

No dia de quarta-feira,
Já virou uma tradição,

A maior feira de roupas
O povo todo vem pra cá
Pra vender e pra comprar,
Compra tudo de montão!

Na feira de Santo Antônio,
De tudo tem com fartura:
Pamonha de milho verde,
Carne de sol e verdura;
Farinha de mandioca,
Beiju de coco, tapioca,
Doce de leite, rapadura.

Legumes e muitas frutas
Encontra-se de montão!
Uva, maçã e melancia;
Laranja, lima e limão;
Jaca, melão, acerola;
Abacaxi e graviola;
Banana, manga e mamão.

Nas barracas de comida
O que não pode faltar:
Sarapatel, mocotó,
Caruru e vatapá;
Costela de porco assada,
Ensopado e feijoada,
Pra você saborear.

No centro da feira livre
Ainda existe a tradição,
O trabalhador rural
Chegando de caminhão.
Vendendo e negociando,

Comprando tudo e trocando,
Com muita dedicação.

A partir do mês de maio,
Na feira tem pra vender:
Amendoim bem cozido,
Gostoso pra se comer.
O povo compra de montão
Pras festas de São João
Compra até pra revender!

O comércio vende tudo
Com preço de promoção
As lojas ficam repletas
Com artigos para o São João,
Roupas, sapatos e chapéu;
Casacos de pele Chanel,
Fazem parte da tradição

[...]

As ruas ficam lotadas
Com muita aglomeração
Gente que entra e que sai,
Uma grande agitação!
As rádios tocam forró
Pro cabra arrochar o nó
Em clima de São João!

A cidade fica cheia,
Sem espaço pra andar!
Gente de todo Brasil
Vem pra cá forrofiar
Pra dançar a noite inteira

Forró levanta poeira
Até o dia raiar.

As praças ficam repletas
E não cabem mais ninguém
Gente que sobe e desce
Num gostoso vai e vem!
Muita mulher pra ficar
E também pra namorar
Aqui não sobra ninguém!

A prefeitura investe muito
No mais bonito arraial!
Contrata as melhores bandas
De forró para tocar
No circuito do São João,
Pra manter a tradição,
Dessa festa popular!

As ruas são enfeitadas
Com muita decoração:
Figuras típicas do forró
Com bandeirola e balão
Sanfoneiro especial
Dando um toque essencial
Na noite de São João.

Fogos de artifícios
Aqui não podem faltar!
Deixam a noite mais bonita
Como noite de luar,
Forró levanta poeira
No terreiro uma fogueira
E o povo a festejar!

As crianças se divertem
Com bastante animação
Todas querem soltar fogos,
Brincar de roda e balão,
Correr, pular e cantar;
Pra poder comemorar
A noite de São João

As rádios tocam forró
Dia e noite sem parar.
O povo dança na praça
Faz a poeira voar!
Xote, xaxado e baião
Arrasta-pé, forrozão,
Até o dia clarear!

Comidas típicas nas barracas,
Licor e muito quentão!
Bandas no palco tocando,
Arrastando a multidão.
O povo todo dançando,
Os casais se aconchegando,
No escurinho do salão.

Essa festa traz progresso,
Fazendo desenvolver,
Gerando emprego e renda,
Faz a cidade crescer
Com perfeita união
Nosso Deus no coração
É bem melhor pra viver!

Tudo que hoje temos
Faz parte da união

Cidade e zona rural
O homem do mato e sertão
Esse bravo agricultor
Que trabalha com amor
De inverno a verão.

Esse homem agricultor
Merece toda atenção
Ele é o responsável
Por parte da produção
Da fartura com certeza
Que enriquece a nossa mesa
Com boa alimentação

[...]

O clima aqui é bem melhor
Em nível de região
Nossos pastos sempre verdes,
De inverno a verão!
Rebanho de vaca leiteira,
Gado gordo na cachoeira,
Com farta alimentação.

Nosso clima é bem melhor,
Nossa terra tem valor,
Nossas matas conservadas,
Cuidadas com muito amor,
Nossa fauna e nossa flora
É fruto da nossa história
Um tesouro de valor.

ANEXO G – APROVAÇÃO DO PROJETO PELO CONEP/PLATAFORMA BRASIL

- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA	
<p>Título da Pesquisa: LEITURA DE POESIA E CORDEL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EXPERIÊNCIA DA LITERATURA COMO HUMANIZAÇÃO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO Pesquisador Responsável: JEANE FRÔES DE FREITAS FERREIRA Área Temática: Versão: 1 CAAE: 42056115.8.0000.0057 Submetido em: 09/02/2015 Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA Situação da Versão do Projeto: Aprovado Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável Patrocinador Principal: Financiamento Próprio</p>	
	
Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_395905	

- LISTA DE APRECIÇÕES DO PROJETO							
Apreciação	Pesquisador Responsável	Versão	Submissão	Modificação	Situação	Exclusiva do Centro Coord.	Ações
PO	JEANE FRÔES DE FREITAS FERREIRA	1		16/09/2015	Aprovado	Não	   

- HISTÓRICO DE TRÂMITES							
Apreciação	Data/Hora	Tipo Trâmite	Versão	Perfil	Origem	Destino	Informações
PO	16/09/2015 20:05:44	Parecer liberado	1	Coordenador	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	PESQUISADOR	Considerando o exposto somos favoráveis à execução Ver mais >>
PO	16/09/2015 20:04:53	Parecer do colegiado emitido	1	Coordenador	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	
PO	15/09/2015 16:11:41	Parecer do relator emitido	1	Membro do CEP	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	
PO	15/09/2015 15:52:43	Aceitação de Elaboração de Relatoria	1	Membro do CEP	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	
PO	17/04/2015 13:17:36	Confirmação de Indicação de Relatoria			Universidade do Estado da Bahia - UNEB		
PO	13/04/2015 20:11:03	Indicação de Relatoria			Universidade do Estado da Bahia - UNEB	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	
PO	23/02/2015 18:01:13	Aceitação do PP			Universidade do Estado da Bahia - UNEB	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	
PO	09/02/2015 17:35:47	Submetido pela CONEP para avaliação do CEP			Universidade do Estado da Bahia - UNEB	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	
PO	09/02/2015 17:35:47	Enviado Projeto para o CEP Apreciar			CONEP	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	Universidade do Estado da Bahia - UNEB
PO	09/02/2015 17:19:52	Submetido para avaliação do CEP		Pesquisador Principal	PESQUISADOR RESPONSÁVEL	CONEP	